

# O BRASIL AGRÍCOLA

ABRIL/2006 - Nº 688 - ANO 62 - R\$ 9,20 - www.agranja.com

# agranja

desde  
1945



EDITORA  
CENTAURUS



## ONDE ESTÁ O OURO?

Exemplos de produtores  
que sabem enfrentar  
as adversidades

Paulo Menezes,  
produtor de arroz no  
Rio Grande do Sul  
e Maranhão

O SEGREDO DE QUEM FAZ

João Luiz Ribas Pessa,  
presidente da Ampa

"No governo Lula a produção  
é tratada como um mal necessário"

**ANÚNCIO**

**ANÚNCIO**

O BRASIL AGRÍCOLA  
www.agranja.com

# agranja



Revista Planeta Arroz

## 20 REPORTAGEM DE CAPA

Os produtores que sabem enfrentar as dificuldades com muito profissionalismo

## 27 PARABÓLICAS

Informação a qualquer hora, em qualquer lugar

## 30 TRIGO

Falta de estímulo ao plantio e preços baixos são a dor-de-cabeça de quem produz



Embrapa Trigo

## 40 PEQUENAS FRUTAS

Cultivo de amoras, framboezas e mirtilos no interior gaúcho vem rendendo bons lucros



Cristine Pires

## 44 ALGODÃO

Brasil ingressa na Era dos transgênicos



Divulgação

## SEÇÕES

### 8 O SEGREDO DE QUEM FAZ

João Luiz Ribas Pessa, presidente da Ampa

### 70 PONTO DE VISTA

Walter Arns, presidente do Sindicato Rural e Associação Rural de Uruguaiana

11 Vitrine

12 Primeira Mão

14 Aqui Está a Solução

16 Cartas, Fax, E-mails

17 Caderno H

50 Agricultura Familiar

52 Eduardo Almeida Reis

54 Notícias da Argentina

55 Plantio Direto

58 Agribusiness

62 Flash

64 Biotecnologia

65 Novidades no Mercado

66 Agro Oportunidades

68 ClassiRural

**ANÚNCIO**

**ANÚNCIO**

**ANÚNCIO**



Divulgação

# “Para Lula, produção é um MAL necessário”

Leandro Mariani Mittmann  
leandro@agranja.com

**E**ntre as estatísticas que desnudam o momento crítico do agronegócio brasileiro, raras são tão contundentes e reveladoras como a do algodão: redução de 33% de área da safra anterior para a atual. “No governo Lula a produção é tratada como um mal necessário e não como uma solução”, aponta uma das explicações para a freada da atividade **João Luiz Ribas Pessa**, sócio do Grupo Fazenda Nova, de Primavera do Leste/MT, e uma das principais lideranças da cotonicultura brasileira. Atual presidente da Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão (Ampa), Pessa foi fundador e primeiro presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), e exerce muitos outros cargos em entidades representativas do segmento. “Não acontecendo a ‘MP do Bem’ da agricultura (conjunto de medidas para estimular e alavancar o setor), os produtores que ainda conseguiram plantar este ano estarão todos quebrados em 2007”, prevê.

**A Granja — O que explica uma redução tão drástica de uma safra a outra de 33% na área destinada ao algodão no País (de 1,2 milhão de hectares para 800 mil)?**

**João Luiz Ribas Pessa** — A principal razão que levou à queda brusca da área plantada foi de natureza econômica. O algodão é uma das culturas mais caras, sendo seu custo da ordem de US\$ 1.600,00 por hectare. O produtor perdeu 30% de seu poder aquisitivo ao plantar em 2004 com dólar valendo R\$ 2,80 e colhendo em 2005 com o dólar valendo R\$ 2,20. Com a necessidade de rolar dívidas de uma safra para outra, ele viu seu crédito reduzido junto aos bancos e empresas fornecedoras de insumos, estas últimas os maiores financiadores dos produtores. Com menos dinheiro no bolso e com o crédito comprometido tivemos como consequência produtores não plantando ou plantando menos. Revertamos a curva de crescimento de nossa

produção voltando aos níveis de plantio de 2001.

## *Afinal, quem come algodão a não ser algodão-doce em circos?*

**A Granja — Quais são e serão os reflexos deste encolhimento para a cadeia do algodão?**

**Pessa** — Para o setor industrial têxtil brasileiro o aumento de preço e a volta da importação é igual à perda de competitividade; para a balança comercial, a perda do superávit; para o produtor, o risco de insolvência; para o mercado internacional, a oportunidade de outros países produtores tomarem nosso mercado; para as regiões produtoras, a volta da migração da mão-de-obra para os grandes centros (que estava revertendo e que vai ocasionar ainda mais a pressão por empregos e crescer a violência nas cidades).

**A Granja — Em razão da redução de área e, conseqüente produção, aumentou a cotação da pluma. Portanto, dá para comemorar?**

**Pessa** — Em parte, o atual preço está remunerando melhor apenas 10% dos produtores brasileiros, que ainda tinham algodão estocado. Os grandes beneficiados estão sendo os comerciantes que compraram o ano passado a preços bai-

**A Granja — O preço pago pelo mercado está bem aquém do preço mínimo estipulado pelo governo. Por que o preço mínimo não é praticado? O que precisaria haver para que o preço mínimo fosse respeitado?**

**Pessa** — Boa pergunta. O preço mínimo é definido e abaixo do qual o produtor não cobre os custos. Não é respeitado porque a verba destinada no orçamento para o Ministério da Agricultura é ridícula. Não se pode nem sequer considerar um “cobertor curto” que, quando cobre a cabeça descobre os pés, está mais para um lenço pequeno para um tuberculoso. Para que se respeitasse o preço mínimo bastaria que o governo reconhecesse que nosso País é eminentemente agrícola e é na agricultura que vamos solucionar o problema social e econômico. Não com desapropriações

demagógicas, mas com agricultura sustentável.

**A Granja — O governo americano anunciou que irá pôr fim aos seus subsídios à exportação de algodão. O senhor acredita nisso? E quando Washington acabará com os subsídios internos aos seus cotonicultores?**

**Pessa** — A OMC (Organização Mundial do Comércio) é um organismo do qual dependem mais os países ricos do que os pobres. Assim sendo, acreditamos que os Estados Unidos vão procurar postergar o máximo possível o corte dos subsídios, mas, tanto eles como a União Européia, sabem que não há mais como esconder que os subsídios são uma das maiores causas do subdesenvolvimento dos países eminentemente agrícolas e que, se não corrigirem estes desvios, não terão como sustentar o livre comércio do qual dependem.

**A Granja — O que representaria, na prática, o fim irrestrito dos subsídios americanos? Em quanto aumentaria a cotação da pluma?**

**Pessa** — Os Estados Unidos são o segundo maior produtor e os maiores exportadores. Com a queda dos subsí-

dios estes não conseguiriam competir conosco, a expectativa seria de um aumento de preço na ordem de 20% no mercado internacional e, mais importante, a possibilidade do Brasil vir a substituí-los na produção.

**A Granja — Por que o algodão transgênico ainda é uma realidade tão distante das lavouras brasileiras? O que está faltando para a adoção da tecnologia?**

**Pessa** — Somos um dos últimos países agrícolas do mundo a negarmos o óbvio. Importamos e consumimos produtos transgênicos e não nos é permitido produzi-los. Países desenvolvidos, como Estados Unidos e Austrália, países populosos em desenvolvimento como China e Índia, todos os órgãos técnicos brasileiros (particulares ou do governo, como a Embrapa), exaltam o grande ganho que é a biotecnologia no sentido de preservar a saúde humana e o meio ambiente. No entanto, ONGS e neófitos no assunto se arvoram de donos da verdade e não permitem que o Brasil evolua por capricho ou atendendo interesses comerciais de nossos concorrentes. Precisamos é que nosso Congresso e o executivo parem de fazer vista grossa para nossas necessidades e ponham um basta em exigir da agricultura testes e exames que, coerentemente, sequer exigem quando se trata da liberação de remédios para o consumo humano diretamente. Afinal quem come algodão a não ser algodão-doce em circos?

**A Granja — Quais benefícios o algodão transgênico trará ao produtor?**

**Pessa** — Para o produtor, diminuição do custo de produção; para o trabalhador rural, menos exposição química; para a natureza, menos agressão ambiental; para a sociedade, geração de empregos e maior competitividade industrial.

**A Granja — Segundo o IBGE, o crescimento do PIB do setor agrícola em 2005 foi de apenas 0,8%, o menor desde 1997. Quanto tempo o setor vai levar para se recuperar desta freada? E como deverá ser este processo? Quais as ações precisam ser implementadas para a recuperação?**

**Pessa** — Corrigindo o câmbio, adotando a biotecnologia, aprovando os defensivos genéricos, alongando a dívida

causada pela diferença cambial, concedendo empréstimos para produção e comercialização a juros internacionais. Se estas medidas forem adotadas em curto prazo, é questão de uma safra para recuperarmos totalmente o terreno perdido. Se a elas ainda somarmos a mudança das leis trabalhistas, feitas para a cidade, adequando-as para o campo, o Brasil deixará a condição de eterno País em desenvolvimento.

**A Granja — Entidades contestam o IBGE ao afirmar que o crescimen-**

to em rentabilidade. E, enquanto a estatística do IBGE é acadêmica, a contabilidade entre custo e preço de venda é econômica e transparente.

**A Granja — Mas por ser um ano eleitoral, o setor poderá receber mais apoios das esferas públicas?**

**Pessa —** Isto é verdade. Mas gostaríamos que fosse diferente, há muito tempo temos pleiteado a adoção de uma política agrícola de longo prazo. Não queremos ser socorridos. Queremos que o governo pare de gastar com sua máqui-

rença cambial, não adoção da biotecnologia, juros altos e razões já mencionadas acima. Isto posto, como a crise da agricultura é em decorrência única e exclusivamente das políticas, ou falta delas, nada mais justo de que este arque com o ônus conseqüente do que julga estar fazendo corretamente (com discordância de todos os setores produtivos, exceto bancos e especuladores e, claro, dos políticos dos mensalões).

**A Granja — O próprio ministro Roberto Rodrigues advertiu que “com o dólar a R\$ 2,20 os produtores do Mato Grosso não iriam fechar as contas”. Existe uma maneira efetiva do produtor “driblar” os efeitos do câmbio?**

**Pessa —** Se exportamos dólares em grande parte e gastamos em reais, só não seremos reféns do câmbio se ele for um câmbio gerido pelas razões comerciais e não financeiras. Nosso câmbio está alto devido a grande entrada de dinheiro especulativo, que vem em busca da remuneração dos juros altos. Enquanto todas as nossas despesas em reais são encarecidas por altos impostos, como mão-de-obra com custos de leis sociais altíssimos, logística dependendo de comunicações, combustível e energia com impostos federais e estaduais estratosféricos, portos inoperantes e caros. Em contrapartida, o dinheiro especulativo está agora isento de impostos. O Brasil é excelente lugar para investir – para quem está lá fora.

**A Granja — O ministro também falou numa certa “MP do Bem” para a agricultura, alicerçada em quatro princípios: mais recursos para sustentar preços; prorrogação de vencimentos de dívidas; mais dinheiro para a safra 2006/2007; providências para reduzir custos de produção. Quais são as possibilidades reais destes pleitos serem atendidos?**

**Pessa —** Gostaríamos que realmente nosso ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, finalmente pudesse lavar a alma e conseguir nesta “MP do Bem” contemplar os quatro princípios que traduzem os pleitos do setor produtivo. Sendo um ano político só nos resta rezar para que aconteça. Não acontecendo a “MP do Bem” da agricultura, os produtores que ainda conseguiram plantar este ano estarão todos quebrados em 2007. ■

### *Se precisamos de eleição para nos ajudar, que haja eleição todos os anos*

**to de 0,8% é irreal, pois o índice não apura a queda de renda do produtor, que foi de R\$ 17 bilhões no ano passado, mas apenas na quantidade produzida. O que o senhor pensa disso?**

**Pessa —** Todo método de cálculo tem suas limitações. O do IBGE também erra ao considerar a quantidade como fator preponderante. Houve queda e não aumento. Para citar apenas um exemplo – quando diminuimos o universo entendemos melhor. A cidade de Primavera do Leste, no Mato Grosso, um dos maiores pólos produtores de algodão do País (a região produz sozinha mais do que os Estados do Paraná, São Paulo ou Mato Grosso do Sul), com apenas 60 mil habitantes, perdeu este ano com a queda no plantio de algodão, investimentos da ordem de US\$ 50 milhões. Imagine o que isto representa em queda de renda para os trabalhadores diretos, para o comércio, à saúde, ao setor alimentício e de transporte. O governo está tirando do campo e irrigando os centros populacionais. É a velha história de matar a galinha, esquecendo que é a única que produz os ovos.

**A Granja — O fato de ter “crescido”, ainda que apenas 0,8%, não pode ser usado pelo governo federal como argumento para não auxiliar o setor?**

**Pessa —** Quando o absurdo é desta ordem, nem mesmo o governo pode utilizar argumento tão fraco. Afinal o governo tem um informante como o Banco do Brasil, que conhece e vive a realidade do campo. Basta ver os números lá para constatar que o crescimento em volume é inversamente proporcional ao

na, baixe os juros e deixe o setor privado sobreviver. Ou, se precisamos de eleição para nos ajudar, que haja eleição todos os anos.

**A Granja — Uma emenda que destinava R\$ 1 bilhão para a comercialização da safra foi excluída do relatório final do Orçamento Geral da União de 2006. Por que o setor enfrenta desprestígio em Brasília?**

**Pessa —** Qual o setor que tem prestígio em Brasília a não ser para arrancar verbas para aplicar onde não dão resultado, mas que ajudam a alguns políticos a se promoverem? Quando se quer ver se uma empresa está saudável, observa-se qual o setor que dita o rumo; se for o setor de produção ou comercial, a empresa está saudável; se for o setor financeiro, a empresa está com problemas de caixa; se for o jurídico, a empresa já está insolvente. No governo Lula a produção é tratada como um mal necessário e não como uma solução. Isto lembra muito bem o reinado da França antes da revolução.

**A Granja — O campo defende uma ampla rolagem das dívidas agrícolas, um montante de R\$ 12 bilhões. É a melhor solução hoje, pelo menos para dar um alento momentâneo ao setor?**

**Pessa —** Sem entrar no mérito do número, o que precisa ser feito é dar condição do produtor produzir e pagar suas dívidas com a sua produção. Só está havendo a necessidade de rolagem pela queda de poder aquisitivo do setor agrícola pelo aumento de custos, dife-

# Bons **EXEMPLOS**

**E**les não se conhecem, estão separados por quilômetros, moram em cidades distantes uma da outra. Mas eles têm muitas coisas em comum. Entre elas a sabedoria em driblar com profissionalismo - e muito trabalho - as incertezas e dificuldades que teimam em atravessar o caminho de quem produz.

As dificuldades atingem a todos. Mas os resultados têm impactos diferentes. A estratégia de cada um - em busca do ouro na produção agrícola - é pauta desta edição. Todas têm como base um intenso trabalho de planejamento da lavoura, do plantio à colheita, com os custos sempre na ponta do lápis.

As experiências de sucesso na atividade agrícola estão espalhadas de Norte a Sul do Brasil, onde as commodities também foram afetadas pela queda do dólar, pela estagnação e pelos baixos preços dos

produtos agrícolas. Que o diga a família Dazzi, do interior do Paraná. Para os três irmãos o mais importante para assegurar produtividade e resultados ainda é manter a técnica de rotação de culturas permanente. Para Amauri Dazzi (foto), 'girar' a lavoura com culturas de verão e inverno "ajuda a ter melhores resultados". Soma-se a isso o fôlego de capital para investir em análise de solo, fertilização e maquinários, essenciais para quem busca competitividade.

Os relatos desses produtores, entrevistados por **A Granja**, devem servir como um incentivo a todos que pensam em desistir da atividade no campo. Com persistência, planejamento e espírito empreendedor é possível reverter cenários pessimistas e transformar a atividade, se não tão lucrativa, compatível em custos/receitas. Exemplos para isso não faltam.



Vomilido Cardoso



**Diretor-Presidente**  
Hugo Hoffmann



#### **MATRIZ**

Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus  
CEP 90150-004 - Porto Alegre/RS  
Fone/Fax: (51) 3233-1822  
E-mail: mail@agranja.com  
Home page: www.agranja.com

#### **SUCURSAL SÃO PAULO**

Praça da República, 473 - 10º andar  
CEP 01045-001 - São Paulo - SP  
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686  
E-mail: mails@agranja.com  
Home page: www.agranja.com

#### **DIREÇÃO EXECUTIVA**

Eduardo Hoffmann  
Gustavo Hoffmann

#### **REDAÇÃO**

**Editora**  
Luciana Radicione  
**Reportagem**  
Cristine Pires, Gabriel Bononi e  
Leandro Mariani Mittmann  
**Editoração**  
Jair Marmet e Carlos Iglæssias  
**Capa**  
Divulgação Revista Planeta Arroz  
**Revisão**  
Roseléia Conceição  
**Secretária da redação**  
Thais Cunha

#### **CIRCULAÇÃO**

Amália Severino Bueno

#### **TELEMARKETING**

Antônio Carlos Amaro

#### **MARKETING DO PRODUTO**

Marno Lima

#### **COMERCIALIZAÇÃO**

**São Paulo** - José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e  
Rodrigo Martelletti (contato)  
**Porto Alegre** - Maria Cristina Centeno  
(gerente RS/SC)  
**ClassiRural** - Ana Claudia Vaqueiro Feijó dos Santos  
e Katia Torres

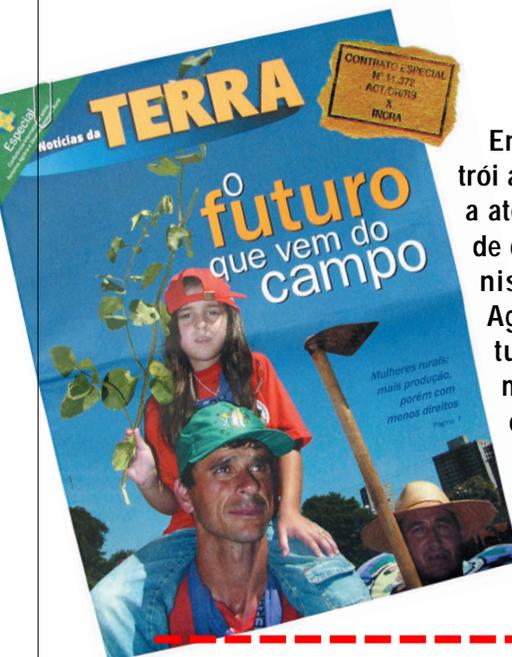
#### **REPRESENTANTES**

**Minas Gerais** - José Maria Neves  
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222  
conj. 105 - Luxemburgo - CEP 30380-530  
Belo Horizonte/MG - fone/fax: (31)  
3297-8194 - fone: (31) 3344-9100  
celular: (31) 9993-0066  
e-mail: josemarianeves@uol.com.br  
**Brasília** - Armazém de Comunicação, Publicidade e  
Representações Ltda.  
SCS - Quadra 1 - Bloco K - Ed. Denasa  
13º andar - sala 1.301 - CEP 70398-900  
Brasília/DF - fone/fax: (61) 3321-3440  
celular: (61) 9618-1134 - e-mail:  
armazem@armazemdecomunicacao.com.br

#### **Convênio editorial: Chacra (Argentina)**

**A Granja** é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:  
Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus  
CEP 90150-004 - Porto Alegre - RS  
fone/fax: (51) 3233-1822  
Exemplar atrasado: R\$ 10,00

**Para assinar: (51) 3232-2288**



## Notícias da Terra

Enquanto a Via Campesina destrói anos de pesquisa para chamar a atenção sobre a falta de política de crédito, o Incra, através do Ministério do Desenvolvimento Agrário, investe em mídia institucional. A contar pelo jornal mensal "Notícias da Terra", com tiragem de 20 mil exemplares (cortesia) e páginas coloridas. Detalhe: a distribuição também é gratuita. Ou seja, todos pagamos.

## Mandioca no Plano Safra



A situação está difícil para todos. Nem os produtores de mandioca escapam. O setor reivindica junto ao governo federal a sua inclusão no Plano Safra, com a revisão dos preços mínimos para valores reais de custo de produção, disponibilidade de AGF, EGF, PROP e demais instrumentos para fécula e farinha, extensão da isenção de PIS e Cofins para a fécula e outros derivados, renegociação das dívidas, etc. Esses são apenas alguns itens da pauta levada ao governo. É esperar junho para conferir o resultado.

## Figos bem acomodados

Muitos não sabem, mas o figo está entre as 20 principais frutas exportadas pelo Brasil, com receita superior a US\$ 2 milhões. As perdas pós-colheita são os principais entraves para quem cultiva o figo. Para minimizar os impactos negativos no transporte, garantir a qualidade e dar segurança ao processo de pós-colheita, foi desenvolvida uma cesta para a acomodação dos figos, onde cada fruto é colocado em células individuais e anatômicas. A cesta de plástico é mais higiênica e ergonômica, e foi construída com material totalmente lavável, evitando a contaminação por microorganismos indesejáveis.



## 1º de Abril já passou...

O presidente da União da Agroindústria Canavieira de São Paulo (Única), Eduardo Pereira de Carvalho, afirmou durante a abertura da Feicana, que a tendência do preço do álcool é começar a diminuir no início deste mês. Segundo Carvalho, a queda acontecerá assim que for feita a colheita da safra (final de março) e as usinas funcionarem com sua capacidade total. "A colheita deve ser antecipada em duas semanas. Após a colheita, é comum que o preço caia", afirmou.

## Auto-suficiência de mamona

O Estado do Ceará foi o primeiro no País a tornar-se auto-suficiente na produção de sementes selecionadas de mamona nas variedades BRS-149 Nordestina e BRS-188 Paraguassu, atingindo, em 2005, a produção de 150 toneladas. A expectativa para este ano é que 38 mil hectares sejam plantados com mamona, envolvendo 89 municípios e gerando 8 mil empregos diretos.

*"Estamos pagando mais do que recebendo e isso vira uma perigosa bola de neve".*

Ademar da Silva Júnior, diretor-secretário da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul)

## Radicalismo contra a pesquisa

A invasão do Horto Florestal da Fazenda Barba Negra em Barra do Ribeiro/RS, pertencente à Aracruz Celulose, por mulheres da Via Campesina, destruiu o laboratório da empresa. O ato inviabilizou pesquisas que estavam sendo realizadas há mais de 20 anos, além da destruição de cerca de 5 milhões de mudas já prontas para o plantio. De acordo com um levantamento realizado por técnicos da Aracruz, os prejuízos causados com o viveiro são de US\$ 300 mil. A estrutura física e equipamentos do laboratório vão custar US\$ 400 mil para serem recuperados. A pergunta que fica é: quem pagará o prejuízo?



## Pacote do Bem



Vem aí um pacote de medidas (a chamada MP do Bem) elaborado pelo Palácio do Planalto para aliviar as dificuldades do campo. Entre várias propostas, uma prevê que parte dos recursos captados na caderneta de poupança pelas instituições financeiras privadas seja direcionada para empréstimos agrícolas, o que diminuiria as taxas de juros ao produtor (hoje, na média em 15% ao ano). Outra medida estudada é promover alterações na tributação de PIS/Cofins e ICMS para evitar distorções nesses tributos que possam onerar o sistema agropecuário. O governo também deve mexer nas alíquotas de importação, para diminuir os custos de insumos. Mas tudo ainda depende de acordo com o Ministério da Fazenda, o que não costuma ser tarefa fácil.

*“Se vocês quiserem estragar a festa, é só me chamar”.*

A frase dita com base na realidade do campo brasileiro, pelo presidente da CNA, Antônio Ernesto de Salvo, durante a posse da diretoria da Farsul, em Porto Alegre/RS.

## Vaca louca japonesa

O Japão registrou o primeiro caso de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB), conhecida como o mal da vaca louca, em animal de corte. Este é o 24º animal contaminado no país. Os outros casos foram detectados em gado de leite. O último animal contaminado nasceu em fevereiro de 1992, antes de o governo japonês proibir o uso de partes de animais em ração.



PARANÁ.  
UM ESTADO QUE RESISTE  
AOS TRANSGÊNICOS.



GOVERNO DO  
PARANÁ

## Mídia contra os transgênicos

Obra do governo paranaense: outdoors espalhados pela capital Curitiba com os dizeres “Bem-vindo à terra da resistência aos transgênicos” recepcionava os participantes da 8ª Conferência das Partes da Convenção sobre Biodiversidade Biológica da ONU. Dois dias depois o governador Roberto Requião assinava o decreto que obriga as empresas a identificar a presença de ingredientes transgênicos nos produtos alimentícios vendidos no comércio em geral.

## Implantação de pomar de **TANGERINA**

Tenho um pomar para consumo doméstico dentro da propriedade, e minha vontade é de incluir ali árvores de tangerina, mas não sei nada a respeito dessa fruta. Vocês poderiam me orientar para que eu consiga proceder o plantio de forma correta? Agradeço desde já.

**Lucimari Vieira**

Campinas/SP

**R** — Lucimari, o Instituto Agronômico de São Paulo recomenda o plantio das plantas em períodos das chuvas ou fora deste, com uso de irrigação. As cultivares mais comuns são cravo, poncã, mexerica e murcote.

**Espaçamento:** tangerinas e tangor – 7 x 4m; limas ácidas e limões verdadeiros – 8 x 6m.

**Controle da erosão:** utilizar plantio em nível e cultivo em ruas alternadas nos maiores declives. Usar roçadeira no período mais chuvoso para controle do mato, evitando manter o solo descoberto.

**Calagem:** Aplicar calcário para elevar o índice de saturação por bases (V%) a 70%, o qual é obtido com a análise de solo.

**Adubação:** a adubação também é recomendada de acordo com a análise de solo, e depende da idade da planta.

**Irrigação:** no plantio, até o pegamento, e suplementar quando possível.

**Outros tratos culturais:** coroação manual das plantas ou uso de herbicidas na linha, e uso de roçadeira na entrelinha de plantio para controle do mato. Poda de ramos secos e afetados por pragas e doenças.

**Produtividade:** 200 a 250 kg/planta.



JAC

## Monitoramento ajuda a reduzir pragas do **MILHO SAFRINHA**

Estou investindo pela primeira vez no milho safrinha. Peço a ajuda de vocês para combater as pragas, que podem ameaçar a produtividade da minha lavoura. Agradeço a ajuda.

**Cláudio Vasconcelos**

Pato Branco/PR

**R** — Prezado Cláudio, a Embrapa Agropecuária Oeste defende que o monitoramento das pragas do milho safrinha é o melhor caminho para evitar perdas. Um dos insetos com que o produtor precisa se preocupar nessa fase de estabelecimento da cultura é o coró (*Liogenys* sp.), uma larva localizada no solo. Neste caso, é preciso que o produtor faça uma amostragem, cave o solo para notar a presença dos corós. A semeadura sem tratamento algum da semente pode causar perda de lavoura ou replantio. Constatada a presença dos corós na lavoura há basicamente duas estratégias para o controle da praga. “A primeira é a aplicação de inseticidas na semente, tratá-la antes do plantio, já



A Granja

que isso pode proporcionar um custo/benefício favorável”, explica o entomologista da Embrapa, Crébio José Ávila. A outra é a aplicação de inseticidas em pulverização, no sulco de plantio, no momento da semeadura. Outra praga problemática do milho safrinha é o percevejo barriga-verde (*Di-*

*chelops melacanthus*), que se adaptou ao sistema de sucessão soja-milho. Entretanto, na soja, é uma praga de final de ciclo e de importância secundária, mas no milho pode causar prejuízos, principalmente na planta jovem, com até 15 a 20 dias de emergência. A medida de controle, com uma população alta de percevejos, é a pulverização na palhada, com inseticidas recomendados, antes do plantio. Outra técnica adotada é a mesma do coró, o uso de inseticidas na semente.

O milho safrinha também pode ser atingido, nesta fase inicial, pela lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda*). O controle é feito com aplicações de inseticidas, alternando os princípios ativos dos produtos. Em condições de seca perdurando, provavelmente há também a incidência da lagarta-elasmó (*Elasmopalpus lignosellus*), que perfura o colo da planta. Seu combate é feito com o tratamento de sementes e a pulverização após o início da infestação.

## IOGURTE traz benefícios à saúde



Casa da Ovelha

Gostaria de receber informações sobre o iogurte, sua história e uso medicinal deste produto. Antecipo os meus mais sinceros agradecimentos pela atenção dispensada.

**Luís C. Silva**  
São Francisco do Sul/SC

**R**— Senhor Luís, de acordo com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o iogurte, propriamente dito, foi conhecido na Europa por volta de 1542, proveniente do Império Otomano. Segundo o es-

tudo, a própria palavra iogurte tem etimologia turca, que provém da palavra yoghurma, cujo significado é engrossar. Suas características medicinais estavam relacionadas ao fato de ser de fácil digestão e benéfica para a flora intestinal. Além disso, a acidez do iogurte proporciona uma proteção natural contra as infecções, manifestando-se a inibição de diferentes tipos de bactérias patogênicas no iogurte. No Brasil, o consumo começou a ser significativo a partir da década de 70. Hoje, o maior consumo é registrado na Ásia e Europa Central. O iogurte é o leite fermentado (normalmente leite de vaca) por *streptococcus thermophilus* e *lactobacillus bulgaricus*, sob determinadas condições de tempo e de temperatura. Cada espécie de bactéria estimula o crescimento das outras e os produtos do seu metabolismo combinado resultam nas características cremosas e de textura, bem como do sabor levemente ácido do iogurte. A fermentação pára por arrefecimento e o produto final, que contém entre 100 a 1000 milhões de bactérias vivas por ml de produto, deve ser refrigerado até ser consumido.

## Queijos Serra de Estrela: de Portugal para o MUNDO

Tenho curiosidade de saber sobre os famosos queijos Serra de Estrela. Vocês têm alguma informação a respeito? Grato pela atenção.

**Luís Santos**  
Ministério de Minas e Energia

**R**— Prezado Luís, a fama dos queijos Serra de Estrela ultrapassam as fronteiras de Portugal, onde ele é fabricado. Trata-se de um queijo produzido exclusivamente com leite de ovelha, da raça bordaleira serra de estrela, coalhado pela flor de cinara *cardunculus L.*; planta espontânea característica da região produtora, que tem como finalidade coalhar a massa que dá origem ao Queijo da Serra. A coalha é posta no cincho, pressionada manualmente até esgotar todo o soro e maturada (a maturação é prolongada, no mínimo por 120 dias).

O BRASIL AGRÍCOLA

# agranja

## À SUA DISPOSIÇÃO

ASSINATURAS

Call Center

Ligue grátis  
**0800-5410526**  
Grande Porto Alegre  
Fone/Fax: (51) 3232-2288  
Segunda à sexta, das 9h às 21h  
Sábado, das 9h às 15h



INTERNET



[www.agranja.com](http://www.agranja.com)

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca da forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:  
mail@agranja.com  
Fax: (51) 3233-1822  
Cartas:  
Av. Getúlio Vargas,  
1.526 – Porto Alegre/RS  
CEP 90150-004



As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE  
UM AMIGO  
COM UMA  
ASSINATURA



Ligue grátis  
**0800.5410526**

Grande Porto Alegre (51) 3232.2288  
amalia@agranja.com  
ou [www.agranja.com](http://www.agranja.com)

Para anunciar ligue:

(11) 3331-0488  
comercialsp@agranja.com  
(51) 3233-1822  
comercial@agranja.com

## Todos à escola. **EDUCAÇÃO** é tudo

A educação é tudo. Inclusive no campo, é claro. Por isso achei oportuna a abordagem e como ela se deu da reportagem “Hora de mandar o filho para a escola” (edição 687). Está na hora das autoridades, especialmente os políticos, apresentarem um projeto educacional consistente e abrangente, que faça do Brasil uma Coreia do Sul em 10, 20, 30 anos. Afinal, o país asiático também era muito pobre, mas deu a volta por cima a partir de uma educação de qualidade. Como professor de ensino fundamental e médio sei o que estou dizendo.

**Adailton Figueira Jr.**  
Campo Grande/MS



Divulgação

## Sem tecnologia, sem **PRODUTIVIDADE**

Por maior e pior que seja a crise, não podemos ficar desleixados ou ignorar os princípios da agricultura moderna e comercial. Por isso, li com preocupação a entrevista do senhor Iwao Miyamoto, presidente da Abrasem (Segredo de Quem Faz, edição 687) em que ele diz que está caindo a taxa de utilização de sementes certificadas na agricultura brasileira. Isso é um erro grave, pois não será a diminuição do investimento em tecnologia que será possível cortar custos.

**Paulo Galdino**  
Ijuí/RS

## Aprendendo **SEMPRE**

Ao ler a reportagem e observar os depoimentos de produtores sobre o Show Rural Coopavel pensei o quanto os agricultores brasileiros são heróis e mereceriam mais atenção das autoridades. Apesar das dificuldades de toda a agricultura, os produtores não deixam de comparecer a eventos como o realizado no Paraná. Mesmo que não comprem nada, eles não abrem mão de conhecer as técnicas e máquinas novas que estão sendo lançadas. Destaco a seguinte colocação que me chamou muita atenção: “A gente sempre vê coisas novas”, do agricultor Laurindo Magnabosco, de Capitão Leônidas Marques. Resumo na observação dele o espírito do autêntico empreendedor da agricultura brasileira.

**Ademir Teotônia**  
Londrina/PR

## Hora da **RESPOSTA**

A todos os que reclamam dos nossos governantes, e reclamam com razão, deixo aqui um lembrete: em outubro tem eleições, e eleições importantes, para presidente, governadores, deputados e senadores. Façamos uma limpa naqueles que não trabalham em prol do Brasil e de seus cidadãos, principalmente nós trabalhadores. E não é difícil analisar quais são os bons e quais são os ruins. É só prestar atenção dos noticiários, afinal, a imprensa é livre e não faltam veículos de comunicação.

**Adão Albuquerque**  
Matão/SP

## Vida longa à **ERVA-MATE**

Como apreciador do bom e amargo chimarrão, mesmo estando longe da minha terra natal há mais de 20 anos, gostei muito da reportagem que trata da reconquista de espaço por lavouras de erva-mate (“A vez das ervas”, edição 687). Que bom que a erva-mate, que tive muito orgulho em cultivar com meu falecido pai na minha infância e adolescência, está voltando a ser um negócio interessante. Inclusive para as indústrias, que normalmente são de pequeno porte e geram muitos empregos. E que ótimo saber que, além do chimarrão, a erva-mate está gerando outros sub-produtos, como o mate gelado. Vida longa à erva-mate!

**Cassiano Dornelles**  
Sorriso/MT



Rogério Fernandes-Emater/RS

**Acesse [www.agranja.com](http://www.agranja.com) ou [mail@agranja.com](mailto:mail@agranja.com)**

# BOBAGENS

**1.** O Brasil deve só vender produtos com valor agregado. Bobagem. Se o mercado quer soja em grão, vamos vender grão. Se o mercado quiser soja em farelo, vamos vender farelo. Se quiser óleo de soja, muito bem, vamos vender óleo. Isso é marketing. Vamos atender a demanda. Afinal é o mercado que estabelece o que comprar e o que vender. Ou seja, o consumo comanda a produção e não o contrário. Por outro lado, se o Brasil, através da Embraer (fabricante de aviões), descobriu segmentos de mercado, então, muito bem, vamos explorar estes nichos onde temos condições de competir.

**2.** A agricultura familiar dispensa alta tecnologia. Bobagem. Não se concebe mais qualquer tipo de agricultura que possa dispensar o manejo correto e a aplicação de adubos, calcário, defensivos agrícolas. E, que dispense o uso de equipamentos adequados. O exemplo de agricultura familiar faz-se na cultura do fumo. Não existem lavouras grandes na produção do tabaco. O que existe é muita técnica de produção. Idem, com o cultivo da uva, frutas e flores.

**3.** Juscelino Kubitschek com a fundação de Brasília implantou a interiorização do Brasil. Bobagem. Brasília sempre foi e até hoje continua sendo uma ilha da fantasia, sustentada pelo contribuinte brasileiro. Brasília não impulsionou o Cerrado. A nova capital, na verdade deteriorou a antiga capital, o Rio de Janeiro.

Ainda, em função do rombo que fez no erário público, inaugurou a inflação de dois dígitos e alavancou a corrupção em alta escala. Tanto assim que o sucessor de JK foi Jânio Quadros, cujo símbolo da campanha eleitoral foi a vassoura. O Cerrado brasileiro foi domado pelo empreendedorismo do agricultor gaúcho, descendente de italianos e alemães.

**4.** O governo precisa dobrar o número de assentamentos, aumentando de vez a reforma agrária. Bobagem. O Brasil já gastou mais de R\$ 50 bilhões com 6 mil assentamentos que produzem exatamente o quê? Ninguém sabe, muito menos o Incra. No entanto, o MST é de longe, muito longe, o maior latifúndio nacional. Ocupa 25 milhões de hectares.

A agricultura capitalista ocupa 52 milhões de hectares e produziu mais de 118 milhões de toneladas de grãos nesta última safra.

**5.** O Brasil precisa acabar com a fome. Bobagem. O Brasil precisa acabar com os famintos. Como? Com planejamento familiar, começando com a Lei do Aborto. Afinal, se esta lei já existe na Itália há mais de dez anos, por que não implantá-la já aqui, entre nós. Qualquer pessoa com mínima lucidez sabe que a explosão demográfica brasileira, que ocorre nas classes menos favorecidas, constitui a grande e ininterrupta tragédia nacional e da pobreza sem fim.

**6.** A educação é a base da prosperidade de uma nação. Bobagem. Fosse assim, a Argentina estaria em situação duas vezes melhor que o Brasil. É preciso saber qual o tipo de educação, de ensino. Professores preguiçosos e desmotivados, assim como o estudo quase sempre superficial e errado, faz da escola brasileira, uma indústria da mediocridade. Será necessário uma ampla reestruturação nesta área, como professores treinados, motivados e cobrados. Hoje, um terço dos professores de escolas públicas estão “encostados”, em licença saúde. Férias quilométricas, greves, “matação” de aulas, aposentadorias precoces fazem a festa do magistério e a desgraça do aluno. Aqui, a nação brasileira vai mal, muito mal.

**7.** Florestas com plantas exóticas, principalmente o eucalipto e o pinus, agredem a natureza. Bobagem. Bobagem de ambientalista fundamentalista e urbano, os encenqueiros de sempre. A Nova Zelândia e o Canadá, por exemplo, países com rigorosa legislação ambiental, ambos estão cobertos de florestas plantadas e reflorestadas. Por quê? Porque a madeira é a matéria-prima do papel que constitui o instrumento imprescindível da vida dos povos civilizados. Você já imaginou viver sem o papel? Pois bem, o Brasil precisa preparar-se com rapidez para enfrentar o apagão florestal, que deverá atingir não somente o Brasil como o mundo todo.

**8.** O Brasil financeiramente está bem. Em 2005 a balança comercial atingiu o superávit de mais de US\$ 44 bilhões e zerou sua conta com FMI. Bobagem. Bobagem porque tem o outro lado da medalha, que desequilibra negativamente nossos compromissos. São R\$ 1 trilhão no déficit da Previdência e mais outro trilhão que assombra o déficit da Saúde. Acrescente-se a isso, as aposentadorias precoces somadas a maior longevidade da população e mais os impostos exagerados que inibem a atuação mais vigorosa da iniciativa privada e, temos sim, uma perspectiva negra nas contas públicas, que se não forem feitos cortes imediatos nos juros e desperdício do gasto público urgente, teremos pela frente o caos. Num ano eleitoral, é óbvio que nenhuma medida necessária, urgente e drástica será tomada.

**9.** O Brasil em 2005 teve um desempenho pífio, de tão somente 2,3%, porque a agricultura desabou e porque a supervalorização do dólar travou nossas exportações. Bobagem. O Brasil não fez a lição de casa. Apenas tapou buracos. Simplesmente não fez as reformas necessárias: administrativa, fiscal, trabalhista e da previdência, onde apenas colocou *band aid* numa ferida, que exige cirurgia. É importante baixar os juros, sim, mas muito mais importante é baixar os impostos. Importante é fazer cortes e não inchar a máquina pública. Combater o desperdício. E, principalmente, criar a mentalidade da urgência no crescimento, mostrando seriedade no trato do dinheiro público. ■

**ANÚNCIO**

**ANÚNCIO**

# Um **DRIBLE** nas dificuldades

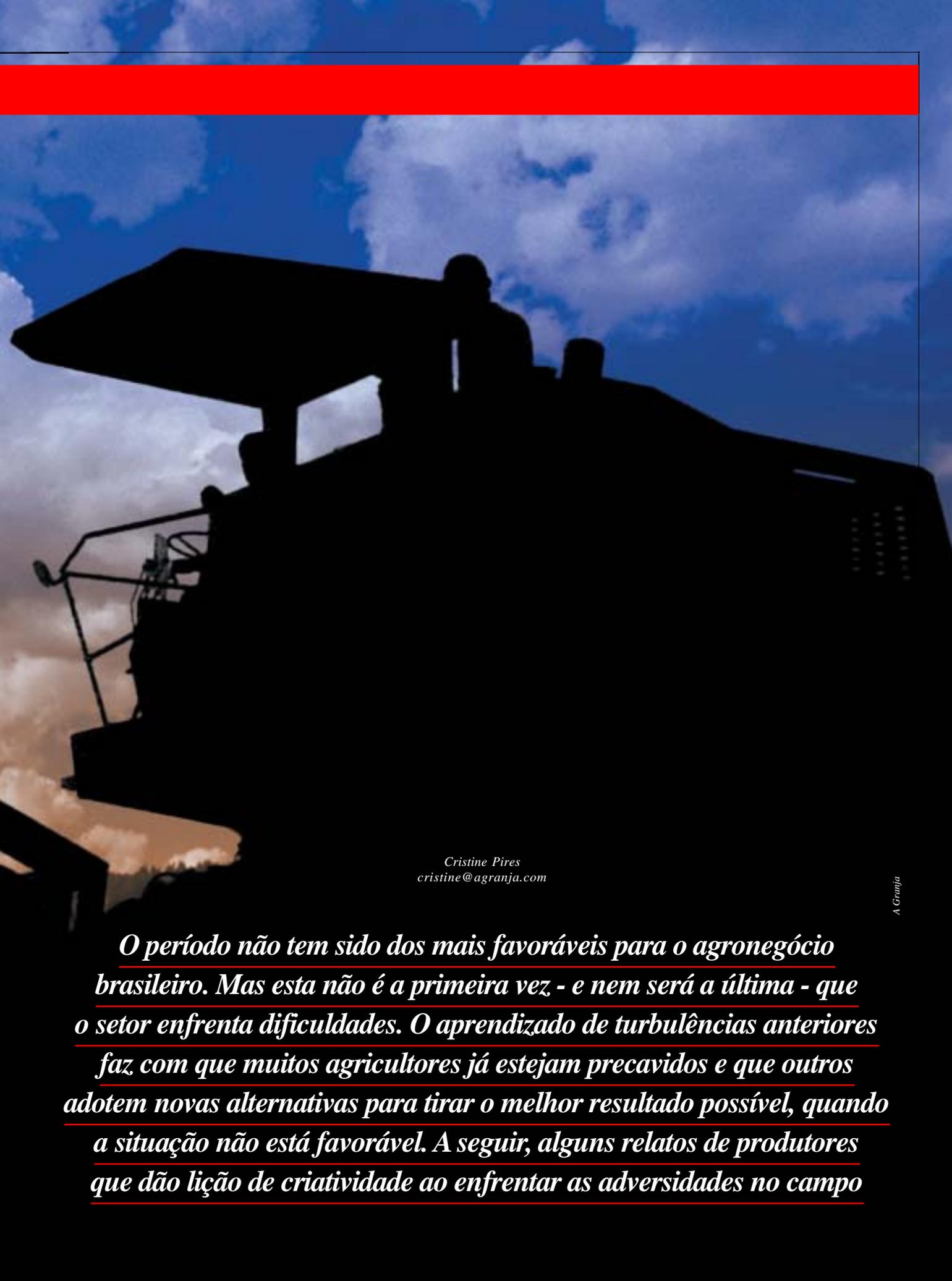
**P**lanilhas de custos, premiação de funcionários, controle de gastos e reavaliação de investimentos são ferramentas cada vez mais utilizadas no mundo dos negócios. As práticas, que ficaram conhecidas do grande público por serem adotadas pela indústria e o comércio de bens e serviços, também são uma realidade no campo. Atentos à necessidade de se profissionalizar, os agri-

cultores investem em estratégias de gestão para ter bons resultados. O peso destas iniciativas é ainda maior em momentos de turbulência, como o que o agronegócio atravessa agora.

**Problemas de câmbio** — com o real supervalorizado frente ao dólar —, baixos preços internacionais para algumas culturas e as adversidades climáticas — com a estiagem que atingiu boa

parte do País — exigem que os produtores aprimorem suas técnicas para conseguirem driblar as dificuldades. “São agricultores com mentalidade empresarial”, resume o engenheiro agrônomo Cílotér Borges Iribarrem, consultor da Safras & Cifras.

No entanto, isso não se aplica a grande parte do setor. “Muitos produtores não sabem o custo do seu negócio, não



Cristine Pires  
cristine@agranja.com

*O período não tem sido dos mais favoráveis para o agronegócio brasileiro. Mas esta não é a primeira vez - e nem será a última - que o setor enfrenta dificuldades. O aprendizado de turbulências anteriores faz com que muitos agricultores já estejam precavidos e que outros adotem novas alternativas para tirar o melhor resultado possível, quando a situação não está favorável. A seguir, alguns relatos de produtores que dão lição de criatividade ao enfrentar as adversidades no campo*

têm um orçamento e nem fluxo de caixa, e querem gerenciar uma empresa com atividades que exigem desembolsos altos e grandes riscos na produção”, adverte. Iribarrem considera necessário e urgente que as entidades de classe do agronegócio, assim como fornecedores de insumos, criem programas de capacitação em Gestão Empresarial voltados à produção primária. “O Brasil continua sendo um País sem política agrícola, portanto continuará existindo altos e baixos na agricultura brasileira”, alerta.

Se ainda há qualquer dúvida sobre a eficácia dessas medidas, basta acompanhar o exemplo de agricultores que apostaram suas fichas na atividade rural e conseguiram não só o fôlego necessário para suportar os tempos bichudos, como comemoram a superação das metas.

**Comprometimento de todos —**

Paulo Menezes, que cultiva arroz no Rio Grande do Sul e no Maranhão, é um destes produtores. A Fazenda Guajuvira, localizada em Cachoeira do Sul/RS, tem uma das melhores produtividades do Estado. Enquanto a média gaúcha para a cultura é de 6 mil kg por hectare,



*Paulo Menezes, sempre atento aos custos, vai colher neste ano 12,5 mil kg de arroz/ha*

Menezes vai colher, este ano, cerca de 12,5 mil kg por hectare.

Para obter esses números, Menezes conta com o apoio dos funcionários, que têm o trabalho reconhecido. Todos os anos, além do salário fixo, eles recebem um percentual do que foi produzido, den-

tro do Programa de Participação de Resultados. “Sem eles, eu não conseguiria”, afirma. A parceria é tão forte que, quando vai para a Fazenda Santo Expedito, no Maranhão, Menezes sabe que o trabalho é tocado como se ele estivesse na Guajuvira.

A meta é, até 2010, atingir a marca de 15 mil kg por hectare, isso com o respaldo do Projeto 10, do Instituto Riograndense do Arroz (Irga), que busca a alta produtividade. A dedicação é total, tanto que Menezes abriu mão da área de soja para investir apenas na cultura do arroz. “Além da produtividade, temos que cuidar muito dos custos”, conta. Por isso, tudo foi sistematizado dentro da propriedade. Como o diesel é o maior gasto, Menezes determinou que as máquinas só entram no campo quando é estritamente necessário.

Mas todo esse esforço pode ir por água abaixo se o preço do grão continuar tão baixo. “O produtor de arroz agüenta mais duas a três safras com a cotação nesse nível”, adverte Menezes. “Eu penso seriamente em sair do mercado se a coisa não mudar. Coloco tudo em risco na lavoura de arroz”, lamenta. Apaixonado confesso pela atividade, ele busca outras alternativas para tentar enfrentar também o problema do preço baixo. A idéia é unir os arrozeiros e usar o grão como moeda de pagamento. “Vamos levar sacas de arroz para trocar por implementos e insumos”, defende como forma de evitar que o produtor fique atre-

## **Estratégias para se proteger**

- ▶ Fazer um diagnóstico econômico e financeiro do negócio, para quantificar:
  - a receita que será obtida com a safra;
  - as dívidas que deverão ser pagas no curto e longo prazo;
  - as necessidades de recursos financeiros para cobrir os custos fixos e a vida particular;
  - o limite de crédito rural que tem disponível para fazer a próxima safra;
  - elaborar um orçamento de entradas e saídas de recursos financeiros para um período até a colheita da próxima safra;
  - montar um fluxo de caixa.
- ▶ Manter o crédito.
- ▶ Desmobilizar, caso seja necessário para diminuir o custo financeiro e diminuir o passivo.
- ▶ Não tomar empréstimos com custo financeiro alto.
- ▶ Não cultivar áreas que sejam marginais com relação à produtividade e riscos de eventos.
- ▶ Evitar o aumento da área cultivada com o objetivo de conseguir pagar a dívida.
- ▶ Estabelecer sistemas de parcerias e contratação de serviços.
- ▶ Analisar os custos da safra, para que possam ser eliminados os desperdícios, que sempre existem.
- ▶ Avaliar as novas oportunidades de negócio antes de contratar, porque muitas vezes o que parecia ser bom, pode se tornar ruim em consequência de uma tomada de decisão completamente errada.

*Fonte: Cílotér Borges Iribarrem – Safras & Cifras*

lado ao preço baixo.

O consultor da Safras & Cifras diz que, nesta safra, a lavoura de arroz irrigado é a prova que só produzir não resolve o problema da agricultura. “O arroz está com uma excelente produtividade e os preços totalmente defasados, fazendo com que a maioria dos produtores não consigam pagar os seus custos”, assegura. Para Menezes, está mais do que na hora de o governo saber separar o produtor do atravessador e definir uma política para o setor. “Não adianta querer fazer alguma coisa quando a classe não existir mais”, desabafa.

**Trabalho conjunto** — Em outros momentos conturbados para o agronegócio, Celito Breda aprendeu que a organização, dentro e fora da porteira, é o melhor caminho. Medidas simples podem fazer toda a diferença. As áreas com maior fertilidade são as escolhidas para o plantio de algodão e tratadas, com a correção do solo e aplicação dos insumos necessários. “Se eu fosse resumir, diria que é fundamental ter um bom perfil de solo”, afirma o produtor de Barreiras/BA. Somente esta alternativa fez com que ele evitasse perdas sofridas com o veranico que ocorreu no Estado e que

levou algumas culturas, como o milho, a ter redução de 40%.

A expectativa é de uma boa produtividade nos 1,2 mil hectares plantados. Breda espera colher 300 arrobas por hectare no algodão irrigado e cerca de 250 na área de sequeiro. Para alcançar essa produtividade acima da média, é preciso contar também com a ajuda de São Pedro. A fim de manter a umidade do solo de forma equilibrada nos próximos dias, é fundamental que não haja excesso de chuva.

Além de tratar bem o solo e fazer a rotação de cultura, ele investe somente naquilo que dará retorno de fato. Mais uma vez, o esforço de toda uma catego-

ria pode ficar comprometido em função do preço mínimo. “Tentamos evitar o endividamento, mas, em decorrência dos preços, nós não conseguimos”, lamenta. Assim como no caso do arroz, os produtores de algodão esperam que o governo honre com o que está definido: R\$ 44,60 a arroba de pluma. “Isso não está sendo cumprido”, lastima.

Os cuidados com o manejo são apenas parte da estratégia de Breda. O principal, afirma ele, é que, junto com as medidas adotadas dentro da propriedade, os agricultores trabalhem de forma organizada e conjunta. O conselho vem de quem investe nessa opção. Breda tem ajudado a formar grupos e iniciar cooperativas na região, como a Unibahia, da qual ele faz parte.

Os produtores têm conseguido comprar e vender melhor, além da valiosa troca de experiência. “Todos saem ganhando”, garante. Até agora, somente na cooperativa Unibahia, foram formados 12 grupos que reúnem 35 produtores, o equivalente a 100 mil hectares de lavoura — 40 mil deles destinados ao cultivo do algodão, e o restante distribuído entre soja, milho, café, arroz e feijão, além de outras culturas. Com esse volume, é possível obter melhores preços e prazos na hora de fechar negócio, tanto para adquirir insumos quanto para comercializar a safra.

**União que rende frutos** — Também o trabalho conjunto é que tem trazido bons resultados aos produtores de café de São Paulo. Trata-se do Programa SAI (Sistema Agroindustrial Integrado), fruto de convênio entre o Se-



Fazenda Guajuvira



A Granja

Para Celito Breda, organização dentro e fora da porteira é o caminho



brae/SP e o governo paulista, por meio da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, representada pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), que procura melhorar a qualidade do café e busca novos nichos de mercado.

O cafeicultor Luís Fazion, de Pirajuí/SP, deu um novo impulso à lavoura ao participar da iniciativa. Tudo começou há cerca de um ano, quando o produtor resolveu ter um produto ainda melhor. “O mercado do café é volátil e difícil. É preciso diferenciar para se manter no campo”, sentencia. Assim como ele, mais de 30 agricultores da região ingressaram no programa.

Fazion, que antes colhia cerca de 18 sacas por hectare, aumentou a produtividade para 25 sacas, com a melhoria do sistema. Entre as medidas que apresentaram efeito positivo está o controle de pragas e doenças. “O trato cultural é importantíssimo”, reforça ele. Além de ser mais eficaz, prevenir sai muito mais barato do que controlar pragas e doenças depois que estão instaladas.

Outra dica valiosa, diz Fazion, é a de trabalhar sempre com lavouras novas, e não reformadas. “Antes não me preocupava com isso”, reconhece. Agora, a palavra chave é inovar para produzir. A expectativa é que todas as medidas tomadas reflitam no preço do grão que vai para exportação. “Nossa qualidade aumentou muito”, destaca ele. A meta agora é trabalhar em associação para conseguir a certificação do café, requisitos necessários para participar do *Fair Trade*

de (o chamado comércio justo).

“Queremos ver o produtor como empresário rural”, diz Jairo Costa, agente de Desenvolvimento do Programa SAI. Ele explica que o café deve ser de boa qualidade, para que tenha aceitação no mercado externo, e que haja volume para realização da exportação. Por isso, além de se organizar em associação, cooperativa ou outras formas organizacionais, os agricultores precisam cumprir requisitos que promovam desenvolvimento social, econômico e ambiental. A vantagem do *Fair Trade* é trabalhar com o preço fixo, sem correr riscos com mudanças na cotação do produto. No caso do SAI, a meta é ficar em US\$ 115,00 a saca de 60 quilos. O *Fair Trade* tem o preço fixo de US\$ 115,00 para a América do Sul e para o tipo de café arábica, que é produzido na região.

**Aprendizado constante** — O município de Machado está dentro da região cafeeira de Minas Gerais. Foi esse o local escolhido por Fábio de Lima Caixeta e o



Investir em tratos culturais é fundamental para quem busca mercado para o seu café

Fábio André / Agência Sebrae

irmão Ademar para investir no plantio de milho. Os 383 hectares na Fazenda Campo Redondo começaram a ser plantados em 1997, e exigiram uma grande dedicação. “Tive que aprender com uma outra cultura”, diz ele. Quando começou, Caixeta tinha tudo terceirizado, das máquinas ao sistema de armazenagem.

Enquanto os preços estavam bons e o agronegócio passava por um bom momento, o produtor não sentia o peso dos gastos. Quando a situação mudou, ele colocou tudo na ponta do lápis e viu que perdia dinheiro. “Nosso maior custo estava na pós-colheita”, lembra. Foi quando decidiu investir em um armazém alternativo, em sistema de galpões e com sistema de secagem, para guardar os grãos. “A estrutura é barata, para evitar qualquer tipo de dívida”, ressalta.

Do ano passado para cá, também passou a investir nas culturas de inverno, e plantou nabo forrageiro e aveia. “O maior benefício é a colheita acima da média”, relata ele. Outra medida adotada foi a de estruturar a fazenda, sem aumentar a área plantada. Nos anos melhores, a lucratividade chegava a R\$ 1.100,00 por hectare, lembra Caixeta. Hoje, esse valor está em R\$ 700,00. “Se não tivesse adotado as medidas de acabar com a terceirização, ia empatar”, afirma ele.



“Queremos ver o produtor como empresário rural” afirma Jairo Costa

Divulgação

O período ruim levou Caixeta a mudar também a forma de comprar insumos. De dois anos para cá, ele tem antecipado as encomendas, o que garante uma boa diferença nos preços. “Tudo isso deve ser feito sempre levando em consideração o comportamento do mercado e do câmbio, para ver se vale a pena”, aconselha. Segundo ele, o agricultor precisa ter em mente que tudo faz parte do preço final do produto, do adubo ao herbicida. Com todos esses cuidados, garante, é possível passar pela crise sem sofrer prejuízos. O principal, orienta, é planejar a safra como um todo, da compra à venda.

**Tecnologia de ponta** — A marca de 81 sacas por hectare na safra passada em alguns pontos da propriedade dos irmãos Dazzi, de Palotina/PR, é motivo de orgulho para a família. Amauri, Adelar e Adyr trabalharam duro para alcançar este resultado. Há dez anos, implementaram o sistema de rotação de cultura na lavoura. “Este é o detalhe mais fundamental para a produtividade”, as-

segura Amauri Dazzi. Segundo ele, plantar aveia ou trigo no inverno e depois girar com milho sobre milho ajuda a ter melhores resultados. “Deixar a terra sem soja por 18 meses faz com que o próximo plantio já saia com uma boa arrancada”, conta.

Fertilização, análise de solo e agricultura de precisão também são rotina na propriedade, tudo com foco na redução de custos. A alta produtividade é consequência de todos esses cuidados. A estiagem teve reflexos menores em função da matéria orgânica presente no solo e pelo fato de as plantas estarem saudias, sem qualquer tipo de doença. Este ano, no entanto, o calor mais forte castigou a lavoura, e a produtividade será menor. A estimativa é de uma média de 65 sacas por hectare. O volume é inferior ao do ano passado, mas ainda assim está bem acima da média da região, que fica entre 20 e 25 sacas.

Os irmãos Dazzi analisam a época de fazer gastos e evitam assumir dívidas quando a situação da agricultura não



Para Amauri Dazzi a rotação de culturas é essencial para a produtividade

# FUSO CLEAN

OS MELHORES NESTA COLHEITA.

**FUSO CLEAN 2000 e FUSO CLEAN Nova Fórmula**

são as mais modernas e econômicas tecnologias em produto limpador de fuso de colheitadeiras de algodão.



## DEPOIMENTO

Eu, Vitorio Herklotz proprietário da Fazenda São Paulo em Brasnorte/MT, usamos Fuso Clean 2000 há 3 anos e estamos satisfeitos com os resultados obtidos. O produto mantém os fusos limpos evitando assim tuchos, cotonetes e outros. Mantém e alonga a vida útil das escovas e fusos desfibradores. Aumentamos a produção da máquina por paradas para limpeza.



## DEPOIMENTO

O Fuso Clean Nova Fórmula apresentou boa miscibilidade, excelente limpeza nos fusos, não mancha a fibra, não forma resíduos no reservatório nem na linha da bomba de água. Não tivemos incidências de encasamento nos fusos, pois a lubrificidade mostrou-se eficiente, tanto quanto a remoção de matéria orgânica da planta.

Sr. Wilson Agapito - safra 2004  
Fazenda Bahia – Pedra Preta – MT

 **rigran**  
Tecnologia para a Natureza

  
**FUSO CLEAN**

fone 51 3341 3225  
rigran@rigran.com.br

## Alternativas para obter melhores resultados

- ▶ Evitar a realização de investimentos altos quando a agricultura tem bons preços.
- ▶ O pagamento destes investimentos normalmente ocorre quando os preços dos produtos começam a cair.
- ▶ Em anos que a agricultura tem bons preços, o custo dos investimentos é mais alto.
- ▶ Ter controles de custos, elaborar orçamentos e fluxo de caixa.
- ▶ Toda a atividade econômica necessita de controles físicos e financeiros, a agropecuária não é diferente.
- ▶ Manter a liquidez.
- ▶ Usar a razão para analisar os negócios, e não a emoção.
- ▶ Procurar de todas as maneiras manter o crédito junto dos agentes financeiros, fornecedores e prestadores de serviço.
- ▶ Participar das entidades de classe, para fortalecê-las, com o objetivo que elas tenham forças, quando se fizerem necessárias às reivindicações para o setor.

**Fonte:** Cilotér Borges Iribarrem – Safras & Cifras

está das melhores. Mas a economia é feita com todo cuidado. Nada que comprometa a qualidade da soja. “Tudo que vai no solo é da melhor qualidade, da semente ao adubo”, revela.

A participação dos cinco funcionários para manter os 1,4 mil hectares é fundamental. Tanto que eles recebem prêmios — como uma motocicleta e um televisor 29 polegadas, por exemplo — conforme o resultado obtido. “É a nossa forma de dar um estímulo para que todos peguem firme no trabalho”, brinca Amauri. Outra medida importante é observar os preços, não só na hora de plantar, mas também no momento da venda, aguardando o momento de melhor preço para fechar negócio.

**Pé no chão** — Altair Domingo Fianco, que saiu de Pato Branco/PR, já plantou no Mato Grosso do Sul e agora cul-



Altair Fianco trabalha de olho na produtividade e não no aumento de área

Divulgação

tiva 1 mil hectares de soja em Uruçuí/PI, é categórico em afirmar: “só fica no mercado quem é profissional”. Ele lembra que o bom preço da soja atraiu pessoas que não conhecem absolutamente nada de agricultura. “O setor passou a contar com gente despreparada, que entrou apenas para especular, e acabou se endividando”, lamenta.

Para evitar qualquer conta mais alta, Fianco trabalha de olho na produtividade, e não no aumento de área. “Ainda mais que estamos em uma área nova, o que significa uma maior aplicação de insumos”, assinala. A produtividade vem aumentando a cada ano. Na safra 2002/2003, foram colhidos 3 mil kg/ha, volume que passou para 3,2 mil kg/ha na safra 2004/2005 e deve chegar a 3,4 mil kg/ha neste ano. “Temos investido muito no solo. É aí que conseguimos nos manter”, informa.

Para ele, a agricultura atravessa uma crise séria, e diferente das anteriores. “Por mais que o produtor se esforce, muitas vezes ele não consegue pagar as contas porque o governo não faz a sua parte”, afirma. Somente o custeio da safra equivale a 43 sacas por hectare, compara ele. Por isso, o momento é de trabalhar com investimentos bem planejados. “Fazemos o estritamente necessário, tudo é no limite”, explica.

Em vez de comprar mais máquinas, para evitar contas agora, Fianco aumentou um turno de trabalho. A plantação é

feita nas 24 horas do dia, assim como a utilização do pulverizador, que pode ser dia e noite, conforme a necessidade. “Isso é só até passar esse período mais difícil. Depois voltamos a investir”, afirma. A situação para o agronegócio não está fácil, e o produtor está atento para mudar esse cenário. “Mais do que nunca, não dá para brincar de lavoura”, dispara Fianco. ■



Vanildo Cardoso

# SINTONIZANDO o produtor com o mundo



*Novo sistema de TV digital deverá levar produtores a substituírem equipamentos*

Carolina Jardine

**E**las são responsáveis por conectar o produtor com o mundo. Voltadas para o céu, as antenas parabólicas viraram equipamento essencial para manter o agricultor que vive no interior ligado às inovações tecnológicas, às previsões do tempo e ao melhor da programação da TV. Contudo, as mudanças no sistema de transmissão estudadas pelo governo brasileiro podem levar o agricultor a fazer novos investimentos no futuro para garantir seu acesso à informação. A adoção pelo País de um dos padrões de TV Digital ofertados, seja pelos japoneses, norte-americanos ou euro-

peus, exigirá mudanças nos equipamentos de recepção via satélite utilizados. A principal delas – e que só será necessária quando da extinção do sistema analógico – será a substituição dos receptores por equipamentos digitais, que hoje têm um custo estimado em US\$ 200. De acordo com o Ministério das Comunicações, o sistema de TV analógico coexistirá com o digital de 10 a 15 anos, protelando qualquer investimento.

Apesar de não haver data para a adoção da tecnologia pelo País e de ainda faltar muito tempo para que a TV analógica seja extinta, é importan-

te estar atento na hora da compra de uma nova antena para evitar gastos mais adiante. A indústria que opera com a fabricação dos aparelhos já se prepara para suprir outras exigências que provavelmente surgirão a longo prazo. Segundo o gerente comercial da Visiontec, fabricante de antenas com sede em Jacareí/SP, Angelo Biaso, para garantir maior qualidade de sinal, é preciso atenção ao diâmetro do equipamento. Segundo ele, para uma melhor captação digital é necessário que a antena de tela tenha 2,2 metros de diâmetro. Já para as fechadas de alumínio, o ideal é uma estrutura de 1,5

## PARABÓLICAS

metro. “Recomendamos que a pessoa que comprar hoje uma antena já faça a opção por um equipamento com diâmetro adaptado aos padrões de transmissão digital”, aconselha o executivo, que espera para este ano um incremento de quase 40% nas vendas, devendo chegar a 500 mil peças.

Essas recomendações também fazem parte das orientações de venda no varejo. O diretor da Arrial Montagem, empresa que opera com a comercialização e instalação de equipamentos em Sobradinho/RS, Lúcio César Arrial, explica aos clientes as mudanças que estão por vir e orienta sobre a aquisição de aparelhos que permitam adaptação futura. “Mas, na verdade, os clientes buscam pelo mais barato. Sempre dizem que se o sistema mudar, gastam depois”, conta o varejista. O mercado já oferta kits de transmissão via satélite que oferecem ao consumidor a recep-

ção de sinais analógicos e digitais. Mas nem todos os canais já aderiram ao sistema. “Esse produto híbrido atende àquele cliente que deseja assistir a todos os canais analógicos e ainda aos digitais”, aponta Biaso. Mesmo sendo 70% mais caro do que o kit analógico, ele não garante, integralmente, a conexão ao sistema digital a ser adotado no País, na medida em que ainda não há parâmetros claros definidos. “É preciso que o mercado se estabilize e que a emissora líder de mercado dite como serão as regras”, ressalta Biaso.

Outra mudança que poderá chegar na bagagem da TV Digital é a codificação de alguns programas. O Ministério das Comunicações alerta que, após a implementação do sistema, os produtores de conteúdo poderão obrigar as emissoras a codificar seus programas de forma a restringirem o acesso. Como, por exemplo, limitar a transmissão da Copa do Mundo e de programas apenas aos assinantes que pagam por eles. Com isso, a TV do homem do campo que recebe transmissão por satélite poderá ganhar novos horários com o tradicional “preto”, que indica a



Divulgação

Quase 60 milhões de brasileiros fazem uso de parabólicas

## Programação internacional no campo

O distrito de Itapuca, no município gaúcho de Anta Gorda, é um exemplo claro da penetração das antenas parabólicas no meio rural. Caracterizada pelo cultivo de fumo e erva-mate, a localidade não



Carolina Jordine

Mirtes adquiriu sistema há 15 anos em consórcio de 12 parcelas

tem repetidora e viu os grandes equipamentos tomarem conta dos pátios e telhados das casas. Essa foi a opção de Mirtes Bertuol, uma das proprietárias do “armazinho” que abastece as 100 famílias que vivem no vilarejo. Para qualificar o sinal de sua TV, e poder “pegar” os canais de filmes e das séries norte-americanas, ela foi uma das primeiras a adquirir o aparelho há 15 anos. Conta que como a antena era cara, a opção foi fazer um consórcio de 12 parcelas. “Na 10ª parcela, eu fui sorteada e aposentei a antiga antena”. Antes disso, a transmissão era feita utilizando uma antena espinha de peixe estrategicamente colocada no pico de um dos morros que rodeiam o local. “O sinal vinha por fio de telefone. Meu tio sempre dizia que eu via chuvisco e não TV”, lembra.

De lá para cá, uma manutenção simples garantiu a longevidade do aparelho. Mirtes informa que equipes fazem a vitória com frequência. O único reparo foi a colocação de um chapéu no receptor para garantir sua conservação. “Aqui a gente teve sorte. Em alguns vizinhos, as antenas foram danificadas”, diz ela garantindo que, hoje, em Itapuca, “quem tem TV tem parabólica”.

ausência de sinal. “A pessoa terá um receptor digital e poderá passar em uma banca de revistas e comprar um cartão para assistir a um número X de jogos”, explica Biaso. Outra saída pode ser a contratação de TV por assinatura.

**Estatísticas** — Estima-se que o Brasil tenha 18 milhões de antenas parabólicas instaladas, o que compreende quase 60 milhões de habitan-

tes. E a procura pelos equipamentos continua aquecida. Por mês, são vendidas, em média, 150 mil antenas. Desse total, boa parte tem como destino o meio rural e as casas de famílias que residem em pequenas cidades do interior. Atuando há 20 anos no mercado, Arrial relata que o meio rural é a grande fatia das vendas de antenas parabólicas, tendo em vista a dificuldade de recepção e a má qualidade do sinal de TV. “A procura vem aumentando, principalmente no final do mês de março, quando o agricultor começa a colher a safra e resolve trocar sua antena antiga que já está danificada”, salienta. De acordo com ele, das 40 antenas vendidas pela revenda por mês, 32 são instaladas em propriedades rurais.

Biaso acrescenta que, a maior parte dos consumidores busca a antena parabólica para ampliar as opções de canais, tendo em vista que, na maioria das cidades, há apenas três ou quatro sinais de repetidoras. “O Brasil está politizado. É cada vez mais importante ter acesso à TV Câmara e à TV Senado para conferir o que está acontecendo. A antena parabólica traz 30 opções de canais e atua na socialização dos meios de comunicação às camadas mais distantes e menos privilegiadas”.

As deficiências da transmissão tradicional se justificam porque, inúmeras

vezes, faltam investimentos nas repetidoras, em geral de responsabilidade das prefeituras municipais. “Muitas vezes não se tem dinheiro para fazer a manutenção desses equipamentos e isso compromete a qualidade e a variedade do sinal”, salienta.

Existem diversos tipos de antenas parabólicas no mercado brasileiro, com diferentes qualidades e acabamentos. As antenas com armação de alumínio são as mais vendidas em função do baixo custo, mas ainda há opção por equipamentos de fibra e latão. Em geral, elas têm duração média de cinco anos.

O preço de uma antena parabólica varia de acordo com o diâmetro, que pode ir de 1,3 metro a 2,8 metros. Quanto maior a estrutura, melhor será o sinal transmitido e maior o preço. Segundo Arrial, o custo varia de R\$ 350,00 a R\$ 650,00. Em geral, antenas de fibra são mais resistentes e mais caras, já



Boa parte das antenas instaladas no País tem como destino o meio rural

Divulgação

## Interatividade total

**A** SKY, operadora do mercado brasileiro de TV digital, prepara-se para retomar o crescimento no setor, que ficou aquém das expectativas entre 2000 e 2004. E um dos fatores que promete ajudar a companhia a obter tal desempenho é o meio rural, que representa mais de 50% de sua base de assinantes, hoje de, aproximadamente, 950 mil usuários, significando 22% do mercado de TV por assinatura brasileiro. “O segmento rural está crescendo muito e a empresa espera aumentar suas vendas nesta área, oferecendo constantemente conteúdos que atendam a este público”, salienta Ricardo Miranda, presidente

da SKY Brasil. Um exemplo dessa preocupação é a inclusão do canal TerraViva na SKY, em agosto do ano passado. “Este é um mercado muito importante e muito exigente, pois a maioria tem antenas parabólicas (banda C), onde podem assistir dezenas de canais sem nenhum custo mensal”, acrescenta. A Sky atende mais de 5 mil municípios brasileiros, o que representa uma presença em 93% das cidades registradas pelo IBGE. Além de oferecer 45 canais em pay-per-view, leva aos seus assinantes uma variedade de serviços interativos, possíveis apenas com os recursos da tecnologia digital.

que o composto não conduz energia, ficando mais protegida de descargas elétricas e raios. As mais baratas ainda são as feitas à base de alumínio. “Antigamente, eram necessários 10 salários mínimos para comprar uma antena. Hoje, o preço caiu para cerca de 10% daquele valor”, compara.

O diretor da distribuidora de antenas parabólicas Satcom, João Augusto Da Cas, concorda com a popularização do produto. “Estamos em um pico de vendas. As antenas estão mais acessíveis”, garante. Além disso, a redução do preço do alumínio em função da baixa do dólar também favorece a produção e reduz custos.

Outro fator que merece atenção é a forma de instalação. Técnicos recomendam que para obter o melhor desempenho do produto é vital efetuar uma correta fixação. Em geral, as antenas parabólicas na área rural são instaladas em pilares de metal e não sob o telhado das casas. Uma base de concreto bem feita responde pela segurança e, em geral, tem 40cm<sup>2</sup> e 50cm de profundidade. ■

*Com poucos estímulos  
para plantar, agricultor  
brasileiro projeta  
lavoura de trigo  
enfrentando cotações  
abaixo dos custos  
de produção*

*Denise Saueressig*

**N**a hora de decidir a lavoura de trigo, o produtor brasileiro só tem certeza de uma coisa: o mercado precisa melhorar para que haja estímulo para o plantio. Entre as muitas dúvidas do momento, estão o tamanho da área que será plantada e o nível tecnológico a ser empregado no campo. Em Guarapuava, no Paraná, o agricultor Anton Gora ainda não decidiu se vai investir na cultura. Todos os anos, ele faz um planejamento técnico destinando uma parte da área de 200 hectares da propriedade para cultivos de inverno. “Se fizer as contas hoje, terei prejuízo plantando trigo”, constata.

Pelos cálculos do produtor, o atual preço do cereal não cobrirá o custo da lavoura, avaliado em R\$ 1,2 mil por hectare. Levando em conta a produtividade máxima da região, que é de 3 mil quilos por hectare, e o mercado em março, que indicava cotações em torno de R\$ 19,00 para a saca de 60 quilos, Gora teria um prejuízo de R\$ 250,00 por hectare. “Esse resultado pode inviabilizar a lavoura do verão”, conclui o agricultor, que pretende esperar até junho por novidades no mercado. “Se houvesse a garantia do preço mínimo, pelo menos receberia o equivalente ao custo”, observa.

# À espera de melhores PREÇOS

As contas do produtor Anton Gora exemplificam o que acontece na média do mercado. As disparidades são evidentes entre os custos e os valores pagos aos triticultores. No Paraná, a tonelada tem preço ao redor de R\$ 320,00. O investimento total do produtor da região de Campo Mourão é de R\$ 489,66 pela tonelada. Em Cascavel, o custo avaliado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) é de R\$ 521,26 a tonelada. No Rio Grande do Sul, enquanto a saca vale R\$ 18,00, agricultores de Cruz Alta e de Passo Fundo gastam R\$ 32,26 para garantir a produção da mesma unidade.

O produtor Adauto Sambati, de Campo Mourão/PR, não desistiu do trigo nesta safra, mas vai reduzir em torno de 15% a área de 200 hecta-

res semeada em 2005. Ele admite que a justificativa técnica da lavoura vai prevalecer esse ano. “Com o preço abaixo do custo, o plantio só compensa porque vai deixar a terra limpa e adubada para a safra de verão”, explica. Como limitadores da cultura, Sambati aponta os altos preços dos adubos e fungicidas e o excesso de burocracia na hora de conseguir financiamentos e efetivar o seguro da lavoura. “A situação é ainda mais complicada quando pensamos que já enfrentamos dificuldades com a comercialização das culturas de verão”, afirma.

**Perda de receita** — Anton Gora, que também é vice-presidente da Comissão de Grãos da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Faep), avalia que a origem do problema está na perda da receita dos



Divulgação

trabalhadores rurais. “Estou há 30 anos na atividade e nunca vi uma crise tão grande e o pior, é que não enxergo perspectivas para sair dela”, declara. Para ele, a valorização do real frente ao dólar e os preços altos dos insumos ajudam a formar esse cenário de desânimo entre o setor. “Não adianta o governo prorrogar dívidas enquanto a conjuntura econômica permanecer assim”, complementa.

O plantio do trigo no Brasil inicia em abril nas regiões mais quentes, como os Estados do Centro-Sul, São Paulo e norte do Paraná. Nas zonas mais frias, a semeadura inicia na metade de maio e prossegue até julho. Embora ainda não existam informações definitivas sobre a intenção de plantio para esta safra, a tendência é que a área se mantenha

ou apresente um leve decréscimo, na opinião do chefe-geral da Embrapa Trigo, engenheiro agrônomo Gilberto Cunha. “Independente das condições de mercado, não existe cultura mais importante no inverno”, analisa. A favor do cereal, estão as previsões climáticas, que indicam a ocorrência do fenômeno La Niña – resfriamento das águas do Oceano Pacífico - o que deve significar uma Primavera mais seca neste ano. “O trigo também tem a característica de não exigir investimentos específicos para quem já está na atividade e tem domí-

nio tecnológico e tradição de cultivo”, acrescenta Cunha.

No Paraná, que detém a maior área plantada com o cereal no País, uma avaliação preliminar aponta para o plantio de 1,071 milhão de hectares. Segundo o Departamento de Economia Rural (Deral), vinculado à Secretaria de Agricultura do Estado, essa estimativa significa uma redução de quase 16% em comparação com 2005. Nas lavouras paranaenses, o trigo compete com o milho safrinha no inverno. “Essa tendência pode mudar, já que o milho também está com preço pouco atrativo”, lembra Margorete Demarchi, engenheira agrônoma do Deral. Na safra passada, o Paraná produziu 2,8 milhões de toneladas do cereal, 7,8% a menos do que em 2004/2005.

Em todo o Brasil, a área plantada chegou a 2,361 milhões de hectares, um recuo de 14,3% em relação ao período anterior. Essa redução na área, o baixo nível tecnológico empregado nas lavouras e problemas climáticos como o excesso de chuva, resultaram em uma diminuição de 16,6% na colheita, que ficou em 4,873 milhões de toneladas, de acordo com a Conab. No Rio Grande do Sul, segundo maior produtor, a redução de área e de produção foi de 23% e 26,6%, respectivamente.

**Trigo irrigado** — Tradicional nos estados do Sul, o trigo se expandiu para o Brasil Central nas últimas décadas. Nesta região, o destaque é para o cultivo irrigado, característico pelos altos custos e pelos bons índices de produtividade. Na safra 2005/2006, lavouras no Distrito Federal alcançaram, em média, 5,5 mil quilos por hectare, enquanto no Sul, o rendimento médio foi de 2.054 quilos por hectare. “A alta luminosidade e o ambiente seco do Centro do País também colaboram para a produção”, destaca Gilberto Cunha, da Embrapa Trigo.



Divulgação

Disparidade entre custos e remuneração desanimam Gora, produtor no Paraná



Manderlei Maciel

**Sambati, que vai reduzir área em 15%, diz que plantio só compensa por deixar a terra pronta para a safra de verão**

Segundo ele, em alguns experimentos, a produtividade chega a até 8 mil quilos por hectare. Na região Central, onde nas zonas irrigadas predominam as classes “pão” e “melhorador”, existem alguns limitadores para o crescimento da produção. Além do alto custo da energia usada na irrigação, o trigo compete com o cultivo de hortaliças. “O cereal ainda é visto como uma boa opção para a rotação de culturas”, diz Cunha. A brusone, doença que ataca a espiga da planta e considerada comum nas zonas tropicais, também é fonte de preocupação para os pesquisadores da Embrapa.

**O que diz o mercado?** — O planejamento do plantio do trigo está

voltado cada vez mais para a orientação do mercado. Na hora de produzir, é essencial definir a tecnologia de acordo com a perspectiva de retorno. “A escolha da cultivar mais adequada é essencial nesse processo”, assinala Cunha. Na lavoura brasileira, o produtor está voltado para cinco classes comerciais: o trigo brando, voltado principalmente para a fabricação de biscoitos; o pão, destinado à panificação e às massas; o melhorador, que abrange massas, bolachas de água e sal e pão de forma; o durum, usado na fabricação de massas italianas; e o trigo denominado de “outros usos”, que é utilizado na alimentação animal, por exemplo. Nos últimos anos, o País vem buscando ampliar a oferta de trigo pão, valorizado no mercado. “Conseguimos superar a etapa da década de 90, quando a qualidade da produção ainda era considerada baixa”, relata o agrônomo.

O potencial para o aumento da cultura, de maneira geral, ainda é grande, na avaliação de Cunha. “Os mercados interno e externo têm grande demanda pelo cereal, e o Brasil é um dos poucos países do mundo com disponibilidade de área para o crescimento da cultura”, argumenta. Para o pesquisador da Embrapa, a competitividade do tri-

go só vai aumentar quando houver o fortalecimento da identidade do produto brasileiro. “Isso significa a conquista da maior qualidade e da padronização para conquistar a confiança do mercado. E essa realidade depende de organização de toda cadeia produtiva, do avanço da pesquisa e de consistência da política agrícola”, acredita.

O Brasil produz quase metade do trigo que consome. A demanda de 10,3 milhões de toneladas é suprida com as importações, feitas basicamente da Argentina. Em 2005, fo-



Divulgação

**Cunha: “competitividade vai aumentar com o fortalecimento da identidade do produto brasileiro”**

ram importadas 4,988 milhões de toneladas do cereal, com gastos de US\$ 649 milhões, informa o presidente da Associação Brasileira da

## TRIGO NO BRASIL

Região	Área (em mil ha)			Produção (em mil t)		
	Safra 04/05	Safra 05/06	Var.%	Safra 04/05	Safra 05/06	Var.%
Nordeste	0,5	0,5	-	2,5	2,5	-
Centro-Oeste	159,4	108,7	31,8	298,0	194,2	34,8
Sudeste	67,2	70,8	5,4	191,0	195,8	2,5
Sul	2.529,2	2.181,8	-13,7	5.354,4	4.480,6	-16,3
PR	1.350,6	1.276,3	- 5,5	3.038,9	2.801,5	-7,8
SC	80,5	60,0	-25,5	185,2	114,9	-38
RS	1.098,1	845,5	-23	2.130,3	1.564,2	-26,6
Brasil	2.756,3	2.361,8	-14,3	5.845,9	4.873,1	-16,6

Fonte: Conab – Levantamento de janeiro de 2006



Indústria do Trigo (Abitrigo), Francisco Samuel Hosken.

“Este ano, a importação deve superar as 5 milhões de toneladas”, estima. Entre janeiro e fevereiro de 2006, o volume importado já havia alcançado 1,218 milhão de toneladas.

No ano passado, as compras do cereal foram incentivadas especialmente pela taxa cambial. No segundo semestre, o trigo paranaense chegou ao Nordeste com preço em torno de R\$ 430,00 a tonelada. Já o produto argentino, foi colocado na região com custo de R\$ 380,00 a tonelada. Os agricultores do país vizinho ainda têm a vantagem de um custo inferior ao contabilizado pelos produtores brasileiros.



Hosken, da Abitrigo, acredita na recuperação dos preços em maio

Relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), aponta que as importações de trigo do Brasil devem aumentar 34,5% até 2015/2016, chegando às 7,4 milhões de toneladas.

Quando os produtores recebem mal, a indústria também não evolui.

Toda a rentabilidade da cadeia acaba comprometida pelo baixo preço do grão. Ao mesmo tempo, o consumo mantém-se estagnado entre a população. “Todo esse cenário estancou projetos e novos investimentos entre os moinhos nacionais”, relata Hosken. Em todo o Brasil, o setor envolve 206 moinhos responsáveis por um faturamento de R\$

7,7 bilhões e pela geração de 30 mil empregos diretos. No total, a cadeia que abrange desde o produtor até o segmento de panificação, massas e biscoitos, emprega 2,15 milhões de trabalhadores. Em maio, é possível que sejam percebidas melhoras no preço do trigo nacional, acredita Hosken. Ele justifica a avaliação, lembrando que o estoque exportável da Argentina ficará baixo nas próximas semanas. “A tendência é que o preço suba no país vizinho e traga como consequência a alta também por aqui”, comenta o executivo.

**Impostos** — Para estimular o consumo entre a população, a Abitrigo reivindica junto ao governo a isenção das alíquotas de PIS e Cofins para o trigo, farinha e misturas, que hoje são onerados em 9,25%. Outro pleito da entidade é para que seja igualado o Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) entre os Estados da Federação. Atualmente, as diferentes taxas praticadas provocam um ambiente de verdadeira guerra fiscal entre os Estados. ■



Apesar dos preços em baixa, o trigo ainda é uma ótima opção para a rotação de culturas

A Granja

**ANÚNCIO**

**ANÚNCIO**

**ANÚNCIO**

**ANÚNCIO**

# Produtividade é uma questão de **ATITUDE**

**S**ão pequenas as diferenças no custo de produção para gerar e um único hectare 5 mil quilos ou 10 mil quilos de arroz. Então, por que não extrair da lavoura a produção máxima? Esta foi a síntese das explicações dos pesquisadores do Instituto Riograndense do Arroz (Irga), no tradicional dia-de-campo da instituição, que reuniu em 9 de março mais de 1.500 arrozeiros (inclusive de outros países sul-americanos) na Estação Experimental do Arroz da instituição, em Cachoeirinha/RS. Os produtores circularam pela unidade de pesquisa para tomar conhecimentos das mais recentes novidades e orientações para o cultivo do cereal.

Para o pesquisador Valmir Menezes, independente da produtividade, 70% dos custos não se alteram. Na verdade, a diferença de custo, esclarece, se dá na fase final do ciclo, isto é, nas etapas como colheita, frete, secagem e assim por diante. Ou seja, quanto maior o volume de grãos, maior o custo. “É o custo bom”, definiu. “Se quiser produtividade, tem que mexer nos pontos mais fracos. E para isso é preciso identificá-los”, lembrou Menezes. Para ele, estar atento à época de plantio adequada, fazer uma adubação equilibrada e um rigoroso controle de invasoras são ações muito relevantes para uma boa produção. “Se eu quero velocidade de estabelecimento, preciso de uma boa adubação de solo”, advertiu. “Mas só vai ter boa resposta à boa nutrição se os outros fatores não forem limitantes”. Também destacou que 80 a 100 quilos (ou

mesmo 60 quilos, dependendo da qualidade da semeadura) de semente por hectare são suficientes.

Mas é impossível obter bons rendimentos em lavouras



que convivem com fungos. O pesquisador Hector Ramirez ressaltou que “a doença tem muito a ver com o manejo”. E para isso, observar radicalmente a época indicada para o plantio é fundamental. Da mesma forma que a densidade e a época para a adubação de cobertura. E lembrou um erro que o produtor comete em utilizar mais semente ou adubo, quando o plantio é feito tardiamente. Deve-se usar menos adubo e semente quando o plantio for feito mais tarde. Além disso, alertou, não é muito raro o produtor se equivocar na identificação da doença, e então aplicar o produto errado. “Muita gente aplica fungicida para percevejo. O percevejo fica gordo...”, garantiu, e arrancou risos dos assistentes. Na verdade, o fungo só ataca após a ação do inseto. “Tem que entrar na lavoura e revisar”, recomendou. Por fim, concordou com a opinião de um produtor que, os solos de arroz do Rio Grande do Sul precisariam submeter-



Fotos: Leandro Mariani Mitmann

se à rotação de culturas para amenizar o ataque de moléstias. “Tem que reduzir a área e potencializar a produtividade”, sugeriu Ramirez.

**Sustentabilidade** — Além da obsessão por produzir mais por menos, é preciso atenção à sustentabilidade do sistema. O tema “gestão ambiental” também esteve em pauta no dia-de-campo do Irga. Afinal, o cultivo do arroz irrigado utiliza-se de um bem da natureza muito importante, a água, usada neste caso em grande volume. Também há a preocupação como a emissão de gás metano. “O Irga e outras instituições estão procurando respostas para as questões ambientais da lavoura de arroz”, explicou a pesquisadora Vera Macedo. “A água é o nosso principal insumo”. Conforme ela, é importante adequar a água para o cultivo, e para isso o planejamento da lavoura irá influir diretamente na economia da água. “Se plantar na época adequada, a planta vai ter umidade suficiente e não vai usar a água de mananciais”, destacou a pesquisadora uma das formas de economizar o insumo. Além disso, fazer uma rigorosa manutenção da lâmina de água para não contaminar mananciais com resíduos de insumos químicos e economizar solo. Vera citou um estudo em que o incorreto manejo da lâmina em solos arenosos provocou a perda de 14 toneladas de terra por hectare. ■

*O plantio de pequenos frutos ganha cada vez mais espaço em Vacaria/RS. Incentivados pelo programa municipal 'Grandes Sabores', desenvolvido pela Prefeitura, Emater e Embrapa, os agricultores já têm mercado certo para comercialização. Produtores que tinham decidido abandonar a atividade rural por falta de resultados na pecuária familiar resolveram fincar pé na lavoura e investir nesta nova oportunidade*

*Texto e fotos: Cristine Pires  
cristine@agranja.com*

**A** contar pelo tamanho das pequenas frutas nos arbustos, fica difícil imaginar o peso que elas têm representado para os produtores de Vacaria/RS. O plantio de amora-preta, framboesa, mirtilo, morango, physalis e cereja tem conquistado cada vez mais adeptos. Muitos dos iniciantes nesse segmento tinham até mesmo pensado em abandonar a vida no campo, em função dos baixos resultados obtidos na pecuária familiar, até então uma das principais atividades do local. Incentivados pelo programa municipal 'Grandes Sabo-

res', eles estão satisfeitos com os resultados e resolveram fincar pé na agricultura.

Experiência para mudar a matriz produtiva do setor primário, o município já tem e com sucesso. Nos anos 70, com a necessidade de buscar alternativas de maior rentabilidade, houve um investimento forte na introdução da cultura da macieira, que atualmente representa uma parte significativa da receita do município. A pomicultura faz de Vacaria o principal produtor do Estado e o segundo em nível nacional. No que depender dos

produtores e do programa municipal, o feito será repetido com os pequenos frutos.

Tudo começou em 1990, com a instalação de uma agroindústria na região. Na época, a Italbraz foi pioneira também no cultivo desses frutos. Hoje, é abastecida por parceiros da cidade e de outros municípios da região dos Campos de Cima da Serra. A expansão se deu a partir de 1996, com o programa Amora-Preta, uma iniciativa da Emater e da Embrapa Clima Temperado, que iniciou com pequenos produtores. "Tivemos difi-



# PEQUENAS só no tamanho



Eduardo Pugon/Emater Vacaria

culdades iniciais na comercialização”, lembra Elói Poltronieri, técnico da Emater e atual secretário de Agricultura de Vacaria. Mas isso ficou no passado. “As perspectivas são otimistas e promissoras”, diz o secretário. Além da aptidão climática da região, Poltronieri destaca a aceitação do mercado e as facilidades locais, tanto na forma de estrutura logística, quanto de políticas públicas de incentivo.

**Mercado certo** — Ivanor Bortolotto nem colheu os primeiros mirtilos e já tem destino certo para eles. Primeiro produtor a ter um projeto de

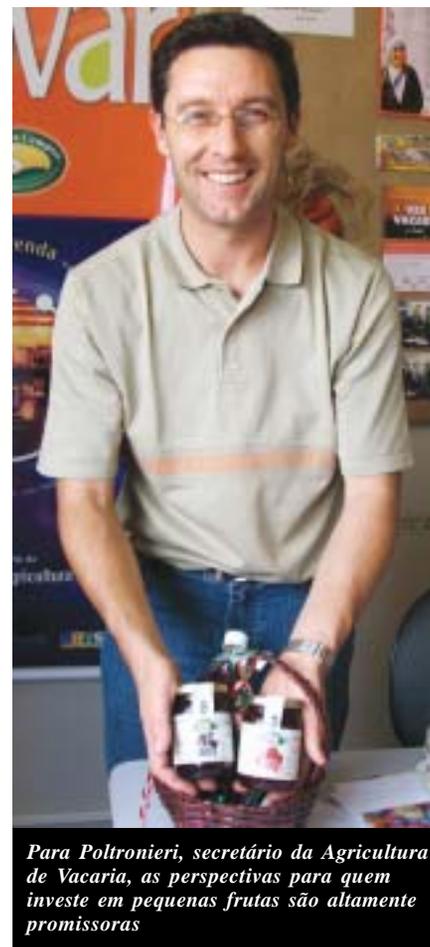
cultivo de mirtilo financiado pelo Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), Bortolotto gastou R\$ 20 mil para plantar uma área de meio hectare. O investimento é alto, mas o retorno compensa.

O principal gasto é com equipamento de irrigação por gotejamento, uma vez que o mirtilo precisa de água para se desenvolver. “É preciso investir mesmo, porque a terra a gente não engana. Na hora de vender, o resultado financeiro vai ser de acordo com o que foi feito”, adverte. O tratamento das plantas é feito com co-

bre e adubo orgânico, tudo de forma manual, para garantir bons frutos. O plantio foi feito há um ano e dentro de mais um ano será feita a primeira colheita.

Bortolotto também planta amora-preta e começa a preparar mudas de physalis em estufa, para produzir comercialmente até o inverno. Outra novidade é a área experimental com maná, fruta exótica da Amazônia. Tudo isso é feito sem descuidar dos cinco hectares de macieira, que também são importantes no orçamento da família. “A pequena propriedade que ficar só no milho e no feijão já era. É preciso diversificar para reduzir os riscos”, argumenta o produtor. Foi desta forma que a família não sofreu os fortes impactos da estiagem que prejudicou a safra gaúcha no ano passado.

O vizinho Orildo Zanotto também aposta na diversificação, mas não só para ter outras fontes de rendimento. O plantio de mirtilo intercalado com pés de milho faz com que as plantas



Para Poltronieri, secretário da Agricultura de Vacaria, as perspectivas para quem investe em pequenas frutas são altamente promissoras

## FRUTICULTURA

fiquem mais protegidas do vento e dos raios de sol, o que representa maior produtividade. Na primeira colheita, os 2 mil pés de mirtilo renderam 170 quilos da fruta. “A primeira safra é sempre mais baixa. Quando os pés amadurecem, chegam a render dois quilos cada um”, explica Eduardo Pagot, técnico da Emater/Vacaria.

O principal, no caso do mirtilo, é o manejo. “É preciso tratar pé por pé, como se fosse uma planta de vaso”, exemplifica Claudionor de Lima Dian. Por isso, argumenta o produtor, o ideal é trabalhar uma pequena área para fazer este atendimento individual. Na área de meio hectare plantada com mirtilo, Dian usa apenas inseticidas para controlar a lagarta que come a folha da planta. Para ele, a fácil comercialização e o



Ivanor (à direita), com os filhos Irineu e Vânio, foi o primeiro produtor de mirtilo a ter projeto de cultivo aprovado pelo Pronaf

mercado acessível são, sem dúvida, os principais atrativos.

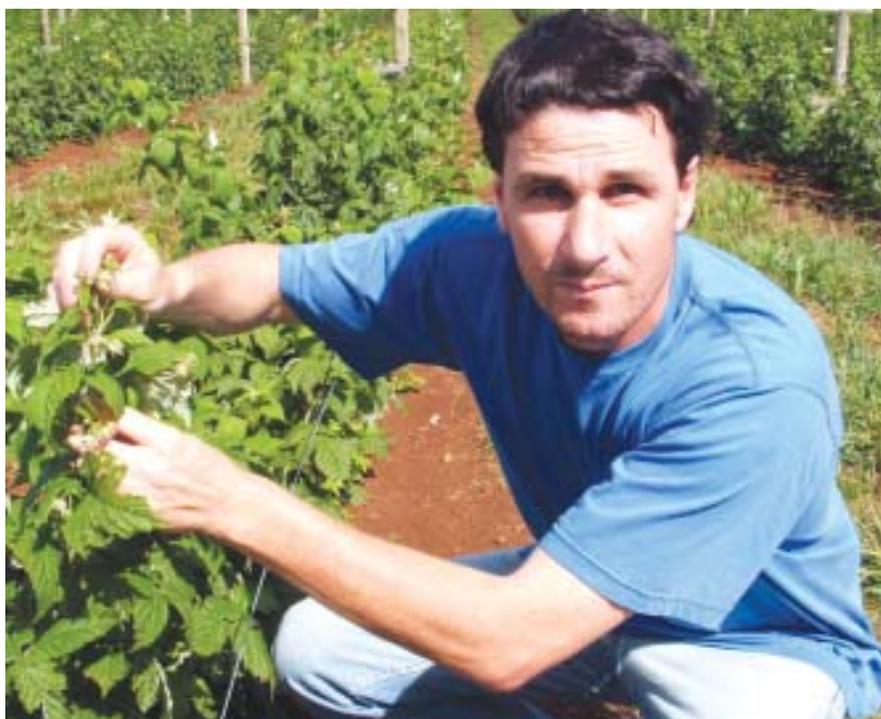
Tanto que sua área experimental começou com 340 mudas. Como a

resposta foi muito boa, ampliou para 1.400 mudas. O retorno financeiro, segundo ele, deve vir no quarto ano após o primeiro plantio. A demora é consequência dos investimentos necessários, principalmente com irrigação.

O preço pago ao produtor pela amora-preta na última safra ficou na média de R\$ 1,15 o quilo para a fruta indústria. Quando o destino é *in natura*, o valor sobe consideravelmente em função de todos os cuidados adotados durante a colheita, e varia conforme a qualidade dos frutos. No caso de exportação, o valor foi de aproximadamente R\$ 15,00 o quilo. O mirtilo tem uma cotação ainda maior. O preço médio pago ao agricultor foi de R\$ 14,00 o quilo.

Os resultados entusiasmam não só os produtores. Pagot fala com orgulho do que o programa já alcançou até agora. Bortolotto, Zanotto e

Quando a fruta é exportada *in natura*, o valor é bem mais elevado



Pagot, técnico da Emater: “a amora está consolidada, enquanto o mirtilo e a framboesa se encontram em processo de experimentação”

### MAPA DAS PEQUENAS FRUTAS EM VACARIA

Cultura	Número de produtores	Estimativa de produção (t/2005-2006)	Área total (ha)
Amora-preta	76	400	70
Morango	8	225	7,5
Framboesa	2	45	8
Mirtilo	6	30	16

Fonte: Emater/RS-Ascar e Secretaria de Agricultura de Vacaria

Dian são uma pequena mostra do universo de 500 famílias, que encontraram uma alternativa mais rentável. A maior parte é de pequenas propriedades — de meio e um hectare, em média —, que agora abrem mão do gado para dar espaço à fruticultura. “A amora está consolidada, enquanto o mirtilo e a framboesa se encontram em processo de experimentação e de organização da cadeia”, destaca Pagot.

**Novos nichos** — No que depender dos produtores, os resultados prometem ser excelentes. Os primos João Cláudio Pante e Tito Pante chegaram até mesmo a exportar um pequeno volume de amoras para Holanda, França e Espanha. “Foi mais para eles conhecerem a fruta”, conta João. A estratégia deu certo. Os compradores franceses querem de 10 a 12 mil quilos. Em 2006, os Pante colheram 80 toneladas da fruta, plantada em 11 hectares. A expectativa é chegar a 120 toneladas no ano que vem. O primeiro plantio é recente, de 2003, e esta é a primeira experiência deles na agricultura. Engenheiro de formação, João trabalhava no ramo de metalurgia, enquanto a esposa, Jysela, atuava no departamento financeiro de uma empresa. Com a aposentadoria, decidiram fazer a parceria com o primo Tito, também engenheiro.

Além das amoras, a propriedade conta com um viveiro para produção de mudas de framboesa. A idéia é chegar a 50 mil pés da fruta. Todas as medidas estão sendo tomadas, como a cobertura da área de plantio para defender as plantas do vento, e a irrigação por gotejamento. “A framboesa é exigente em água”, diz Pagot, que também presta assistência



aos Pante. O investimento está garantido, pois a venda tem destino certo.

Agora, os Pante trazem outra meta audaciosa. Eles querem colocar em funcionamento, até julho do ano que vem, uma agroindústria. A idéia é processar as frutas para sucos, concentrados, poupa e preparados (como sorvete, por exemplo). “Temos o clima ideal para produzir as frutas, toda infra-estrutura necessária e mão-de-obra qualificada”, afirma Pante. O estoque de frutas congeladas para começar o processo também está pronto. O projeto deverá ganhar proporções geométricas a partir do momento que a região ganhar um aeroporto. ■



João Pante e a esposa Jysela largaram seus respectivos empregos e hoje investem na produção de amoras e framboesas

### Parceria que dá gosto

**O**s reflexos são positivos em toda a cadeia produtiva. A agroindústria se beneficia, como a Mais Fruta, localizada em Antônio Prado. É para lá que vai a produção de muitas lavouras de pequenos frutos da região. “Temos parceria com cerca de 200 produtores”, conta Giovan Zulian, diretor comercial da empresa. A Mais Fruta tem dez anos de mercado e, de três anos para cá, houve um salto considerável na oferta de matéria-prima. “Com isso, a empresa também cresceu”, diz Zulian.

Tudo começou com foco no kiwi, maçã, uva e amora. Com o mercado competitivo, a Mais Fruta entendeu que precisava oferecer uma linha completa. Hoje, são 29 variedades de poupa de fruta congelada. São comercializadas 300 toneladas por mês, com destino, além do Rio Grande do Sul, os mercados do Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. Das frutas produzidas na região, apenas o mirtilo não faz parte das variedades oferecidas. “Não trabalhamos com a fruta porque ainda não há oferta suficiente. Para colocar no mercado, precisamos ter regularidade no abastecimento”, justifica Zulian. Segundo ele, isso deve acontecer nos próximos anos, assim como aconteceu com a amora. “Essa fruta serve de exemplo e de incentivo para os produtores, que foram em busca de mercado”, lembra ele. A Mais Fruta trabalha em conjunto com seus fornecedores. De tempo em tempo, eles se reúnem para avaliar os pontos positivos e o que precisa melhorar, além de acompanhar a evolução de todo o processo.

**ALGODÃO**

# ***Rumo à***



# TECNOLOGIA

*Transgenia é apontada como a salvação de muitos problemas da lavoura algodoeira, especialmente o bicudo*

Adriana Ferreira

**A**cotonicultura brasileira pode ser comparada à mitológica ave Fênix, que renasceu das próprias cinzas. O setor sofreu por mais de uma década com os custos elevados da produção e a baixa qualidade da fibra, que inviabilizava a exportação. Já cambaleante, o segmento quase tomou com a chegada da poderosa praga do bicudo no final da década de 1980. A crise modificou a geografia da produção algodoeira no País, que passou a ocupar as regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul, deixando para trás o Nordeste, que historicamente concentrou o cultivo da planta. Mas o efeito mais nefasto desse processo foi a ausência de matéria-prima, no início da década de 1990, que motivou o governo a liberar as importações, conferindo ao Brasil o segundo lugar entre os países importadores de algodão.

A ressurreição do algodão nacional se deu junto com a entrada do novo século, no ano 2000. A reação dos agricultores, dos centros de pesquisa e das associações, baseada na busca pela qualidade e competitividade, promoveu uma reviravolta que tirou o Brasil da condição de um dos maiores importadores para o 5º lugar entre os exportadores e o 5º maior produtor mundial. O setor primário do algodão movimentou cerca de R\$ 7 bilhões na safra passada e movimentará R\$ 5 bilhões nesta safra, de acordo com dados da Associação Brasileira de Produtores de Algodão (Abrapa).

A mudança de cenário, porém, não eliminou velhos problemas, como o bicudo, que embora controlado, continua a ser um forte fator de risco para os agricultores. E apesar da oposição ferrenha de ambientalistas à moderna técnica dos organismos geneticamente

modificados (OGMs), que resulta nos famosos transgênicos, ela tem sido apontada por muitos agentes da cadeia produtiva como o melhor caminho para o controle de inúmeras pragas e conseqüente redução dos custos materiais e ambientais da cotonicultura.

De acordo com o cientista e ex-presidente da Embrapa Algodão, Eleusio Curvelo Freire, todos os estudos científicos divulgados no mundo têm confirmado que a fibra transgênica é mais econômica, agride menos a natureza e também resulta em menos intoxicações para o homem e os animais. “A maioria dos ambientalistas usa “chavões” sem base científica para criticar os transgênicos, alegando aspectos éticos, religiosos, de saúde e ambientais, sem participarem de um debate desapassionado e científico sobre o assunto”.

Cerca de 28% da área total cultivada com algodão no mundo, de 32 milhões de hectares, já é plantada com variedades transgênicas. Considerando toda a agricultura mundial, o crescimento da área saltou de 800 mil hectares distribuídos em três países, em 1996, para 81 milhões de hectares em 17 países, em 2004. Dentre os países que já cultivam algodão transgênico, a África do Sul lidera o ranking com 85% da área semeada com sementes modificadas, seguida pela Austrália com 80%, os Estados Unidos com 75% e a China com 66%. Os Estados Unidos foram o primeiro país a plantar algodoeiros transgênicos.

**Estudos limitados** — O pesquisador Paulo Barroso, da Embrapa Algodão, diz que as variedades transgênicas de algodão, cultivadas atualmente no mundo, melhoram a qualidade da fibra, garantem maior segurança à lavoura - cara e de alto risco - e reduzem custos e o impacto ambiental da cultu-

ra. Entretanto, há 10 anos os estudos do Brasil estão limitados a laboratório e dependem da regulamentação da Lei de Biossegurança, aprovada em 2005, para avançarem. Esse vácuo pode comprometer, e muito, os planos de crescimento do setor, segundo João Carlos Jacobsen Rodrigues, vice-presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa).

“Considerando o uso dos mais avançados eventos da biotecnologia disponível no mundo que associam a resistência a herbicidas e insetos em uma mesma planta de algodão, aos quais não temos acesso, perdemos cerca de R\$ 300 milhões por ano. Além disso, é preciso considerar ainda, ao contrário do que pregam alguns, o grande prejuízo ambiental que temos com a cultura convencional com inúmeras aplicações dos mais variados tipos de inseticidas e herbicidas. Cultivando algodão transgênico estaríamos livrando o planeta de milhões



Segundo Barroso, área legal com algodão transgênico no Brasil ainda é muito pequena

Embrapa Algodão

de litros de defensivos, e optando por uma tecnologia limpa que só atinge as pragas-alvo, preservando as demais de forma eficiente e segura”, afirma.

O dirigente diz que graças à “morosidade brasileira” a cotonicultura está perdendo competitividade para os concorrentes, em especial nesse momento que o real está supervalorizado. “É impossível recuperar o tempo perdido, mas se o Congresso Nacional derrubar o veto do presidente Lula na nova Lei de Biossegurança, no que tange ao número de membros da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) e ao quórum necessário para aprovação de novos eventos, que passou de maioria simples para dois terços dos membros, já seria um grande avanço e uma demonstração de maturidade e comprometimento com o desenvolvimento tecnológico”. Segundo Jacobsen, para que o Brasil não continue no atraso são necessárias leis que permitam maior agilidade nos processos de aprovação de novas tecnologias.

**Tecnologias mundo afora** — Existem oito tecnologias transgênicas disponíveis para algodão no mundo, sendo que destas apenas a mais antiga - a Bollgard

I - está liberada para uso e comercializada no Brasil, exclusivamente pela Delta Pine, depois de aprovada pela CTNBio, em março de 2005. “É importante ressaltar que para a realidade brasileira as tecnologias mais adequadas para reduzir custos e diminuir os impactos ambientais são as tecnologias BollgardII + RR; ou BollgardII + Rondupflex, ou Widespike + RR, entre outras. Os seja, a tecnologia liberada é antiga e isoladamente pouco ajuda os produtores brasileiros, especialmente se colocada em uma cultivar sensível a viroses, que reduzirá sua eficiência para economizar aplicações de inseticidas”, alerta Freire. O Bollgard foi liberado para esta safra, mas está na fase de multiplicação de sementes. É a primeira safra, portanto, dedicada à geração do insumo. A área legal no Brasil é relativamente pequena, de acordo com Paulo Barroso, pesquisador da Embrapa.

**Menos paixão, mais análise** — Em alguns países como a Indonésia a experiência com o algodão transgênico não foi o que se esperava. Estudos da *Science in Society* indicam que a produtividade do algodão Bt na região foi menor que 1 ton/ha em detrimento das expectativas iniciais que eram de 4 ton/ha.

Também na Índia foram verificados problemas com a produtividade. E na China essa espécie obteve sucesso no controle de lagartas, mas não reduziu o ataque de outras pragas.

Esses dados servem como contraponto para uma análise mais cuidadosa acerca dos reais benefícios e das contra indicações de uso dessa tecnologia. Os cientistas alertam que cada espécie modificada deve atender às demandas específicas das regiões a que se destinam, além de obedecerem a um manejo rigoroso.

Um produtor que usa uma cultivar transgênica e não faz um

bom manejo da lavoura não terá sucesso, como aconteceu na Índia e na Indonésia. Já a China está usando cultivares transgênicas Bt próprias, que tem reduzido a aplicação de quase 15 milhões de litros de inseticidas por ano e 90% das intoxicações em humanos. Naquele país metade das lavouras passou a ser conduzida sem nenhuma aplicação de inseticidas, o que favoreceu o surgimento de outras pragas secundárias que eram indiretamente controladas quando se usavam inseticidas para o controle da lagarta das maçãs, que era a praga limitante da China. Entretanto, Freire destaca que estas “novas pragas” passaram a ser controladas com doses menores de inseticidas, em comparação às quantidades utilizadas para conter a antiga praga.

Posição cautelosa tem o professor Joaquim Bento de Souza, da Esalq-USP. Ele diz que a vantagem da menor necessidade de uso de defensivos agrícolas, com a conseqüente redução das operações agrícolas, depende muito do local onde o produtor se encontra e do espectro de pragas da região, bem como de quanto virá a custar a tecnologia. “Deve-se notar que a utilização do algodão transgênico não é uma panacéia e, como qualquer outra tecnologia, deve ser manejada de forma criteriosa, nas situações onde for indicada, pois ela controla bem algumas lagartas e pragas, mas não todas” resume.

**Inimigo número 1** — O principal inimigo das lavouras algodoeiras nacionais continua sendo o bicudo. Da mesma forma que a praga não causa tantos problemas em outras regiões, como provoca na América do Sul, em especial no Brasil, ainda não houve interesse por parte dos laboratórios internacionais de desenvolver um organismo resistente a ele, comenta Barroso. O pesquisador dá boas notícias e conta que a Embrapa, por meio de suas equipes de Brasília (Cenargen) e de Campina Grande (Embrapa Algodão), possuem dois genes em fase final de desenvolvimento para o controle da praga, sendo uma baseada em bactéria Bt e outra usando genes obtidos de feijões e favas. Mas ainda não há perspectiva em curto prazo para o lançamento de espécies resistentes ao bicudo. “Existem etapas a serem vencidas para que fique à disposição do produtor”, pondera. ■



*Estudos revelam que a fibra transgênica é mais econômica e agride menos a natureza*

**ANÚNCIO**

# PROFISSIONALISMO em alta, negócios em baixa

*Feira realizada de 13 a 17 de março em Não-Me-Toque/RS, rendeu R\$ 54,5 milhões e contou com a participação de 120 mil pessoas*

**A**s dificuldades vividas pelo campo afetou em cheio os negócios na Expodireto 2006, realizada de

13 a 17 de março em Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul.

Conforme balanço divulgado pela coordenação

da feira, o faturamento alcançou R\$ 54,5 milhões, o que representou um recuo de 48% em relação à edição passada, quando a exposição registrou a comercialização de R\$ 105,1 milhões. O resultado superou a previsão inicial feita pelo presidente da Cotrijal, Nei Mânica, que indicava venda de R\$ 50 milhões. Os números finais da Expodireto 2006 ficaram abaixo, também das projeções do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas (Simers), que no começo da mostra estimava um faturamento de R\$ 70 milhões.

Apesar da queda motivada pelas dívidas acumuladas no setor produtivo, preços achatados e câmbio desfavorável, o presidente Mânica considerou a missão cumprida. "Num ano difícil, conseguimos realizar

a feira com sucesso". O dirigente considerou a queda inferior a de outras exposições que já ocorreram no País. Ele ainda acredita em uma reversão do quadro após a adoção de medidas que reequilibrem o câmbio. Já a ausência do ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, foi amenizada com a promessa do anúncio de um pacote de auxílio aos produtores.

Embora também não tenha atingido a expectativa de público, os produtores que visitaram a feira mostraram muito mais profissionalismo ao buscarem informações para auxiliá-los a melhorar cada vez mais os resultados na propriedade. Um ponto positivo apontado por Mânica foi o índice de satisfação do público com a feira: 96,68%. "Fizemos melhorias nos itens reivindicados ano passado pelo visitante, como calçadas e áreas de sombreamento, e felizmente, mesmo com a difícil situação por que passa a agricultura no momento, nossa feira manteve seu brilho e mais uma vez, durante cinco dias, foi o centro do agronegócio brasileiro", afirmou. ■

## Centro de Treinamento para os pequenos

**U**m protocolo de intenções assinado entre a Cotrijal e a Emater/RS, durante a Expodireto Cotrijal, pretende dar início à construção do Centro de Treinamento e Profissionalização de Agricultores. A idéia é qualificar o produtor e oferecer alternativas de agregação de renda na propriedade, na área de 16 mil metros quadrados na Expodireto Cotrijal, para fazer do local o recanto permanente da Agricultura Familiar. "Queremos tornar esta uma área permanente, efetiva, para que a gente possa ampliar e qualificar a relação da extensão rural com a Cotrijal, servindo como um centro permanente de capacitação e profissionalização de agricultores", definiu Caio Rocha, presidente da Emater/RS. O Centro de Treinamento vai contar com infra-estrutura de alojamentos para que os produtores possam permanecer no local durante a realização dos cursos. "Vamos realizar treinamentos e oficinas com orientações desde o pulverizador manual até a maior automotriz existente no mercado", explicou o presidente da Cotrijal.



Divulgação

Divulgação

**ANÚNCIO**

AGRICULTURA FAMILIAR

# ***Dona Rô e suas simpáticas***



# OVELHINHAS

Leandro Mariani Mittmann  
leandro@agranja.com

**R**osângela Soares Scholante, 48 anos, apresenta dois interessantes exemplos à sociedade e à agricultura familiar: 1º. – continua economicamente ativa, trabalhando (e muito) após a aposentadoria; 2º. – transforma matérias-primas geradas na propriedade em produtos de alto valor agregado. Ao deixar de ser professora municipal em Coxilha das Flores, localidade situada nos pampas de Bagé/RS, dona Rô passou a trabalhar dois subprodutos na fazenda da família: o couro de cabrito e a lã de ovelha. No princípio, ela convertia o couro dos cabritos abatidos em loncas (o couro curtido, já sem a pelagem) e revendia a interessados em dar forma às mais diversas peças: pulseiras, chaveiros, gargantilhas, abajures. Depois, de suas mãos a lã passou a se transformar em chinelos, pantufas, pelegos e nas simpáticas miniaturas de ovelhas.

Dona Rô, o marido, Edgard, e os filhos Rogério, 29 anos, e Marcelo, 14, possuem um rebanho de aproximadamente 250 cabritos e uma centena de ovelhas. No início, após a aposentadoria, ela aprendeu a curtir o couro dos caprinos e a vendê-lo na região. Depois, expandiu seu mercado a Porto Alegre e até para São Paulo. “A lonca entra em tudo”, justifica dona Rô a demanda. Então, ela se deu conta da seguinte oportunidade: “Se tem aproveitamento para couro de cabrito, dá para aproveitar também o couro de ovelha”. Como arrancada para o novo empreendimento, uma amiga anotou, detalhadamente, num papel, as dicas sobre como curtir o couro de ovelhas.

E dona Rô passou a fabricar pelegos e a comercializá-los pelo Estado. “Ia para as feiras com a camionete cheia”, relembra.

O passo seguinte foi agregar valor aos produtos, e dona Rô partiu para a fabricação de pares de chinelos. Como não aprendeu com ninguém o novo ofício, o começo por iniciativa própria foi desanimador. “Não era ovelha, não era chinelo, não era nada”, recorda como saíram as primeiras peças. Ficavam arredondadas, muito estranhas. “Se não fizer chinelos bons, não faço mais” se propôs. A auto-ameaça deu resultados, e dona Rô se tornou, na prática – com talento, criatividade e boa vontade – uma verdadeira artista da lã. Ela e seus trabalhos rapidamente conquistaram a simpatia das pessoas, e a artesã ganhou o País. Passou a participar de exposições mais importantes que as regionais, como a Expointer, em Esteio/RS, na Grande Porto Alegre, e até a Feira Nacional de Agricultura Familiar e Reforma Agrária, em Brasília. Hoje, ela se utiliza até de sedex para espalhar ovelhinhas a todo o Brasil.

Depois de “aprender tudo sozinha” – ela se orgulha disso, diversificou a produção. Os chinelos passaram a ser duplos (lã por fora e por dentro) ou simples (preços mais acessíveis), surgiram as pantufas, enquanto as ovelhas ganharam diferentes tamanhos, e ainda surgiram os tapetes (para o chão ou mesmo para o telefone) e as almofadas. Dona Rô se transformou numa mini-indústria de subprodutos da lã. E o perfeccionismo virou o norte do trabalho dela. “Quando faço e acho que ficou feio, vejo o que tem que melhorar e penso em como dar certo”, revela. “Tenho que fazer ovelha para carregar a ovelha, pois ovelha faz parte da minha vida”, justifica. “Hoje as minhas ove-

lhas são um sucesso”, reconhece, sem medo de parecer convencida.

**Prêmio** — Se não fossem realmente um sucesso, dona Rô não estaria recebendo convites para participar de feira após feira. E o trabalho lhe propiciou, além de renda, realização de aspirações históricas. “Eu tinha um sonho: fazer a Expointer. Eu nem conhecia Porto Alegre...” O sonho se concretizou cinco anos atrás, a partir do momento em que ela soube que a agricultura familiar teria espaço cativo na feira, onde comercializou loncas de cabritos. Mas foi em 2003 que ela arrasou em Esteio. “A minha vida mudou”, sintetiza. “Lá, é outra visão, completamente diferente. Voltei me sentindo realizada. Trouxe até encomenda”, revela. Ela prefere não falar em faturamento ou lucro, mas confidencia que na Expointer do ano passado vendeu 150 unidades de ovelhinhas ao preço de R\$ 20 ou R\$ 60 – algumas até a R\$ 70.

A coroação definitiva do seu êxito, um reconhecimento à qualidade do trabalho, ocorreu na Expointer de 2004, no tradicional Concurso Estadual de Artesanato em Lã e Peles Ovinas, em que ela venceu na categoria Peles Livres, e ainda levou o Prêmio Originalidade. Os critérios dos jurados foram originalidade, criatividade e qualidade, e os trabalhos deveriam ser confeccionados manualmente. “Eu fazia tudo a mão. Furava todos os meus dedos”, descreve. Em razão do prêmio, um dirigente da Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Rio Grande do Sul (Fetag/RS) achou o seu trabalho “nota mil, bem feito e tudo a ver com a agricultura familiar” e a convidou para expor em Brasília. Na capital, a repercussão do seu trabalho foi tamanha, que ela voltou com encomendas, e tem mandado ovelhinhas até para Rondônia. ■

*Miniaturas de ovelhas fazem o maior sucesso nas exposições das quais dona Rô participa todos os anos Brasil a fora*

# São Tomé e o CRONISTA

**C**ertas coisas a gente precisa fazer como São Tomé: ver para crer. Foi assim com uma fazenda próxima de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, que me diziam produzir 50 mil litros de leite/dia. Depois, a produção teria pulado para 60 mil. Quando ouvi falar em 70 mil/dia, mordi o charuto e murmurei: “Só vendo para crer”. Dias depois, conheci Huguette e Flávio Guarani, proprietários da Fazenda São João, que se prontificaram a me mostrar sua propriedade rural, inteiramente diversa de tudo que eu tinha visto neste último meio século. A começar pelo fato incomum de produzirem comida, antes de comprar as vacas.

Em linhas gerais, a área inicial foi comprada em 1995, o projeto começou a ser implantado em 97/98 e a fazenda tem, hoje, área de 1.100 ha, dos quais 320 ha de milho para silagem (pivôs centrais, três safras/ano, duas de milho, uma de feijão), 130 ha de sorgo e 50 ha de cana. Matas naturais e reservas obrigatórias somam 246 ha, aí incluídas as cascalheiras. A fazenda está situada numa região chamada boca-do-cerrado, transição entre as terras calcárias de Sete Lagoas/MG, e o cerrado que se estende até Mato Grosso.

Há manchas de terras muito boas, mas pouca água, como é de praxe nas terras calcárias. A fazenda tinha um eucaliptal, porque estava situada numa região de muitas siderúrgicas, ávidas de carvão vegetal. O eucaliptal foi destocado, os solos adubados e corrigidos, arroz e soja plantados nos dois primeiros anos para amansar o terreno.

A água dos pivôs vem do rio São João, perene, lindeiro da fazenda. Luz elétrica da Cemig, em vésperas de ser complementada por biodigestores que produzirão 600 KW, suficientes para movimentar os galpões pecuários e para dois, dos seis pivôs centrais. Além disso, biodigestor tem aquela conversa de vender créditos para os países que não cumprem as metas estabelecidas no Protocolo de Kyoto.

Megaindústria montada para produzir leite, todo vendido para a Nestlé – duas ou três carretas/dia – a fazenda não gosta de receber visitas. É compreensível. Entre supervisor, gerente, encarregados, técnicos, tratoristas e retireiros – todos uniformizados (até as visitas têm crachás, que me recusei a pendurar), carteiras assinadas, horas extras, dominhos pagos em dobro, salários noturnos etc. – os 92 funcionários não têm tempo a perder com as perguntas cretinas da maioria dos visitantes. Um deles, recentemente, teve a coragem de dizer: “Tirar leite dando comida não é vantagem”.

Todas as metas estabelecidas vêm sendo cumpridas. Em 2005, foram 15 milhões de litros; para 2006, a empresa projeta produção de 18 milhões de litros, média de 50 mil litros/dia. Quando lá estive, a produção média por vaca em lactação era de 30 quilos/dia, em três turnos de ordenha, 8 horas cada. Com alimentação básica de todo o rebanho em lactação, silagem de milho e sorgo, fubá, farinha de soja, caroço de algodão e algum tyfton verde, há períodos do ano em que a fazenda tem grupos de até 80 vacas produzindo, em média, 50 quilos/dia. Por aí dá para sentir que na pecuária leiteira, e só nela, há um projeto Fome Zero funcionando.

A empresa produz 23 mil toneladas de silagem de milho/ano, estocadas em imensas trincheiras cortadas na terra, as duas maiores com 3 mil toneladas cada. Pás-carregadeiras, caminhões basculantes e carretas de distribuição automática levam a ração aos cochós. Vacas em *free stall*, baias de repouso forradas com areia/saibrinho. O esterco e o chorume são bombeados para as áreas de cultura de milho, sorgo, etc. O esterco excedente é usado na produção de composto de alta qualidade, en-

sacado e vendido na região da Grande Belo Horizonte. A capital mineira é conhecida pela péssima qualidade de seus solos, puro minério de ferro, quando não de filitos (rochas argilosas, metamórficas, de estrutura cristalina, intermediárias entre os argilitos e os mecaxistos), que, de tão instáveis para construir, são geralmente chamados filitos da p.

Huguette e Flávio, quando foram encomendar seus primeiros tanques de expansão, de 20 mil litros cada um, assustaram o fabricante. Muito educado, o cavalheiro explicou-lhes que os tanques são usados para resfriar e manter gelado o leite produzido num dia, no máximo em dois dias – e não durante o mês inteiro. O industrial quase morreu de susto quando ficou sabendo que os 40 mil litros eram para gelar o leite de um dia. Tanto assim que, nos períodos de pique de produção, a Nestlé mantém uma carreta isotérmica estacionada na fazenda, funcionando como terceiro tanque de expansão.

Detesto crônicas divididas em duas partes, mas serei obrigado a voltar ao assunto mês que vem. Preciso falar das vacas, dos problemas, da inacreditável sala de ordenha, dos galpões em *free stall*, tudo de ótima qualidade, mas sem luxos, da pequena fábrica de rações e de dois aspectos do manejo, que vi e não gostei. Mas é aquela velha história: meu recorde de produção foi de 17 mil litros/mês. Huguette e Flávio chegam a vender quatro vezes mais, por dia! Portanto, devo respeitar a frase predileta do motorista da biga de Cícero, em Roma, 90 anos antes de Cristo: “*Ore occluso muscae non intrant*” – em boca fechada não entra mosquito. ■

*O industrial quase morreu de susto quando ficou sabendo que os 40 mil litros eram para gelar o leite de um dia. Tanto assim, que nos períodos de pique de produção, a Nestlé mantém uma carreta isotérmica estacionada na fazenda*

**ANÚNCIO**

## Carne bovina: mais PRESSÃO oficial



A Granja

O foco de aftosa detectado em Corrientes significou o fechamento de alguns mercados externos para a carne bovina argentina, com o qual se produziu o efeito que o governo procurava antes do incidente: um aumento da oferta interna. No entanto, os preços ao consumidor não cederam e o governo, longe de rever suas medidas intervencionistas, aprofundou-as. Assim, a Secretaria de Agricultura, Pecuária, Pesca e Alimentos (SAGPyA) começará a controlar que cada um dos frigoríficos exportadores venda ao exterior 20% menos de carne fresca.

Trata-se do começo do plano de auto-regulação de exportações, que tinha sido apresentado ao Ministério de Economia pelas próprias câmaras do setor no início de fevereiro, como uma

medida para aumentar a oferta de carne no mercado interno para que baixem os preços e assim desativar as ameaças do governo de voltar a subir as retenções às exportações de carnes.

A proposta tinha sido deixada de lado depois do ressurgimento da aftosa em Corrientes, mas a resposta da União Européia, Rússia e outros mercados, que confirmaram a continuidade das compras, despejou temores de perder a frente externa. O controle sobre os frigoríficos será feito pelos servidores públicos da SAGPyA em cada uma das plantas exportadoras, que serão visitados ao menos uma vez ao mês. A este plano de auto-regulação se soma o registro de Operações de Exportação (ROI), com o qual o governo procura ter um maior controle das vendas ao exterior.

## Trigo

Os escassos embarques anunciados e a falta de demanda no mercado externo levaram as cotações de trigo a fechar em baixa durante o começo de março. Espera-se que, no curto prazo, intensifiquem-se os embarques, cresça a demanda brasileira e isto leve a uma melhora nas cotações.

## Soja

As chuvas de fim de fevereiro e princípio de março deram grande impulso ao cultivo, especialmente aos lotes de segunda semente. A produção estimada para a safra está em torno dos 40 milhões de toneladas.

## Leite

A produção nacional de leite cresceu 5% em 2005. A evolução se deveu à expansão da produtividade por fazenda, que em média foi 7,4% a de 2004.

## SOJA RR: muito longe de um acordo

A polêmica sobre o pagamento da taxa pela utilização da tecnologia RR segue sem acordo. Enquanto a empresa Monsanto pretende cobrá-las sobre o grão entregue no destino final, as entidades representativas ligadas ao agronegócio argentino recusam a pretensão da multinacional e exigem que se faça sobre a semente comprada. A Confederação de Associações Rurais de Buenos Aires reiterou sua negativa depois que alguns dirigentes do campo admitiram estar dispostos a aceitar uma saída ao conflito mediante o pagamento de US\$ 2,00 por tonelada de grão comercializada. “A tecnologia deve ser paga no momento de comprar a semente e não sobre o grão produzido, pois caso contrário, o produtor mais eficiente será o mais castigado por uma nova retenção”, afirmaram dirigentes da entidade. “Estariamos aceitando uma forma de pagamento que não corresponde”, explicaram.

Divulgação

## HORTALIÇAS e legumes

Durante o ano de 2005, a fiscalização de exportações de hortaliças frescas e legumes somou 567.802 toneladas, por um valor de US\$ 218.618.000, com um aumento de 17% em divisas, em comparação ao mesmo período de 2004. Do total exportado, 296.679 toneladas (equivalentes a US\$ 102.390.000) corresponderam a hortaliças de bulbo (alho e cebola). A cer-

tificação de exportação de alhos somou 91.174 toneladas, por US\$ 73.108.000.

De acordo com os dados registrados pelo Senasa, a certificação de exportações de alhos teve como principais destinos o Brasil, França, Estados Unidos e Espanha, entre outros mercados. Na exportação de cebolas, somou 205.502 toneladas e US\$ 29.271.000.



# O RENDIMENTO de soja, milho, feijão e arroz

João Kluthcouski, Antônio Luiz Fancelli, Durval Dourado-Neto, Cristina Maria Ribeiro, Luiz Antônio Ferraro

## Parte 1

**A** intensa mobilização dos solos tropicais traz como consequência sua desagregação superficial, sujeita à formação de uma fina crosta resultante da dispersão das partículas do solo, e ainda outra camada subsuperficial compactada, resultante tanto da pressão exercida pelo peso dos implementos agrícolas como pela ação direta dos pneus (Castro et al., 1987). No cerrado, como nas demais regiões tropicais, a mineralização da matéria orgânica chega a ser cinco vezes mais rápida do que aquela observada em regiões temperadas (Sanchez & Logan, 1992), o que, via de regra, sobrepõe à possibilidade de reposição nos sistemas convencionais de manejo dos solos e das culturas (Derpsch, 1997a).

A desestruturação do solo, a compactação e a redução nos teores de matéria orgânica são consideradas os principais indutores da degradação dos solos agrícolas. Tal degradação, com todas as suas implicações e nefastas consequências, tem resultado no desafio de



Antonio Milan

*Desestruturação, compactação e redução nos teores de matéria orgânica levam à degradação do solo*

Qualidade e tecnologia para a sua lavoura render mais.

### Plano Niveladora Multifâminas ROBUST



Um projeto pioneiro de lâminas que aplaina diretamente o solo sem necessidade de preparo prévio. Seis modelos que se adequam a qualquer potência de trator.

### Carreta Graneleira

Força e resistência para transportar sua colheita com segurança e rapidez. Modelos com capacidade para 120, 140, 175 e 200 sacas.



J. Adams



Distrito Industrial - Santa Maria-RS  
F: (55) 3222.7710 / (55) 3214.2300 www.agrimec.com.br

Entre no site e conheça toda uma linha de implementos, do preparo do solo à colheita.

viabilizar sistemas de produção que possibilitem maior eficiência energética e conservação ambiental, criando-se novos paradigmas tecnológicos baseados na sustentabilidade. No novo conceito de sistema agrícola produtivo, a fertilidade do solo assume uma abrangência maior que a habitual, expressada apenas nos parâmetros de acidez, disponibilidade de nutrientes e teor de matéria orgânica. Os parâmetros físicos, como armazenamento e conservação de água, armazenamento e difusão do calor e permeabilidade ao ar e à água, passam a ter relevância na avaliação da fertilidade do solo (Denardin & Kochhann, 1993). Neste contexto, o emprego efetivo do sistema de plantio direto, em função de suas prerrogativas básicas, mostra-se muito mais importante e eficiente para as regiões tropicais e subtropicais exploradas com agricultura (Fancelli & Favarin, 1989a).

No cerrado, a grande evolução na adoção observada nos últimos anos deve-se graças a solução parcial ou total dos problemas de primeira geração, tais como a formação e manutenção de cobertura morta, correção das propriedades físicas e químicas do perfil do solo, mecanização do plantio, manejo das plantas daninhas, dentre outros. Entretanto, sob as condições climáticas reinantes neste bioma, tem sido difícil a formação e principalmente a manutenção de volume de palhada, em quantidade suficiente para proteger plenamente a superfície

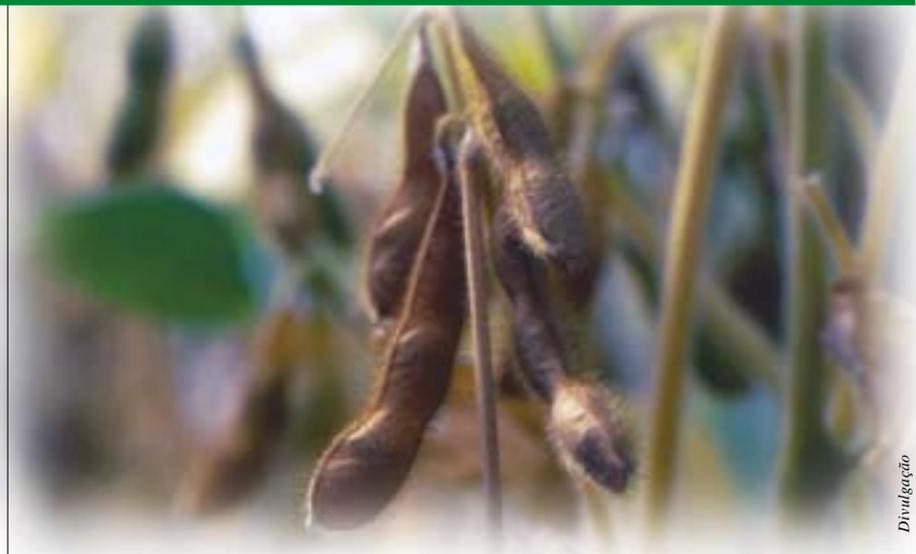
do solo. Isto, aliado a intensa movimentação de máquinas e implementos, pode favorecer o surgimento de problemas de segunda geração, ou aqueles decorrentes do uso continuado do sistema de plantio direto, tais como: recompactação/readensamento do solo; salinização devido à constante deposição dos fertilizantes minerais na superfície.

Aumento na compactação do solo devido ao uso continuado do sistema de plantio direto tem sido relatado por Castro (1989), Gill et al. (1996). Na maioria dos casos, estes autores registraram redução na macroporosidade e aumento da massa específica e microporosidade do solo. Já que o uso intensivo da área, seja para a produção de grãos ou cobertura morta, é uma das prerrogativas do plantio direto, e as frequentes adubações são feitas na camada superficial, é evidente que haja um acúmulo de nutrientes na profundidade de adubação, principalmente aqueles menos móveis ou imóveis (Sá 1993, Muzilli 1983 e 1984, Franzluebbers & Hons 1996). Os principais nutrientes que se acumulam na superfície são o P, Ca, Mg e o K. Melhor rendimento de grãos devido a adubação profunda foi registrado por Kluthouski et al. (1982) na cultura do feijão e por Alonço & Ferreira (1992) e Barber (1985) na cultura do milho.

O rendimento de grãos na maioria das culturas sob diferentes manejo do solo depende, dentre outros, das condições climáticas do ano agrícola, da qua-



*O rendimento de grãos, na maioria das culturas, depende muito das condições climáticas do ano agrícola*



lidade do manejo, do nível de fertilidade do solo e do estado sanitário da cultura. Por estas razões, tem sido bastante variável, na literatura, o comportamento das culturas sob diferentes manejos do solo. É preciso destacar, contudo, que nos anos em que ocorre deficiência hídrica perdas de rendimento quase sempre são registradas (Fageria et al., 1995; Carmo, 1997).

A soja é, dentre as principais culturas, uma das que melhor se adaptam ao sistema de plantio direto e, de um modo geral, os resultados de literatura indicam que os rendimentos desta cultura, ao se considerar o efeito médio de várias safras, geralmente se equivalem nos diferentes sistemas de manejo do solo, com pequena vantagem para o plantio direto (Muzilli, 1981a; Landers, 1995). Entre-



Divulgação

### *O arroz parece ser o menos adaptado ao sistema de plantio direto*

tanto, superioridade no rendimento desta cultura devido à aração ou escarificação foi relatada por Kochhann & Denardim (1997), Balbino & Oliveira (1992) e Guedes et al. (1978). Na maioria dos estudos que envolvem a grade aradora, registra-se os piores rendimentos de soja.

Na cultura do milho os resultados referentes aos diferentes manejos do solo são também bastante diferenciados. Maiores rendimentos de milho no sistema de plantio direto, em relação a outros sistemas de manejo do solo, foram relatados por Hernani (1997) e Ismail et al. (1994), e menores por Oliveira et al. (1989), Balbino et al. (1994) e Fancelli & Favarin (1989b). Apesar das escassas pesquisas conduzidas com a cultura do feijão, Mullins et al. (1988) e Landers (1995) mencionaram que não há

diferença no rendimento do feijoeiro nos diversos sistemas de manejo do solo, enquanto Siqueira et al. (1993) obtiveram melhores rendimentos desta leguminosa no manejo com aração. Superioridade do plantio direto no rendimento do feijoeiro foi observada por Silva et al. (1996) e Merten (1994).

O arroz parece ser, dentre a maioria das culturas, o menos adaptado ao sistema de plantio direto, sendo que as razões desta observação ainda carecem de informações mais precisas. Segundo Seguy et al. (1989), o arroz é, dentre todos os cultivos, o mais sensível à qualidade do perfil do solo, quaisquer que sejam as condições climáticas. Neste sentido, Seguy & Bouzinac (1992) obtiveram os menores rendimentos no sistema de plantio direto, sendo intermedi-

ários para o preparo com grade aradora e melhores com a aração profunda. Menores rendimentos do arroz no sistema de plantio direto também foram registrados por Stone et al. (1980).

**Material e métodos** — O estudo foi conduzido no município de Santa Helena, região Sudoeste do Estado de Goiás. O solo é classificado como latossolo roxo eutrófico. A cobertura do solo com resíduos vegetais em outubro de 1996, por ocasião de implantação dos experimentos de soja, milho e arroz, foi de aproximadamente 60% com cerca de 3,7 t/ha de matéria seca. Para o experimento com feijão, implantado em junho de 1997, registraram-se 6,7 t/ha de matéria seca sobre a superfície do solo. Os quatro experimentos foram conduzidos em faixas no delineamento de blocos completos casualizados, com quatro repetições.

As culturas da soja, milho, arroz e feijão foram submetidas, separadamente, a quatro manejos de solo: plantio direto (PD); escarificação profunda (EP); grade aradora (GA) e aração profunda com aivecas (AP), e a três níveis de adubação, com variação conjunta de P e K: adubação baseada na recomendação oficial para o Estado de Goiás; correspondente às quantidades de P e K exportados pelas colheitas esperadas e sem aplicação de P e K (Testemunha). Todas as culturas, em todos os tratamentos, receberam adubação de micronutrientes e, exceto para a soja, adubação nitrogenada no plantio e em cobertura. As operações de adubação e semeadura foram realizadas de forma simultânea e mecanicamente, utilizando-se a semeadora marca Semeador, modelo PAR 2800. As sementes de soja, cv. FT Estrela, milho híbrido BR 3123, arroz cv. Caiapó e feijão cv. Jalo Precoce foram devidamente tratadas e semeadas no espaçamento de 0,45; 0,90, 0,45 e 0,45 m, respectivamente, e na mesma ordem, na densidade de 22-24, 7-8, 80-90 e 12-14 sementes/m. As parcelas úteis foram de 21,6 m<sup>2</sup>; 18 m<sup>2</sup>; 21,6 m<sup>2</sup> e 9,9 m<sup>2</sup>, para os experimentos com soja, milho, arroz e feijão, respectivamente.

As operações de ceifa ou arranquio, trilha e limpeza dos grãos foram realizadas manualmente para todas as culturas. A medição de umidade e a pesagem foram realizadas em seqüência e o peso final foi corrigido para 13% de umidade. ■

*(Continua na próxima edição)*

## AÇÚCAR E ÁLCOOL

### Exportações dão sustentação ao preço do álcool

Desde o acordo de preços firmado com o governo, o mercado vem experimentando momentos de tensão entre as partes. Definiu-se que o percentual de adição de álcool anidro à gasolina será reduzido de 25% para 20%, com o intuito de evitar o desabastecimento de álcool nesse final de entressafra. Para a nova safra do Centro-Sul, a expectativa é de que a produção de cana de açúcar seja por volta de 360 milhões de toneladas, produzindo 24,3 milhões de toneladas de açúcar e 15 bilhões de litros de álcool. Enquanto no Nordeste a expectativa é de 50 milhões de toneladas de cana, com uma produção de 4 milhões de toneladas de açúcar e 1,5 bilhão de litros de álcool.

Os Estados Unidos, um importante participante do mercado de álcool, vem atingindo números recordes de produção, ficando a expectativa para 2006 de 5,1 bilhões de galões, equivalentes a 19,3 milhões de metros cúbicos,

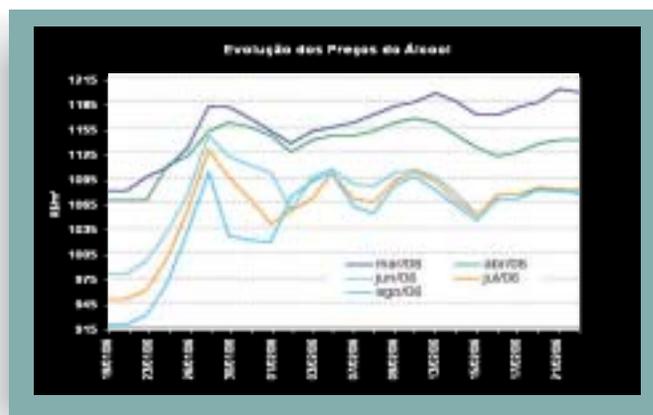
ultrapassando o Brasil. O aumento da demanda pelo álcool tem como um de seus principais fatores o acréscimo da porcentagem de álcool misturado à gasolina no mercado mundial. Seguindo a trajetória de diversos países, a União Européia planeja implantar a mistura de 10% ainda nesse semestre, frente aos 2% que são opcionais atualmente.

No mercado internacional de açúcar, apesar das correções técnicas, nas bolsas os preços seguem em alta, com os fundos de commodities na ponta compradora, dando sustentação ao preço. Na Bolsa

Carlos Alberto Widonsck — carlosw@bmf.com.br

Artigo redigido em 30/2/2006

de Nova York o vencimento maio/06 apresentou uma variação positiva de 7,5% em um mês e cerca de 23,0% só neste ano. No mercado futuro de açúcar da BM&F, o comportamento foi semelhante ao das bolsas internacionais, ou seja, com forte elevação de preço para todos os vencimentos.



## ALGODÃO

### Cadeia produtiva pede apoio ao governo

Nos próximos dias os grupos temáticos constituídos no âmbito da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Algodão do Ministério da Agricultura apresentarão propostas de políticas para o algodão, que abrangerá vários aspectos importantes na produção e comercialização do produto. Entre as quais: financiamento, seguro agrícola, operações de apoio à comercialização como PEP, PROP e opções, revisão da legislação de classificação, medidas para a pesquisa e produção de sementes de variedades transgênicas, logística, estímulo ao uso dos novos títulos representativos de produto agrícola principalmente CDA/WA.

O USDA afirma que a China, mesmo com redução estimada da produção, será a principal responsável pelo aumento da demanda mundial, pois o aumento de suas importações está projetado em cerca de 178%. Em 2004/2005 aquele país importou 1.391,3 mil

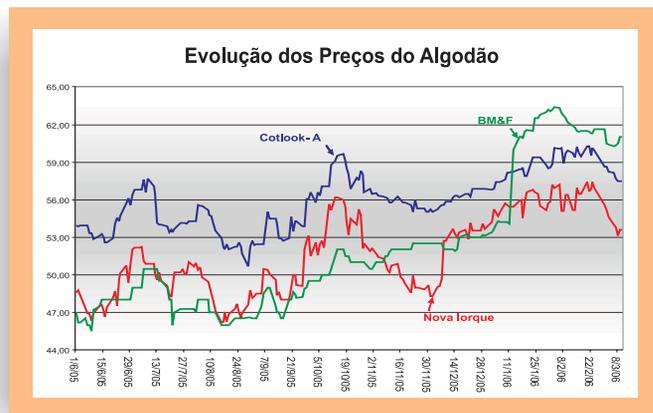
toneladas e para 2005/2006 estão previstas 3.864,7 mil toneladas.

No mercado interno o tipo 41.4, posto São Paulo, para pagamento em oito dias está sendo negociado em torno de R\$ 1,35 / lp. Em 10 de março, as cotações dos contratos futuros de algodão na BM&F fecharam a US\$ 61,05/lp para o vencimento maio/06; US\$ 57,05/lp para julho/06; US\$ 57,95/lp para outubro/06; US\$ 58,85/lp para dezembro/06; US\$ 60,75/lp para março/07; US\$ 61,35/lp para maio/07; US\$ 55,65/lp para julho/07; US\$ 56,15/lp

para outubro/07; e US\$ 57,00/lp para dezembro/07; além das 372 posições em aberto. Os contratos futuros de algodão do primeiro vencimento da BM&F, que foi de US\$ 61,05/lp na Bolsa de Nova York, foram cotados a US\$ 53,62/lp, enquanto o índice A do indicador Cotton Outlook fechou a US\$ 57,50/lp.

Plínio Penteado de Camargo — plinio@bmf.com.br

Artigo redigido em 15/3/2006



## SOJA

### Frete e câmbio interferem na renda do produtor

**N**as últimas semanas os produtores têm estado apreensivos diante da possibilidade de redução de receita no início do período de comercialização, pós-colheita. A valorização do real, que alcançou em 3 de março a taxa de R\$ 2,112/US\$, foi compensada pelo fortalecimento do prêmio de exportação. Na semana finalizada no dia 10 de fevereiro, o prêmio de exportação para embarque em maio de 2006 foi cotado a US\$ 18,3/bushel, enquanto que na semana finalizada em 10 de março o prêmio médio ficou em US\$ 21,6/bushel, alta de 18%. O ritmo de comercialização determinará o comportamento dos prêmios de exportação ao longo do ano, podendo influenciar também as cotações internacionais.

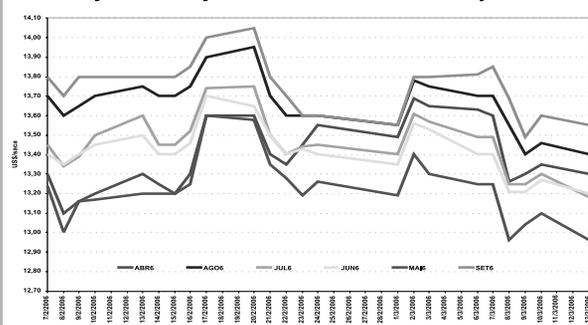
Outro fator que vem alterando a renda dos produtores é a elevação do custo do frete em dólar entre regiões de ori-

gem e portos. O frete de R\$ 8,40/saca entre Rondonópolis e Paranaguá, em março de 2005, equivalia a US\$ 3,1/saca (câmbio de R\$ 2,7/US\$), enquanto que nesse ano equivale a US\$ 3,8/saca.

Em 9 de março, as cotações dos contratos futuros de soja fecharam a US\$ 13,30/saca para abril/06; US\$ 13,04/saca para maio/06; US\$ 13,21/saca para junho/06 e US\$ 13,25/saca para julho/06; US\$ 13,40/saca para agosto/06; US\$ 13,49/saca para

setembro/06 e US\$ 13,75/saca para novembro/06. A média diária de contratos futuros de soja negociados em fevereiro na BM&F foi de 7,8 mil toneladas ou 289 contratos.

Evolução dos Preços Futuros do Contrato de Soja – BM&F



# FENASOJA

40 anos Semeando Bons Negócios

www.fenasoja.com.br

16ª Feira Nacional da Soja

29 de abril a 07 de maio de 2006 • Parque de Exposições • Santa Rosa • Berço Nacional da Soja • RS • Brasil

MILHO

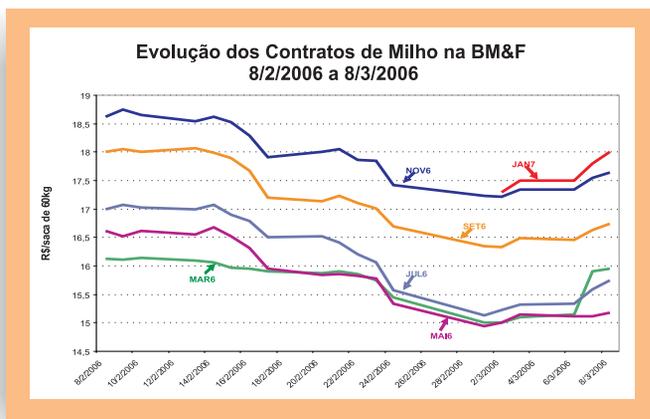
Preço pressionado pelo câmbio e baixa liquidez de exportação

Conforme a safra de verão vem sendo colhida, abre espaço para o plantio da safrinha, que já atingia mais de 35% no final de fevereiro, significando também um ritmo maior que o ano anterior. Estima-se que o Paraná plante 27% a mais que a safra passada e com uma produtividade considerada entre as melhores dos últimos anos. As condições climáticas são favoráveis para o plantio, e segundo meteorologistas, o fenômeno “La Niña”, na época da safrinha, aponta para um outono/inverno com poucas chuvas e temperaturas mais estáveis. Aliado a esses fatos, o mercado exportador de frango sofre uma sensível queda, devido ao alastramento da gripe aviária, e por isso, o consumo de milho sofre redução, refletindo baixos preços à vista e futuro. As exportações de milho ficam prejudicadas pelo câmbio desfavorável, aumentando a oferta do produto no mercado interno. Em 8

de março, os preços do milho no mercado físico fecharam a R\$ 15,45/saca em Paranaguá e a R\$ 15,75/saca em Campinas. As cotações dos contratos futuros de milho na BM&F encerraram-se em 8 de março a R\$ 15,95/saca para o vencimento março/06; R\$ 15,18/saca para maio/06; R\$ 15,74/saca para julho/06, R\$ 16,75/saca para setembro/06; R\$ 17,65/saca para novembro/06; e R\$ 18,00/saca para janeiro/07.

A volatilidade diária do contrato futuro de milho com vencimento em março/06 manteve-se baixa no mês de fevereiro, em média

a 0,5% ao dia. No início do mês de março houve um aumento da volatilidade diária, explicado pela redução de volume de negócios do contrato futuro. Em fevereiro de 2006, o mercado futuro de milho negociou 8.238 contratos, representando uma elevação de 24% em relação ao mesmo período do ano anterior.



CAFÉ

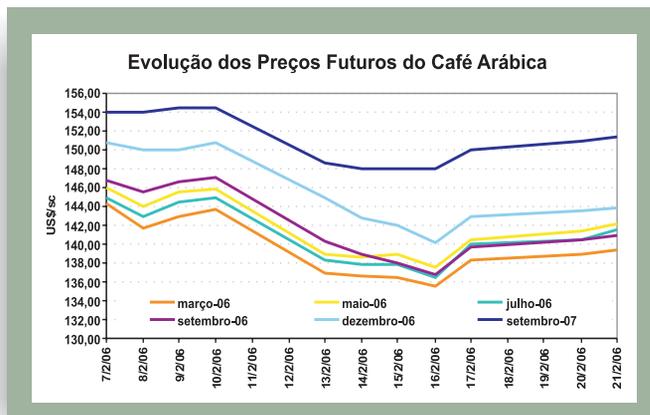
Análise dos mercados físico e futuro

Na análise dos dados referentes ao mercado cafeeiro, percebe-se que, depois de um início de janeiro de alta nos preços, o mercado inverteu e as previsões que eram de alta não se mantiveram. A partir de meados de janeiro e, principalmente, nas últimas semanas de fevereiro, ocorreram fortes quedas nos preços. Vários fatores alicerçavam um panorama de alta para as cotações.

No mercado físico observou-se que a cotação média da saca de 60kg do café arábica – bica corrida, tipo 6, no sul de Minas Gerais – após fechar o mês de janeiro com alta de 7%, acumula queda de 13% em fevereiro, até o dia 21. No mercado futuro, notou-se uma reversão na tendência de alta dos preços do início do ano, tanto nas bolsas internacionais quanto na BM&F. Na Bolsa de Nova York, o primeiro vencimento, após apresentar, em janeiro de 2006, alta de 11%, acumulou em fevereiro, até o dia 21, queda de 6%. Na BM&F, a tendência externa foi segui-

da, com todos os vencimentos, após um janeiro de alta, apresentando queda no mês de fevereiro (até o dia 21), março/06, 4,3%; maio/06, 3,9%; julho/06, 4,1%; setembro/06, 5,5%; dezembro/06, 5,7%; e setembro/07, 3,5%. A volatilidade diária do contrato futuro de vencimento março/06, negociado na BM&F, nas últimas semanas situou-se entre o mínimo 0,81% ao dia, em 27 de janeiro, e o máximo de 2,67% ao dia, em 13 de fevereiro. A volatilidade diária dos preços nas últimas semanas foi influenciada pela queda nas cotações. Se comparado o diferencial de preço entre BM&F e Bolsa de Nova

York, percebe-se que este vem diminuindo. Em fevereiro de 2004, a diferença de preço entre as duas bolsas chegava a US\$ 14,00/lp. Essa diferença se estreitou, e em fevereiro de 2005 chegou a US\$ 8,00/lp, e em fevereiro de 2006 a diferença fechou no pregão do dia 21 a US\$ 4,45/lp.



## ARROZ

### Perdas chegam a R\$ 300 milhões no MT

A exclusão do Mato Grosso no Prêmio de Escoamento do Produto (PEP) para o arroz, anunciado em março, implica em perdas diretas de cerca de R\$ 300 milhões, levando em conta apenas a falta da subvenção que será concedida aos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, os únicos contemplados.

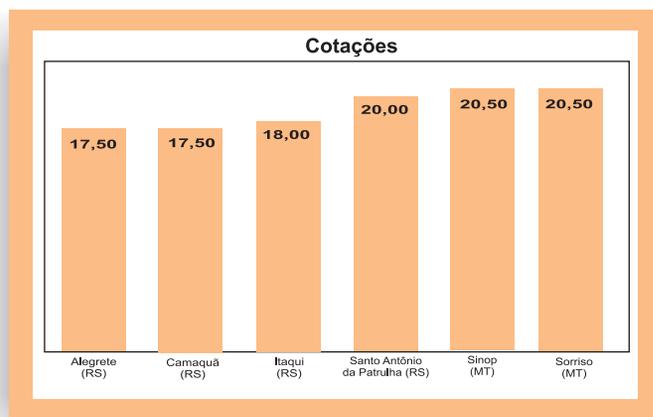
Com isso mais uma polêmica surge entre o setor industrial e orizicultores mato-grossenses. Enquanto quem planta revela que vai faltar arroz para o abastecimento das beneficiadoras, a indústria afirma que, mesmo com queda de mais de 60% na produção estadual, há volume suficiente para manutenção da atividade neste ano. O Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Mato Grosso descarta a possibilidade de desabastecimento e acredita na chegada de novas variedades ao mercado local. Ele destaca que as 150 indústrias mato-grossenses consomem 1,7 mil toneladas de arroz

em casca anualmente.

Já a cadeia orizícola gaúcha desaprovou o valor do prêmio do leilão de PEP, uma vez que os produtores esperavam que o governo atribuisse entre R\$ 7,00 e R\$ 8,00 por saca, mas o divulgado foi R\$ 5,00. O presidente da Federarroz, Valter Pötter, afirma que o prêmio ficou aquém não só das expectativas, mas da necessidade real do produtor. “Esse valor não fecha a conta de R\$ 22,00 a saca na origem”, coloca. Para ele, os R\$ 5,00 propostos soam como uma desconsideração da União com o setor, que solicitou apoio

para a recuperação do grão.

No Rio Grande do Sul a produtividade média do arroz será de 6.072 quilos por hectare. Esses números constam do levantamento das culturas realizado pela Emater/RS - Ascar e projetam uma produção total de 6,077 milhões de toneladas para a safra 2005/2006.



## SUÍNO

### Exportadores à espera do fim do embargo

A epidemia de gripe aviária que surgiu na Ásia e se alastrou até a África pode favorecer as exportações de carnes suínas em Santa Catarina. A avaliação foi feita pelo vice-presidente da Federação da Agricultura do Estado de Santa Catarina (Faesc), Enori Barbieri. “A tendência natural é a substituição do frango pelo suíno nos países onde a doença já chegou. O medo da vaca louca nos Estados Unidos e a gripe na Europa devem favorecer a carne suína”, acredita Barbieri.

No Rio Grande do Sul os preços do quilo do suíno vivo seguem em queda. Estão todos a espera da reabertura do mercado russo, que vai permitir aos frigoríficos o escoamento de seus estoques. Com isso, deve provocar uma reversão na tendência dos preços, mas é bom lembrar que mesmo antes do embargo russo, os preços da carne suína já vinham perdendo sustentação, devido ao aumen-

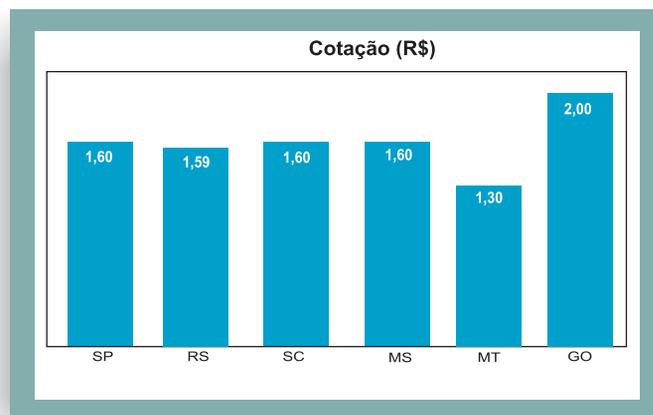
to da oferta. Porém, apesar da queda dos preços que se verificou, o resultado econômico da atividade ainda é considerado satisfatório, devido aos baixos preços do milho e do farelo de soja, principais insumos empregados na alimentação dos animais.

As integradoras estão pagando entre R\$ 1,55 e R\$ 1,70/kg vivo, mas os frigoríficos independentes pagam entre R\$ 1,80 e R\$ 2,00/kg vivo.

Em fevereiro último o Brasil exportou 34,8 mil toneladas de carne suína “in natura”, 2% mais que o volume embarcado em janeiro, de 34,1

mil toneladas. Mas na comparação com o mesmo período de 2005, quando 39,8 mil toneladas foram exportadas, os embarques caíram 12,5%.

A receita cambial das exportações aumentou 2% em fevereiro para US\$ 65,3 milhões, ante US\$ 64 milhões em janeiro.



## Montana abre **FILIAL** de pulverizadores

**E**m 9 de março, a Montana Indústria de Máquinas inaugurou sua primeira filial fabril, uma nova fábrica de pulverizadores, na cidade de Fraiburgo/SC, a 300 km de sua matriz em São Jose dos Pinhais/PR. Fraiburgo é um dos pontos estratégicos da fruticultura brasileira. Foi escolhida também porque, sob o ponto de vista logístico, para a distribuição das turbinas, a localização é privilegiada. A Montana já fabricava esses produtos no Paraná e, agora, 100% da linha está sendo transferida para Santa Catarina.

Toda a carteira de clientes de pulverizadores tipo turbo da Montana será atendida pela nova fábrica, o que garantirá auto-sustentação para a nova unidade desde sua inauguração. O retorno está estimado em um ano, pois a transferência de linha foi modular, e a fábrica já começa a operar no mesmo ritmo e intensidade que apresentava na matriz. Com esta operação, a Montana pretende dobrar sua participação no mercado de turbinas em



Divulgação

3 anos. Foram investidos no empreendimento em torno de R\$ 1 milhão para a implantação da fábrica, que começou a operar no dia 7 de março, com empregados selecionados na própria região e treinados na Montana. Neste primeiro semestre, vai gerar cerca de 90 empregos indiretos e o envolvimento de 120 fornecedores. Segundo Gilberto Zancopé, presidente da Montana, “a parceria com a prefeitura municipal de Fraiburgo permitiu este passo, ousado, porém altamente racional, pois exigiu muito mais criatividade no aproveitamento dos recursos, que a empresa já dispunha, do que grandes investimentos financeiros, impensáveis na atual conjuntura do País”.

## Presidente da C.Vale é cidadão **HONORÁRIO** do Paraná

**O** presidente da cooperativa C.Vale, Alfredo Lang (foto), recebeu da Assembleia Legislativa do Estado o título de cidadão honorário do Paraná. Lang agradeceu a homenagem e destacou que o processo de agregação de valor à produção primária gera alternativas de renda ao produtor e cria empregos. Ele revelou que o abatedouro de frangos da cooperativa emprega trabalhadores de 16

municípios paranaenses.

O presidente da C.Vale fez uma projeção sobre a criação de empregos, levando em conta a ampliação do abate para 300 mil aves/dia. O ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, enviou mensagem em vídeo elogiando o novo cidadão honorário do Paraná. “Lang é um exemplo do que deve ser um cooperativista moderno: correto, empreendedor arrojado, atento



Divulgação

às demandas do mercado e preocupado permanentemente com a profissionalização da gestão e dos cooperados”, declarou”.

## **PICAPES**

**A** grafia correta do nome do proprietário da picape Ford Ranger entrevistado da reportagem “Conforto e Praticidade de Primeira Classe” na edição 688 é Walter Tessmann.



Divulgação

## Sipcam Agro **INAUGURA** fábrica em Uberaba/MG

**A** Sipcam Agro, braço do grupo italiano Sipcam-Oxon, com sede em Milão, na Itália, reforça investimentos no Brasil e espera recuperação nas vendas de defensivos agrícolas já neste ano. Entre julho e agosto, a empresa inaugura sua segunda fábrica no País, que está recebendo investimentos de R\$ 25 milhões, sendo R\$ 12 milhões do valor financiado pelo Programa Estadual de Modernização da Indústria via Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) e R\$ 8 milhões financiado pelo Financiamento de Máquinas e Equipamentos (Finame), através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A nova unidade, que funcionará no complexo de Uberaba/MG, produzirá defensivos com a marca da própria empresa e terá capacidade para 3 mil toneladas por ano. Com isso, a capacidade total da empresa no Brasil subirá para 30 mil toneladas ao ano, de acordo com Fernando Rotondo (foto), diretor superintendente. “A companhia aposta em novas linhas de defensivos para alavancar as vendas”, diz Rotondo. Segundo ele, a Sipcam reduziu seus custos de produção entre 16% e 20% em relação a 2004 e renegociou os estoques nas revendedoras para reduzir as perdas em 2005. Ele projeta para este ano receita próxima a R\$ 250 milhões, ante R\$ 200 milhões no ano passado.



Divulgação

## COLHEITA de arroz no RS traz novidades

**N**o dia 5 de março foi aberta oficialmente a colheita de arroz no Rio Grande do Sul, o maior produtor do cereal no País. O palco escolhido foi uma lavoura de 70 hectares do Grupo Pitangueira, de Itaqui, na fronteira brasileira com a Argentina. Os primeiros grãos colhidos homenagearam o município - um dos maiores produtores do Estado - e o trabalho desenvolvido desde 1975 por Pedro Monteiro Lopes (foto), proprietário da fazenda. Hoje, o rendimento médio de suas lavouras é uma dos maiores do Estado (8,5 quilos por hectare), enquanto a média estadual é de 5,5 mil quilos por hectare. A produção anual da Pitangueira é de 30 mil toneladas de arroz.

O local do evento foi devidamente preparado, contando com completa infraestrutura para os visitantes e autoridades. A escolha da lavoura do Grupo Pitangueira para abrir oficialmente a colheita de arroz se deu pelo alto padrão de qualidade, pela data da colheita e pela infra-



A Granja

estrutura oferecida.

A 16ª Abertura Oficial da Colheita do Arroz apresentou algumas decisões importantes para o setor produtivo e uma nova estratégia de negociação. O governador em exercício do Rio Grande do Sul, Antônio Hohlfeldt, a Federação das Associações de Arrozeiros (Federarroz) e a Federação da Agricultura (Farsul) fizeram um pacto para aumentar a pressão sobre o governo federal em busca de soluções para estes problemas e abriram uma trégua quanto à Lei Estadual 12.427/2006, a “Lei

Goergen”, que determina a pesagem e testes para resíduos tóxicos no arroz do Mercosul, criando uma barreira fitossanitária nas fronteiras gaúchas.

O governador em exercício anunciou que não assinará nem encaminhará a Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) contra a lei promulgada

pela Câmara Federal, até que haja uma manifestação formal do Ministério das Relações Exteriores sobre o assunto. Hohlfeldt também assumiu o compromisso de se somar aos produtores na pressão ao governo federal para negociar os principais itens da pauta da safra 2005/06. Em contrapartida, Federarroz e a Farsul assumiram o compromisso de não realizar protestos de bloqueio aos produtos agrícolas na fronteira com Uruguai e Argentina.

## Cheminova investe em novo **PRODUTO**

**O** Warrant, marca exclusiva da Cheminova, começa a ser comercializado no segundo semestre no Brasil. O produto é constituído pelo princípio ativo Imidacloprid pertencente ao grupo dos inseticidas neonicotinóides, cujas principais características são as excelentes propriedades sistêmicas e baixas doses de aplicação e a longa atividade residual. “O Imidacloprid é indicado globalmente para mais de 140

tipos de cultivos, contudo Warrant será recomendado principalmente para as culturas de hortifrutigranjeiros, arroz, citros, algodão, entre outras”, afirma Hugo Nielsen, diretor de Marketing e Supply Chain da Cheminova.

Atualmente a Cheminova é uma das líderes mundiais no mercado de inseticidas organofosforados, produz o glifosato, o herbicida mais vendido no mundo e é proprietária dos fungicidas Impact e Impact DUO, dois produtos para o controle das principais doenças da soja. A maior parte

dos defensivos agrícolas comercializados pela empresa é produzida na fábrica em Lemvig, na Dinamarca. Todos os processos produtivos das fábricas da Cheminova são desenvolvidos nos laboratórios da empresa e testados em plantas-piloto. “Um dos fatores de competitividade da Cheminova é justamente o fato de desenvolver internamente todo o processo produtivo de cada um de seus produtos”, diz Nielsen.

## ANOTE AÍ

*Nos dias 10 e 11 de abril a Kepler Weber realiza mais uma etapa do curso de operação e manutenção de equipamentos de armazenagem de grãos. A ação integra o pacote de produtos e serviços de pós-venda da empresa, com o objetivo de dar apoio e segurança aos clientes. Nesta data o curso acontece na cidade de Campo Grande/MS. Informações no telefone (51) 3361.9600.*

*De 26 a 28 de abril acontece o II Congresso Brasileiro da Cadeia Produtiva de Arroz e 8ª Reunião Nacional da Pesquisa de Arroz (Renapa). O evento será realizado na Embrapa Sede, em Brasília/DF. A programação incluirá conferências e painéis focados em temas relevantes à pesquisa, produção, mercado, indústria e consumo de arroz. Informações (62) 3533-2110.*

*Entre os dias 4 e 7 de junho acontece o Congresso Brasileiro de Agricultura de Precisão (ConBAP), no Hotel Fonte Colina Verde, em São Pedro/SP. O ConBAP 2006 deverá ser estruturado de forma a haver um espaço para as atividades técnico-científicas, com apresentação de trabalhos orais e de pôsteres. Mas também haverá uma programação intensa envolvendo os usuários e os agentes viabilizadores de todo o processo, que são as empresas de produtos e serviços ligados direta ou indiretamente à agricultura de precisão. Haverá uma série de painéis com a presença de usuários e especialistas e também um espaço para estandes. Informações no telefone (19) 3417.6600.*

## VARIETADES de cebola híbridas

A Agristar do Brasil, por meio de sua divisão Topseed Premium, disponibiliza ao mercado quatro novas variedades de cebola híbridas, desenvolvidas e indicadas para atender as necessidades dos produtores de todo País. São elas: Antares F1, Andrômeda F1, Aquarius F1 e Rodeo F1. “Com o lançamento desses híbridos, a Agristar pretende colocar à disposição de toda a cadeia produtiva da horticultura (produtores, compradores, consumidores) cultivares de alta qualidade e de ampla adaptação às diversas condições e épocas de plantio”, explica Fernando Marçon, gerente da divisão Topseed Premium.



Divulgação

As novidades da Agristar se encaixam perfeitamente no perfil atual da cadeia produtiva da cebola no Brasil. A produção, para se ter idéia, cresceu 71,8% nos últimos 25 anos, passando de 695 mil toneladas para 1,19 milhão de toneladas, segundo estatísticas da Embrapa Hortaliças. Nesse mesmo período, a produtividade aumentou 69% (de 10,6 toneladas por hectare para 17,5 toneladas/hectare). A área de plantio pouco evoluiu, com crescimento de 1,75%.

## Soluções para o mercado de ENERGIA

Durante a 4ª edição da Feicana, realizada de 14 a 16 de março em Araçatuba/SP, a Basf apresentou sua linha de produtos para o setor sucroalcooleiro e biodiesel. Além de fornecer soluções para o combate às ervas daninhas, doenças e pragas na cultura da cana-de-açúcar, a empresa oferece catalisadores (alcoólatos) e aditivos, indispensáveis para a produção do biodiesel, além de corantes, marcadores e biocidas, utilizados nos combustíveis.

Os destaques da Feicana foram o inseticida Regent 800 WG e os herbicidas Plateau e Contain, que atacam com eficiência pragas e plantas daninhas. O Regent 800 WG, que combate eficazmente cupins, tem uma ação prolongada, protegendo a cana durante todo o seu ciclo com apenas uma única aplicação. O Contain que, juntamente com o Plateau, é utilizado na desinfestação de plantas daninhas no plantio da cana-de-açúcar e canais de vinhaça.

## O mercado de FLORES tropicais

A produção de flores no Brasil foi, até pouco tempo, uma atividade notadamente restrita aos estados do Sudeste. Mas, com um potencial de mercado interno de mais de 150 milhões de consumidores e um mercado internacional que movimenta US\$ 9 bilhões por ano, a floricultura vem ampliando suas fronteiras e alavancando a economia de outras regiões, como o Nordeste. Só o estado do Ceará passou em poucos anos de grande consumidor de espécies importadas ao maior exportador brasileiro de rosas e flores tropicais.

Para auxiliar os produtores de flores tropicais do País e fomentar este crescente mercado, a Embrapa

Informação Tecnológica (Brasília/DF), promoveu na 19ª Bienal do Livro, o debate ‘A pesquisa e o agronegócio flores no Brasil’. Durante o debate, os editores técnicos da obra apresentaram os avanços da pesquisa com flores tropicais no Brasil. A Embrapa Agroindústria Tropical tem contribuído decisivamente na seleção, melhoramento e desenvolvimento de novas variedades de flores tropicais, por meio das pesquisas para propagação, pós-colheita, sistemas de produção e identificação de pragas e doenças. É a tecnologia ajudando a garantir mais qualidade, beleza, exotismo, cor e perfume às flores brasileiras.



Divulgação

## Isla: 74% de produção NACIONAL

A Isla alcançou um recorde em 2005: 74% das vendas da empresa no ano passado foram de sementes produzidas pela Isla aqui no Brasil. Apenas 26% das vendas foram de sementes importadas. O resultado segue a trajetória ascendente da participação de sementes de produção nacional na comparação com a importada. Nos últimos oito anos, essa relação cresceu 40%. O número de cultivares que a Isla consegue produzir no Brasil também subiu. Em 1985, produzia 25 cultivares. Hoje, das 389 cultivares do seu catálogo, já consegue produzir no País, 228.



Divulgação

## PLANTADEIRA para terrenos difíceis

A Série 1100, uma nova linha de plantadeiras projetada para trabalhar com precisão e alto rendimento em solos úmidos, argilosos, com grande quantidade de palhada ou com declividade acentuada, é o mais novo lançamento da



Divulgação

John Deere, em três modelos: para 7, 9 e 11 linhas de plantio. As novas plantadeiras têm várias características inovadoras, que permitem fazer o plantio com alta qualidade e velocidade em terrenos com condições adversas. Resistência, simplicidade de operação e uniformidade de distribuição de sementes e de adubo são outras características oferecidas pela série 1100.

**John Deere — Avenida Engenheiro Jorge A. D. Logemann, 600, Distrito Industrial, CEP 98920-000, Horizontina/RS. Fone (55) 3537-5000.**

## Carreta plataforma para TRANSPORTE



Divulgação

A Planti Center apresenta sua nova carreta plataforma para transporte, em cinco diferentes modelos. O equipamento é destinado ao uso agrícola pro-

jetado para o transporte de máquinas agrícolas (plantadeiras), além de outras. A carreta possui plataforma com um vão livre que vai de 5 a 9 m. O sistema hidráulico da carreta é acionado através do comando hidráulico do trator. Possui barras de direção, garantindo uma perfeita manobralidade.

**Planti Center — Avenida Montreal, 43, Jardim Panorama, CEP 87113-220, Sarandi/PR. Fone (44) 3264-1431.**

## SEMEADORA para trigo

A KF está colocando no mercado a 2300 TG - A, máquina de 23 linhas para trigo, com sistema pantográfico individual, linhas desencontradas dispostas em um duplo chassi, proporcionando maior estabilidade no plantio em diversos tipos de solo e palhadas. Foi desenvolvida com sistema de chassi duplo para proporcionar maior desencontro entre linhas e facilitar o fluxo de restevras no plantio. Suas linhas são independentes e pantográficas, formadas por discos defasados de 15 x 15 polegadas, ajustáveis a diversos tipos de desníveis de solo. Possui caixas de adubo em polietileno, condutores de adubo de manga sanfonada, condutores de semente do tipo telescópio, distribuição de sementes através de rotor em polipropileno ou como opcional de aço he-

licoidal. Espaçamento entre linhas de 17 cm, curso de linha pantográfico de 380 milímetros e distribuição de adubo por rosca sem fim.

**Ind. de Máquinas e Implementos Agrícolas KF Ltda — Rua Costa e Silva, 550, Cândido Godói/RS, CEP 98970-000. Fone (55) 3548-1312.**



Divulgação

## Nova barra de LUZES



Divulgação

Acaba de entrar no mercado o CenterLine® 220, um sistema de guia GPS versátil e simples para todo o tipo de operação de

campo. O CenterLine 220 é uma solução compacta e econômica para os agricultores, oferecendo dois modos de operação – em linha reta (paralelo) e em curva AB. A ampla tela gráfica do equipamento mostra claramente a direção e a distância de desvio, assim como o número da faixa, a velocidade, o modo de guia selecionado e se um ponto de retorno foi armazenado. O produto foi desenhado para ser transportado facilmente de um veículo a outro.

**Teejet — Avenida João Paulo Ablas, 287, CEP 06711-250, Cotia/SP. Fone (11) 4612-0049. Site: www.teejet.com**

## Nova linha CARGO da Ford

A Ford Caminhões está lançando a Linha Cargo 2006, com nove novos modelos, que completam a introdução de motores eletrônicos em toda a gama de veículos. Há cinco modelos traçados (com tração 6x4) para serviço pesado. O C-2628e, por exemplo, oferece PBT técnico de 26.200 kg, com capacidade máxima de tração de 42.000 kg. É equipado com o novo e exclusivo motor eletrônico Cummins Interact 6, com 275 cv de potência. A nova motorização oferece melhor desempenho, mesmo com o caminhão carregado, sem prejudicar o consumo de combustível.

**Ford — Avenida Taboão, 899, CEP 09655-900, São Bernardo do Campo/SP. Fone 0800703-3673.**



Divulgação

# AGRO PORTUNIDADES

Para visualizar os currículos completos, acesse [www.agranja.com](http://www.agranja.com) no link *curriculum*

## Estágios / Empregos

Os currículos estão dispostos da seguinte forma:

- ▶ Nome
- ▶ Área de atuação/Localidade de atuação
- ▶ Endereço do currículo completo

### Procuram

- ▶ FELIPE FERREIRA LEVIEN  
**Agronomia/RS**  
[www.agranja.com/cv/cv77.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv77.pdf)
- ▶ TICIANA FERNADES DIAS  
**Técnico Agrícola e Técnico Florestal/SP**  
[www.agranja.com/cv/cv76.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv76.pdf)
- ▶ JORGE AUGUSTO BENETÃO

**Técnico Agrícola/PR, SP**  
[www.agranja.com/cv/cv73.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv73.pdf)

▶ CAMILA PELIGRINOTTI  
**TAROUCO**  
**Graduada em Agronomia/RS**

[www.agranja.com/cv/cv71.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv71.pdf)

▶ CELSO FERNANDO BOLONHA  
**Técnico em Agropecuária/PR, MS**

[www.agranja.com/cv/cv70.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv70.pdf)

▶ LUCAS PRUDENTE CORRÊA

**Graduado em Agronomia/Todo Brasil**

[www.agranja.com/cv/cv69.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv69.pdf)

▶ DAYANE CRISTINA ROSA

DE ALMEIDA  
**Técnico Secagem e Armazenamento de Grãos e Sementes/MT**

[www.agranja.com/cv/cv68.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv68.pdf)

▶ RAQUEL ALBUQUERQUE SOUZA  
**Engenharia Florestal (concluído)/SP**

[www.agranja.com/cv/cv67.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv67.pdf)

▶ DION REBERT COSTA  
**Técnico em Agropecuária/GO**

[www.agranja.com/cv/cv66.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv66.pdf)

▶ PAULO DENIS MENEGAT  
**Tecnologia**

**Agrozootécnica/RS**  
[www.agranja.com/cv/cv65.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv65.pdf)

▶ MATEUS MARQUES BUENO  
**Engenharia Agrícola e Ambiental (5º Período)/MG**

[www.agranja.com/cv/cv64.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv64.pdf)

▶ DANIELLE CRISTINA TAQUES AMORIM

**Tecnologia de Alimentos/MT**

[www.agranja.com/cv/cv63.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv63.pdf)

▶ JOEL GILVANI KUNRATH  
**Técnico Agrícola/MG, MS, SP**

[www.agranja.com/cv/cv61.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv61.pdf)

▶ MAURICIO FERRONATO  
**Técnico Agrícola/RS**

[www.agranja.com/cv/cv60.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv60.pdf)

▶ MOISÉS EVANDRO KUSSLER

**Técnico em Agropecuária - Agronomia/Região Sul do Brasil**

[www.agranja.com/cv/cv59.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv59.pdf)

▶ DÊNIS DE LIMA CORREIA

**Agronomia/MG**

[www.agranja.com/cv/cv57.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv57.pdf)

▶ NATÁLIA ZARDO  
**Técnica Agrícola (concluído)/RS**

[www.agranja.com/cv/cv56.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv56.pdf)

▶ JULIANO ROBERTO BERNARDI

**Técnico em Agropecuária/RS**

[www.agranja.com/cv/cv55.pdf](http://www.agranja.com/cv/cv55.pdf)

Para incluir seu currículo ou anunciar ofertas de empregos ou estágios, contate [marcelo@agranja.com](mailto:marcelo@agranja.com) (área restrita a assinantes)



### Módulos

- Economia Rural
- Análise e Gestão de Cadeias Produtivas
- Comercialização e Marketing no Agronegócio
- Contabilidade no Agronegócio
- Projetos de Investimentos em Agronegócios

PUCRS VIRTUAL fones:  
+55 (51) 3320.3651

[ead@pucrs.br](mailto:ead@pucrs.br)

<http://cursos.ead.pucrs.br/agronegocios/folder/>





## FIQUE LIGADO

### Irrigação e Drenagem nas Culturas

O Brasil apresenta um potencial para expansão do agronegócio alicerçado em um clima diversificado, volumes de chuvas satisfatórios, energia solar abundante, possui em torno de 13% da água doce do planeta, além da possibilidade de expansão da área agricultável em mais de 90 milhões de ha, sendo destes 30 milhões de ha irrigáveis, sem prejuízos ao meio ambiente. Associamos a estes fatos os incrementos tecnológicos gerados na área de produção vegetal nas duas últimas décadas, com o avanço da engenharia genética e especialmente a área de melhoramento de plantas, nos apresentando materiais cada vez mais produtivos e resistentes a pragas, doenças e condições adversas do meio. Restava ainda como fator limitante de produção a disponibilidade hídrica que, em nosso País, mesmo com as abundantes chuvas e com volumes satisfatórios de precipitação, geravam deficiências significativas, acarretando baixas produtividades. A tecnologia da irrigação é hoje absolutamente necessária para que se possa cogitar a obtenção de níveis potenciais de produtividade dos cultivos agrícolas. Paralelo à necessidade cada vez mais freqüente do uso de irrigação como ferramenta de produção surgiram a Agência Nacional de Águas (ANA) e os Conselhos Regionais de Recursos Hídricos (CRH), que estão regulamentando o uso da água pelos diversos setores da sociedade, entre eles a agricultura e a pecuária. Assim, a organização de Comitês de Bacias tem possibilitado ao setor produtivo opinar sobre a gestão dos recursos hídricos do setor onde estão inseridos.

No Brasil a área irrigada perfaz apenas 6% da área cultivada, mas é uma tecnologia que mais tem contribuído com os expressivos índices de produtividade que estamos alcançando. Este fato aponta a irrigação como ferramenta de verticalização do aumento de produção. Esta tecnologia apresenta-se como uma excelente área de trabalho, pois não atenderemos a demanda mundial de produção de alimentos através da ampliação da área física cultivada, que em muitos países já não é mais possível.

A valorização do profissional que atua na área de Irrigação e Drenagem ocorreu nas últimas duas décadas quando irrigar com eficiência passou a ser importante, em função do aspecto de uso racional do recurso hídrico e energético, fator fundamental para sucesso do empreendimento a nível econômico e ambiental. Hoje tratamos a Irrigação e Drenagem com profissionalismo, buscando sistemas eficientes de captação, condução e distribuição. Não se faz mais "molhação" e sim "irrigação", dando-se importância a aspectos que até pouco tempo atrás não eram tão importantes como a resposta às questões: Quanto irrigar? Quando irrigar e Como irrigar?

*Profª Luciana Marini Kopp, Me. Engenharia Agrícola - Irrigação e Drenagem, coordenadora do Curso de Agronomia da PUCRS*

*Prof. Carlos Fernando Toescher, Me. Engenharia Agrícola - Irrigação e Drenagem, coordenador do Curso de Especialização em Produção de Arroz Irrigado da PUCRS*

## AGENDA

### Simpósio de Nitrogênio e Enxofre na Agricultura 17 a 19 de abril de 2006

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ - USP)  
LOCAL: Pavilhão da Engenharia da ESALQ/USP, em Piracicaba/SP  
PÚBLICO-ALVO: Pesquisadores, Engenheiros Agrônomos, Técnicos Agrícolas, Estudantes, Produtores e demais técnicos interessados no tema.  
INSCRIÇÃO E INFORMAÇÃO: Maria Eugênea (FEALQ)  
Avenida Centenário, 1080 - Bairro São Dimas  
CEP 13416-000, Piracicaba/SP - Fone: (19) 3417-6604 / FEALQ  
site: <http://www.fealq.org.br>  
Sílvia (GAPE) Fones: (19) 3417-2138 / 3417-2104 / GAPE  
site: <http://www.gape.esalq.usp.br>

### I Seminário de Aviação Agrícola no Distrito Federal 05 de Maio de 2006

Palestras e Demonstração de Vôos  
INSCRIÇÕES e INFORMAÇÕES  
Prof. Adilson Jayme de Oliveira  
Coordenador do Curso de Agronomia Campus II  
Fazenda Lagoa Bonita, BR 020  
Km 12, DF 335, Km 4,8 - Planaltina/DF  
Fone: (61) 3488-9909

### II SIMCIAGRI II SIMPÓSIO de Ciências Agrárias da UPIS 08 a 12 de maio de 2006

Para os cursos de Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia  
INSCRIÇÕES e INFORMAÇÕES  
Prof. Adilson Jayme de Oliveira  
Coordenador do Curso de Agronomia Campus II  
Fazenda Lagoa Bonita, BR 020  
Km 12, DF 335, Km 4,8 - Planaltina/DF  
Fones: (61) 3488-9909 ou (61) 3488-9907

### II Simpósio do Agronegócio de Plantas Oleaginosas Matérias-Primas para Biodiesel 09 e 10 de Maio de 2006

Departamento de Produção Vegetal  
Prof. Dr. Gil Miguel de Sousa Câmara  
Eng. Agrônoma Lília Sichmann Heiffig  
LOCAL: Anfiteatro do Pavilhão de Engenharia da ESALQ / USP  
INFORMAÇÕES: Maria Eugênea  
Fone: (19) 3417-6604 / Fax: (19) 3422-2755  
internet: [www.fealq.org.br](http://www.fealq.org.br) e-mail: [cct@fealq.org.br](mailto:cct@fealq.org.br)

### 3º CURSO DE GPS DE NAVEGAÇÃO NA AGROPECUÁRIA 26 e 27 de maio de 2006

LOCAL: Central de Aulas FCAV - Unesp, Jaboticabal/SP e Coleta de Dados no Campus da Unesp, Jaboticabal/SP  
INSCRIÇÕES e INFORMAÇÕES  
E-mail: [eventos@ffunep.fcav.unesp.br](mailto:eventos@ffunep.fcav.unesp.br)  
Fone: (16) 3209-1300 / FAX: (16) 3209-1301

# ClassiRural

Anuncie fácil pela internet pelo valor de R\$ 70,00  
até 150 caracteres - [classi@agranja.com](mailto:classi@agranja.com)

Ligue para anunciar: (51) 3232-2288 - [www.agranja.com](http://www.agranja.com)

## AGROPECUÁRIAS

Agropecuária Santa Rita. Integração Agricultura / Pecuária / Confinamento / Compra de animais cruzados sobreano. Tratar com Henrique Leonardi (Zootecnista) pelo fone: (45) 9113-1001. Toledo/PR.

Boa Vista Armazéns. Fone: (63) 3354-0236 Av. Perimetral, 723, Cristolândia/TO.

Ferticana Comércio e Representação Ltda. Vende-se produtos agropecuários. Tratar pelo fone (66) 3478-1980. Canarana/MT.

MC de Oliveira. Vende-se Cachaça à granel. Cachaça artesanal de Minas. Rua Osvaldo Cruz, 353 bairro: Cidade Nobre Tratar com sr. Milton pelo fone: (31) 3821-1295. Ipatinga/MG.

Rações Nordeste Mais Leite Mais Lucro. Av. Governador Muniz Falcão, 600. Fone: (82) 3531-1138 e (82) 3531-1225, Batalha/AL.

Rural Técnica. Vende-se produtos agropecuários, rações, medicamentos, ferragens e etc. Tratar com sr. José pelo fone: (61) 3621-2125. Endereço: Av Juventino Rodrigues, quadra 14 lote 1/04 e 23, Vila Juraci. Luziânia/GO.

## AGROVETERINARIAS

Agroveterinária Tarumã. Trabalhamos com todos os laboratórios. Av Maurício Cardoso, 155. Fone: (53) 3257-1379 e-mail: [marcelo@supersul.com.br](mailto:marcelo@supersul.com.br) Piratini/RS.

## ANIMAIS

Cabanha Ponche Verde. Comercializamos Gado Charolês Mocho, Ovinos Hampshire Down (Linhagem Neozelandesa). Tr. c/sr. Jair pelos fones: (49) 3544-0561 ou (49) 9996-5612. Campos Novos/SC.

Escritório Rodeio Ltda. Compra e venda de bovinos. Rua Leonel Machado, 133. Fone: (49) 3233-1135. São Joaquim/RS.

Fazenda Davida Avestruz. Venda permanente de avestruz para reprodução e abate. Tratar com o sr. Adilson pelo fone

**Vida Nova**  
[www.tintasrecicladadas.com.br](http://www.tintasrecicladadas.com.br)

100% Qualidade  
60% Economia

TINTA P/ FAZENDAS E GALPÕES

**✓ Baixo Custo**

**✓ Impermeabilizante**

**✓ Alta Durabilidade**

**✓ Todas as Cores**

**✓ Direto da Fábrica**

(11) 6488-8382

(11) 6488-0509

[vendas@tintasrecicladadas.com.br](http://vendas@tintasrecicladadas.com.br)

(71) 8802-7114. Salvador/BA.

Fazenda Vacaquá Ventres e touros gado Galloway o "Angus faixa branca" a raça mais bonita do mundo. Fone: (55) 3231-2000 e-mail: [vacaqua@terra.com.br](mailto:vacaqua@terra.com.br). Rosário do Sul/RS.

Fazenda Brejaúba. Venda de touro Nelore PO tratar com sr. Osvaldo Fone: (34) 9962-6049. Ituiutaba/MG.

Fazenda Ipiranga Criação de Gado de Corte - Compra e venda de Bezerras. Tratar com sr. Guilherme pelos fones: (91) 9626-2080 ou (91) 9166-8233, e-mail: [lgrocha@interconnect.com.br](mailto:lgrocha@interconnect.com.br) Ipiriúna/PA.

Vende-se Touros e Garrotes Canchim Registrados. Tratar com sr. Francisco pelos fones: (43) 3557-6924 ou (41) 9996-0577 e-mail: [fidofontana@onda.com.br](mailto:fidofontana@onda.com.br) Jaguariava/PR.

Wilson Roberto Martins e Outros. Estância Ventania. Criamos Gado Brahman de elite. Comercializamos tourinhos, matrizes e prenhezes. A/C. Sr. Wilson pelo fone: (16) 9112-6060. São Carlos/SP.

## AVIAÇÃO AGRÍCOLA

Aero Agrícola Santos Dumont Ltda. Aplicações Aéreas, Ofici-

**BRASTÉCNICA**

APARELHO ULTRA-SÔNICO

**RATOS E MORCEGOS**  
**Acabe com o problema**

Aparelho com tecnologia japonesa sem similar no Brasil. Disponível em quatro modelos para proteção em áreas de 150, 300, 700 e 1.400 m<sup>2</sup>.

[www.brastecnica.com.br](http://www.brastecnica.com.br)

Brastécnica Instrumentação Industrial e Científica Ltda. - Fones: (035) 3292-1889 - 3291-2805 / Fax: 3292-1320  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 860 B - Centro - CEP37130-000 - Cx. Postal 101 - Alfenas/MG - [btc@brastecnica.com.br](mailto:btc@brastecnica.com.br)

na de Aeronaves, Cursos CA-VAG e CCAA, Vendas de Aeronaves. Fone: (51) 3723-7000 Site: [www.aviacaoagricola.com.br](http://www.aviacaoagricola.com.br) Cachoeira do Sul/RS.

Aviação Agrícola Gaivota Ltda. Proprietários Fernando e Marcos Morandi. Ativa em todo Brasil no ramo de pulverização, semeadura, adubação aérea e combate a incêndio. A empresa possui cinco aeronaves turbohélices, sendo a maior com capacidade para 2800 litros. Fones para contato: (43) 3273-1452 Paraná; (65) 3383-1454 Mato Grosso e (69) 3321-1099 em Rondônia.

Aviopeças Comércio Aeronáutico Ltda. Revenda de produtos Spraying Systems e vendas de aeronaves agrícolas e comerciais. Representante Air-Tractor para o Brasil. Rua: Major Caetano da Costa, 176 Fone/Fax: (11) 6221-2665, e-mail: [jeroni@terra.com.br](mailto:jeroni@terra.com.br) São Paulo/SP.

Brisa Aviação Agrícola Ltda. Serviço especializado e proteção à lavoura. Fone (54) 3383-1246. Espumoso/RS.

Nativa Aviação Agrícola Ltda. Rua Coronel Julio Pereira dos Santos, 502 Fone: (55) 3781-1819. Santo Agostinho/RS  
Palmares Aviação Agrícola Ltda. Proteção à lavoura. Tratar com o Engº Agr. Telmo Dutra pelos fones (99) 3542-1213 ou (55) 9971-2318. Balsas/MA.

## COMPLEMENTAÇÃO NUTRICIONAL

Prêmio Nutrição Animal Ltda.

Sais minerais, proteinados, concentrados para a engorda em confinamento e semi-confinamento e concentrados para bovino de leite. Herbicida para pastagem e assistência técnica no campo. Fone: (64) 3665-1940 Rodovia GO 060 Br 168 Setor Eldorado, Piranhas/GO.

## CONTROLE BIOLÓGICO

Empresa Caxiense de controle Biológico. Rua Júpiter, 225 Fone: (54) 3212-5140. Caxias do Sul/RS.

## IMÓVEIS

Sandro Roberto de Campos. Escritório de Advocacia, assessoria na compra e venda de imóveis rurais em Tocantins. Tratar nos fones: (63) 3214-4828 ou (63) 9961-4645 Palmas/TO.

Vendo Fazendas, áreas rurais para agricultura e manejo de florestas e imóveis comerciais em toda a Amazônia, Rondônia, e Acre. Tratar com Luciani Alves de Mello pelos fones: (69) 8406-0537 ou (69) 3229-0998 e-mail [luciani.mello@hotmail.com](mailto:luciani.mello@hotmail.com) Porto Velho/RO.

Vendo Fazenda de 9.000 ha em Santa Filomena/PI. Cerrado, Calcário a 17 km, Região produtora de grãos. Preço à combinar. Tratar com Pablo Avelino pelo fone: (63) 8403-7222 ou e-mail: [pabloavelino@bol.com.br](mailto:pabloavelino@bol.com.br)

## Escritório Imobiliário Rural

Fazendas no Sul Compra e Venda  
Negocie com quem tem tradição e nasceu no ramo.  
Dr. Rafael Cáceres Gonçalves  
Creci 32177. Edson Creci 11635 (55) 3231-2000  
Rosário do Sul/RS

## INOCULANTES E FERTILIZANTES

Agrícola Rondon. Atuamos na área de fertilidade do solo, através dos Inoculantes Biagro 10, Micro Agro e Adubos Manah. Fone: (66) 3423-2363 ou e-mail: [agronдон@brturbo.com.br](mailto:agronдон@brturbo.com.br) Rondonópolis/MT.

Bio Soja. Empresa que produz e comercializa inoculantes e fertilizantes. Rep. Tec. Comercial Engº Agr. Alan Brasileiro. e-mail: [alanbrasileiro@uol.com.br](mailto:alanbrasileiro@uol.com.br) Fone: (77) 9971-8246. Luis Eduardo Magalhães/BA.  
Fertilfol Fertilizantes Ltda. Trabalhamos com fosfatos, adubos e sementes. Fone: (66) 3498-1236 Primavera do Leste/MT.

## LATICÍNIOS

Laticínios Buriil Ltda. Produzimos queijo mussarela, coalho, requeijão do norte e vinho de Jenipapo. Tratar com Luiz Walter pelos fones: (79) 3544-1265, (79) 3544-1262 ou (79) 9986-2066. Araruama/SE.

## LEILÕES

Recinto de Leilões Anísio Hadad Ltda. Leilões todas as quintas-feiras. Endereço: Rodovia BR 153 no Km 71 Zona Rural. Fone/ Fax: (17) 3227-2299 São José do Rio Preto/SP.

## OUTROS

A Ovelha Manual Prático Zootécnico. Autor: Zootecnista Iracilde Goulart de Souza. Proprietário da Cabanha Seu Irineu, comercializa carneiros da raça. Ideal. E-mail: [iracildeaovelha@yahoo.com.br](mailto:iracildeaovelha@yahoo.com.br) Contato pelos fones: (55) 3422-2442 ou 9997-2214 e pedidos para a Av Assis Brasil, 671. Alegrete/RS.

Certaja - Parceria do homem do campo. Fone: (51) 3653-1256 Filial Vendinha Fone: (51) 3657-1030. Visite o nosso site: [www.certaja.com.br](http://www.certaja.com.br) Taquari/RS.

Fábrica de Farinha de Milho Santo Antônio. Farinha de Milho Biju Torrada. Rua Carlos de Carvalho, 1419. Tratar com Sr. Darci Pasin pelo fone: (45) 3223-6590. Cascavel/PR.

Isdralit Ind. e Com. Ltda. Fabrica e vende telhas de fibrocimento, caixas d'água de polítileno de 320 a 15 mil litros, tubos e conexões em pvc. Fone: (41) 2103-2103 ou 0800-512295. Endereço: Rua Asdrúbal Bellegard, 305.

**Garanta a exclusividade de sua Marca. Registre!!!**



**Poli & Kawski**  
Consultoria e Assessoria em Marcas e Patentes

Av. Otto Niemeyer, 2.716 - Sl. 301 - Bairro Cavalhada - CEP 91.910-001 - Porto Alegre/RS  
Fone/fax: (51) 3242.4077 - [www.polikawski.com](http://www.polikawski.com) - [polikawski@brturbo.com.br](mailto:polikawski@brturbo.com.br)

Pesquisas e análises de Marcas e Patentes  
Licenciamento e Averbações de Contratos

Registro de Marcas e Patentes  
Transferência de Tecnologias  
Avaliação de Marcas e Patentes  
Direitos Autorais



## O seu novo espaço para comprar e vender tudo o que você precisa

### Curitiba/PR.

Laborvet Assistência Técnica Veterinária em Inseminação Artificial, Transferência de Embriões e Serviços de Barriga Cheia. Fone: (66) 3422-3898 ou (66) 9954-4448 e-mail: laborvet@terra.com.br Rondonópolis/MT.

**SÊMEN BOVINO** Sêmen de todas as raças e centrais (Nelore, Gir, Holandês, Brahman, etc). Rep. Nova Índia/Semex. Condições especiais para criadores. Pagamentos em até 10x. Site: [www.snsemem.com.br](http://www.snsemem.com.br) Fones: (17) 3279-9030 ou (17) 9605-6623. Olímpia/SP.

### PRODUTOS DA LAVOURA

Leo Comércio e Indústria de Cereais. Compra, venda e beneficiários. Fone: (66) 3386-1372 São José do Rio Claro/MT. Moinho de Trigo Pantanal. Produzimos farinha de trigo especial para todo o Brasil. Fone: (67) 3425-1133 e-mail: moinhopantanal@douranet.com.br Dourados/MS.

**Uniceres Comercial Agrícola Ltda. Especializada em produtos agrícolas. Endereço: Rodovia PA 125 nº 672. Contato pelo fone: (91) 3729-3835 / Fax: (91) 3729-1137 Paragominas/PA.**

Vende-se saldos de feno de azevém. Tratar com sr. Alan pelo fone (54) 3504-8079, Ipiranga do Sul/RS.

### REPRESENTANTES

Marcílio Tatu. Representante Alta Genetcs. Fones: (38) 3821-5726 e (38) 9988-1721 e-mail: montesclaros@altagenetcs.com.br Janaúba/MG.



**Vende-se Plataforma de milho marca Vence Tudo, 4 linhas, colheu apenas 50 hectares (super nova) contatos com Jorge Freitas pelo fone: (51) 9954-7173. Porto Alegre/RS**

### SEMENTES EM GERAL

Camargo Representações. Compra e venda de milho, soja e sorgo. Tratar com Sr. Joberto José Camargo pelos fones: (34) 3421-9807 ou (34) 9974-2321 e-mail: camargoldta@netsite.com.br Av. JK, 1285. Frontal/MG.

MT Grãos Comércio e Exportação de Grãos Ltda. Contato pelos fones: (65) 3308-2488/ (65) 3308-2431 / (65) 3308-3701 ou (65) 3308-4013 e-mail: mtgraos@mtgraos.com.br - Site: [www.mtgraos.com.br](http://www.mtgraos.com.br), Rua dos Flamboyants, 210 N, Centro Nova Mutum/MT.

Recebimento e comercialização de cereais e oleaginosas. Tratar com o Engº Agr. Ivan Crestani fone (54) 3504-8008 Lagoa Vermelha/RS.

Sementes Paiva Armazéns Gerais. Assessoria para Usinas. Prestação de serviços e logística Fone: (18) 3361-2000 Paraguariz/SP.

Sementes Pereira Ltda. Vende-se sementes de pastagens Fone: (18) 3991-1352. Mirante do Paranapanema/SP.

### SERVIÇOS

Assessoria Veterinária. Exames de brucelose e tuberculose. Habilitado pelo MAPA. La-

boratório próprio. Preços competitivos. Fone: (11) 3966-9484 ou (11) 9913-0021 e-mail: neviopsiqueira@uol.com.br São Paulo/SP.

BSB Rural. Serviços de planejamento e projetos agropecuários da região de Goiás e Distrito Federal. Tratar com Sr. Luciano pelos fones: (61) 3362-8834 ou (61) 9644-6905. Brasília/DF.

Elaboração de Projetos Agropecuários. Assessoria Técnica em fruticulturas. Tratar com Sr Lamario pelo fone: (94) 3337-1201. Brejo Grande do Araguaia/PA.

EMATERPS - Assessoria de Serviços Agrícolas Ltda. Trabalhamos com a elaboração de projetos agrícolas, assistência técnica e irrigação em todo o estado de Alagoas. Tratar com Luiz Carlos C. Veras pelo Fone/Fax: (82) 3281-5182 ou Celular: (82) 9989-1149. União dos Palmares/AL.

Hidrogoiás - Hidroplan Hidrologia e Planejamento Ambiental Ltda. Serviços de licenciamento ambiental e outorgas de água para irrigações, barragens, piscicultura e outros. Fone/ Fax: (62) 3284-1000 Site: [www.hidrogoias.com.br](http://www.hidrogoias.com.br) Goiânia/Go.

Jambo Assessoria Consultoria. Planejamento Agrícola Ltda. Elaboração de projetos agropecuários, serviços topográficos e georeferenciamento de imóveis rurais. Tratar com Dr. Lauri pelo fone: (44) 3649-5744 e-mail: assisplan@visaonet.com.br Palotina/PR.

MZ Consultoria Agrônômica. Trabalho de consultoria e assistência técnica, soja, milho e arroz. Tratar com Engº. Marcos Roberto Zulli. Fones: (65) 9995-8073 ou (65) 3326-9608

## COMBATA DEFINITIVAMENTE RATOS E MORCEGOS COM O REPELENTE ELETRÔNICO

# RATEC



Tecnologia de ponta

Não afeta animais domésticos

Equipamento ecologicamente correto

Disponível em cinco modelos 300, 700, 1000, 1200 e 1500 m<sup>2</sup>

Distribuímos para todo Brasil



**Ecotech Projetos Eletrônicos Ltda.**

Av. Amazonas, 7675 - CEP 30510-000 - Belo Horizonte - MG  
**Fone: (31) 3319-5245 - fax: (31) 3388-7522**  
Site: [www.ecotechprojetos.com.br](http://www.ecotechprojetos.com.br)

e-mail [mzconsultoria@terra.com.br](mailto:mzconsultoria@terra.com.br) Tangará da Serra/MT.

Sojamar Comércio e Representações Ltda. Compra e venda de cereais, armazenagens e serviços. Fones: (99) 3541-4763 ou (99) 9979-1364. Balsas/MA. Tromink Confiabilidade em Peças Industriais e de Armazenagem. Av. dos Imigrantes 1020 Fone/Fax: (55) 3375-7200 e-mail: vendas@tromink.com.br site: [www.tromink.com.br](http://www.tromink.com.br) Panambi/RS.

Prestação de serviços para lavoura: preparamos a terra, plantamos e colhemos arroz e soja. Dispomos de um caminhão, quatro colheitadeiras e cinco tratores. Tratar com Sr. Carlos Otávio pelo fone (55) 9905-6699. São Gabriel/RS.

### TRATORES E IMPLEMENTOS

Agro Baggio Máquinas Agrícolas Ltda. Concessionária John Deere Tratores, colheitadeiras, plantadeiras, peças e serviços. Tratar com Sr. Eli pelo fone (66) 3531-7498. Sinop/MT. Casa do Trator - Palmeira Tratores Ltda. Rua: Trinta de Outubro, 116 A. Fone: (82) 3521-8771 Arapiraca/AL.

Conquista Máquinas Agrícolas. Comércio de Tratores e Implementos Novos e Usados. Endereço: Rua Ipiranga, 2912 A Cep 17900-000 Fone: (18) 3822-3171. Dracena/SP.

Cattoni Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda. Implementos e pulverizadores para fruticultura. Semeador e pulverizador para cereais. Visite nosso

site: [www.cattonimaq.com.br](http://www.cattonimaq.com.br) Fone: (47) 3376-1860. Jaraguá do Sul/SC.

Metalúrgica Quatro Irmãos Ltda. Fabrica plainas, niveladoras, reboque para transportar máquinas, taipadeiras, rodas: auxiliar, lentilhadas e gaiola. Fone: (51) 3671-2066. Camaquã/RS.

Maglon Motosserra Ltda. Vende-se produtos de implementos agrícolas, jardinagem e de uso doméstico. Tratar com o Sr. Pedro pelo fone (43) 3327-2020 Londrina/PR.

Tratores e colheitadeiras usados, várias marcas e diversos modelos. Consulte-nos pelos fones: (55) 3322-6680 ou (55) 9973-5643. E-mail: [macvendas@laguna.com.br](mailto:macvendas@laguna.com.br) Cruz Alta/RS.

## MARINITEL

Telecomunicações, telefonia, internet por microondas

INSTALE UMA BASE WI-FI EM SUA CASA, EMPRESA OU EM UMA COMUNIDADE PARA VÁRIOS ASSINANTES.

Este equipamento lhe permite acesso a sinais de telefonia e de dados em um lugar remoto, proveniente de um lugar onde há linha telefônica e internet disponíveis.



Atuamos também nas áreas de telefonia por monocanal, equipamentos de radiocomunicação em UHF FM, VHF FM, SSB (fixos, móveis, portáteis), telefone sem fio, ruralcel, antenas, rádios comunitários, projetos da Anatel, serviços de instalação e assistência técnica.

Av. Plínio Brasil Milano, 2.304 - Porto Alegre/RS  
Fone/fax: (51) 3341.6966 • E-mail: [marinitel@uol.com.br](mailto:marinitel@uol.com.br)



**AGRÍCOLA CACHIMBO**  
PRODUTOS AGRÍCOLAS,  
VETERINÁRIOS,  
ADUBOS E SEMENTES

RUA MACHADO DE ASSIS.  
Nº 89 - CENTRO  
COLIDER/MT

Sistema de Rastreamento  
e certificação de animais

REPRESENTANTE  
BRASIL CERTIFICAÇÃO

(66) 3541.1060  
FALAR COM ANDREA

## AGROFRONZA AGROPECUÁRIA

Tudo para  
Agricultura e Pecuária

ADUBOS MANAH  
RAÇÕES SUPRA  
Produtos Agropecuários  
em geral

Av Duque de Caxias, 275  
CEP 98930-000  
Tucunduva/RS

E-mail:  
[zeferino@terra.com.br](mailto:zeferino@terra.com.br)  
Fone : (55) 3542.1052

Leandro Mariani Mirmann



Walter Arns

Arrozeiro, pecuarista e presidente do Sindicato Rural e Associação Rural de Uruguaiana/RS

# Arroz: produção em alta, PREÇOS nem tanto

**A Granja — Qual é a sua expectativa para a colheita, em relação à produção e produtividade? O clima colaborou?**

**Walter Arns** — Com respeito à produção eu creio que vamos bater novamente o recorde no Rio Grande do Sul. Tudo indica em função, principalmente, do clima. Embora muitos afirmavam, mas acho que não mais, que podia haver uma diminuição, porque em função da forte crise que abala o setor, crise de preços, muita gente não estaria aplicando a mesma tecnologia na lavoura — adubação e insumos químicos e, em alguns casos, até mesmo irrigação. Por tudo isso, teríamos uma produção menor que no ano passado. Porém, não acredito.

**A Granja — E quanto aos preços?**

**Arns** — Por estarmos colhendo bem, o preço, pelo menos no início desta nova safra, vai continuar em patamares bastante preocupantes. Mas neste ano, diferentemente de 2005, temos uma expectativa de melhora nos preços no segundo semestre, tendo em vista que o Brasil como um todo vai colher menos arroz. O nosso maior competidor, o Centro-Oeste, teve uma queda substancial na área plantada e, por consequência, da produção. Isso fará com que tenha uma menor pressão de oferta, principalmente no segundo semestre, e se espera, então, uma recuperação de preços. Existe uma máxima, que não foge nunca, que é a relação oferta e procura. Quando tivemos pouca produção, até dois anos atrás, chegamos a atingir R\$ 40 à saca do arroz (50 quilos). Isso automaticamente induziu o produtor a produzir mais. Foi um incentivo bárbaro. Nada melhor do que o preço para incentivar o aumento de produção. Mas, em consequência, houve queda

na cotação.

**A Granja — Como os governos poderiam interceder para ajudar o setor?**

**Arns** — Muitas lideranças ligadas ao setor vivem sempre do discurso que é importante o governo intervir no mercado. Acreditam piamente que o intervencionismo é benéfico. Eu não concordo. Acho que exatamente este alto nível de intervenção do governo na nossa atividade é extremamente prejudicial. Discordo profundamente quando nossas entidades pedem cada vez mais intervenção. Sempre com o intuito de beneficiar o produtor pedem intervenção na comercialização e na garantia de preços. Isso, ao longo dos anos, tem trazido muito mais prejuízos do que benefícios ao produtor. Todas às vezes que vamos pedir alguma coisa ao governo, ele se achará no direito de usar estas políticas ao seu favor.

**A Granja — De que forma ocorre isso?**

**Arns** — Por exemplo, este é um ano eleitoral, e nos preocupa sobremaneira que o governo tem estoque de arroz em suas mãos. E estes estoques estão nas mãos do governo unicamente porque o setor pediu, no ano passado, que ele comprasse arroz. Então, o governo comprou arroz no ano passado, e neste ano certamente ele vai usar este estoque contra nós. Se no ano passado nos beneficiou, entre aspas, neste ano certamente isso nos prejudicará. Sempre que houver uma intervenção não teremos bons preços, porque o governo tem esta arma na sua

mão. E ele vai usar este estoque, segundo os seus interesses. Neste ano, certamente vai querer que o consumidor tenha acesso a um arroz barato, etc., porque está usando este discurso da cesta básica, e o arroz é um produto básico da composição.

**A Granja — Os mecanismos de comercialização de apoio do governo como PEP, Prop e EGF são eficientes para dar sustentação ao preço?**

**Arns** — Tenho dito publicamente e sem medo de errar: o Prop foi um grande equívoco no ano passado, e mesmo assim algumas lideranças insistem no Prop. Acho que este mecanismo não serve para os nossos objetivos, porque não tira nenhum produto do mercado, apenas transfere de propriedade. O PEP idem. Somente terá uma utilidade para nós se ocorrer o que algumas lideranças estão pedindo: que seja usado exclusivamente para exportação do produto. Não simplesmente deslocar dentro do Brasil. Se for usado para exportar, então enxugaria e diminuiria a pressão de oferta interna e poderia ajudar de alguma forma na melhora dos preços internos. Nós deveríamos tentar desenvolver este mecanismo para que seja usado exclusivamente para a exportação. A grande justificativa por parte do governo para não usá-lo na exportação é que a OMC não permite que se subsidie. Mas acho que podemos criar formas para que se possa ser usado. ■

*Sempre que houver uma intervenção não teremos bons preços, porque o governo tem esta arma na sua mão. E ele vai usar este estoque, segundo os seus interesses*

**ANÚNCIO**

**ANÚNCIO**